3 1761 07047199 0

PQ
9261
V276M3
1920

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/marnosporteixe00pasc

414

MARÁNOS

OBRAS DO AUCTOR

EM 2.ª EDIÇÃO:

SEMPRE — 1915.

TERRA PROHIBIDA — 1917.

ARTE DE SER PORTUGUÊS — 1920.

MARÁNOS — 1920.

TEIXEIRA DE PASCOAES

MARÂNOS

2.ª EDIÇÃO

PORTO
TYP. EMPREZA GUEDES
242, Rua Formosa, 248
—
1930

LIBRARY
FEB 9 1973
UNIVERSITY OF TORONTO
PQ
9261
V276M3
1920

DEDICATORIA

Galiza, terra irmã de Portugal
Que o mesmo Oceano abraça longamente;
Berço de brancas nevoas refulgindo
O espirito do sol amanhecente;
Altar de Rosalia e de Pondal
Iluminado a lagrimas acêzas,
Entre pinhaes, aos zéfiros, carpindo
Maguas da terra e misticas tristezas;
A ti dedico o livro que uma vez,
Embriagado de sombra e solidão,
Compuz sobre os fraguedos do Marão:
Este livro saudoso e montanhez.

I

MARÁNOS E ELEONOR

Marános era o Sêr que vagueava
Errante pelo mundo; a creatura
Que mais do seu espirito vivia
Que dos fructos da terra...

A noite escura
Em seus olhos se fez; e os povoou
De sombras e de espantos, porque o Espirito
É luz, mas foi a Noite que o criou.

E logo, a sua vida se tornára
Inquieta como o vento e como as ondas;
E mais alta, mais triste e mais sósinha
Do que um êrmo pinheiro alevantado
Na confusão sombria da noitinha...
E partiu pelo mundo; e o acompanhava
Um vulto escuro e palido: era a sombra
Que seu corpo terreno derramava ...
Ia tão falto de animo e esperança,
Que apenas o salvou da negra morte
Esta misteriosa sympathia
Que, semelhante á tua lyra, Orfeu,
Sabe encantar a noite e a luz do dia;
Sabe atrair as selvas que murmuram,

As nuvens e os rochedos taciturnos
E as estrelas do céu que nos procuram
Com seus olhos de eterna claridade.
Por isso, ele ia andando n'este triste
Enlevo da paisagem, n'este encanto
Que paira sobre as cousas e assemelha
Um murmurio de Deus, divino canto...

No madrugar do outono, quando as nuvens
'Aparecem no mundo; no arripio
Anunciador do Inverno, êrmo Phantasma
De cinza, folhas mortas, vento frio,
Chegou, de noite, a um sitio com pinheiros
E luar entre nevoas, situado
N'um alto que domina dois outeiros,
Um rio, um vale e, ao longe, uma montanha ..
E ali parou Marános pensativo...
E um silencio de lagrimas descia
Sobre o seu coração aflicto e mudo,
Que uma aragem de medo arrefecia,
Quando viu, muito perto, um Vulto branco
Desenhar-se na sombra do arvoredo,
Em diluidas fórmas e apagados
Contornos de esplendor e de segredo...
E Marános, confuso, olhava, olhava,
Aquela Aparição que deante d'ele,
Em brumas e silencios ocultava
Sua expressão perfeita e definida.

A Lua, que era nova e ia espargindo
Um luminoso e vago encantamento
Nas êrmas cousas palidas, sorrindo,

Mostrou-se d'entre as nuvens que se abriram;
E então com mais clareza e nitidez
A pôde contemplar; e, surprehendido
Ante a subita graça e esplendidez
Que em volta irradiava aquela estranha,
Mysteriosa e mystica Figura
Que seus olhos, ao vê-la, a imaginaram
Vinda de além da propria Formosura,
Lhe disse, n'uma voz que estranho mêdo
Agitára e turbára:

«Quem és tu,
Que n'esta solidão saudosamente
Me empeces? D'onde vens? Porque decreto?
És do mundo e da vida? ou simplesmente
Ilusorio Phantasma de beleza?
D'estas sombras chimericas que pairam
Á superficie irreal da Natureza...
Alvas fórmas aéreas, fluctuantes
Do coração da Noite esparso e oculto?...»

E a penumbra sentiu-se trespassada
Pela voz de Marános que era um vulto
De som: era uma sombra que se ouvia...

E a nocturna Visão aproximando-se
Do nocturno viandante:

«Eu sou aquela
Nuvem que teu espirito derrama
Sobre o mundo que a sente... assim a estrela
Sente, de longe, os olhos que a contemplam...
Eu sou a tua Alma aparecida;

Creatura imortal da tua dôr,
E vivo como tu, mas outra vida . . .
E choro como tu, mas outras lagrimas . . .
Este meu corpo mystico e velado,
Repára, é irmão do teu; mas um segredo
Que nunca foi aos homens revelado
Reveste-me de nevoas, faz de mim
A Sombra que fala . . . Em breve tempo
Tu saberás, Marános, porque vim,
A este monte sósinho . . . »

E no silencio
Tinha um alto relevo musical
A voz da Aparição que n'estes versos,
É uma voz morta, um echo sepulchral,
Quasi frio silencio doloroso . . .

E a Voz, sobresaltada, continúa:

« Levanta para mim os olhos tristes . . .
Entre eles e o meu corpo a luz da Lua
Abre abysmos de sonho e de tristeza.
Eu venho do mysterio que perturba
A noite do teu sêr . . . E quem sou eu?
A tua propria Alma, a Creatura
Que voluptuosamente concebeu
E deu á luz escura da Penumbra
Teu corpo de animal e de tragedia,
Que treme, que se espanta e se deslumbra
Ante a sua perfeita Creação . . .
Eu sou a tua Alma aparecida:
Sou a tua Mulher! Ah, tu não sabes

Que esta clara presença comovida
Ha quantos anos já que te persegue!
Quantas vezes, a sós, eu te falava,
Em segredo, baixinho e com amor.
E ao pé de ti, sorrindo, me assentava
E meu sorriso alegre te envolvia . . .
Mas tu andavas triste e vagabundo,
De olhos vagos, perdidos não sei onde,
Assim como se entre eles e este mundo
Uma nuvem somnambula pairasse . . .»

Marános ajoelhando fervoroso,
Pendeu-lhe a fronte ardente sobre o peito;
E algum tempo ficou silencioso,
E nem ousava olhá-la face a face:
Tal era a estranha força de dominio
Que brilhava em seus olhos imortaes!
A luz da Lua Nova era uma aragem
De sonho sobre a rama dos pinhaes . . .
Eram de sonho as pedras; e de sonho
A terra onde Marános ajoelhou;
E sonho era ele proprio; e sonho a noite;
E sonho era a Mulher que lhe falou . . .
E respondeu confuso e entontecido,
Como disperso em nuvens de emoção:

«Sabia que um amor desconhecido,
Um vago sobresalto interior
Ha muito tempo já me perturbava . . .
E em meus olhos tentava definir
Essa dispersa luz que me doirava
De longe; da Tristeza e do Mysterio . . .

E chorava e scismava, e para mim
Dizia:—Ó Sombra etérea que persegues
Meu sêr perdido e errante, sem um fim
Que lhe ilumine a vida e o seu destino!
Ó Sombra, toma corpo e carne viva!
E fala-me, e aparece! Quero vêr-te! —
E minha voz exhausta e fugitiva,
Caia-me nos labios quasi morta.
Mas tu vieste, emfim, se por acaso
Pertences a esta vida; se não és
Um Fumo d'este incendio em que me abrazo,
Uma Fórma irreal do meu delirio . . .»

« — Eu sou a tua Eleita, a Virgem pura.
E vim rasgar as sombras, desvendar
O mistico sentido da Natura
E o mysterio divino da tua Raça.»

E sentindo Marános sobre a fronte
O amanhecente alvor da sua mão:

«Bemdita seja a hora em que te vi
E esta sombria e calma solidão;
E esta noite de encanto e de silencio
Que assim como o teu rôsto me deslumbra:
E esta paz amoravel, e este doce
E chimerico beijo da Penumbra!

Ó Phantasma aparente e verdadeira
Creatura! Meu sonho e minha carne!
Rosa mystica! Estrela! Companheira
Da minha Dôr errante e caminhante,

Ah, não me deixes nunca! Nem tu sabes
A chamma que em meu peito vae lavrando
Depois que me falaste e que os teus olhos
Estão estes penedos animando!

«Ès da vida e do mundo, como eu sou;
Todo o meu sêr, emfim, te reconhece;
Meu sêr que já teu Vulto enevoou,
Emquanto fôste nuvem, sonho vago...
Agora és a Verdade, a Luz divina!
E a bruma que meus olhos abafava
Condensou-se na fórma crystalina,
Definida e perfeita do teu corpo.

«Subiste á superficie iluminada
Da Alegria bemdita e creadora,
Ó luz da minha vista naufragada
Na fundura oceanica das lagrimas!
E já se faz o dia! E vejo emfim!
Já vejo a luz sagrada! A cada instante,
Sinto-te, Deusa oculta, ao pé de mim;
Bafeja-me o teu halito divino ..
Ó Divindade, ampara-me e protege-me!
Dá-me o teu braço, e leva-me atravez
Do mysterio em que vives, d'essa noite
Toda feita da tua esplendidez...»

N'um movimento cégo e inconsciente,
Marános levantou-se; e comovido,
Tentou beijar-lhe a face, mas sómente
Beijou a noite, o luar, a sombra palida...
E nos seus labios trémulos sentiu

Um contacto de nevoa e de chimera,
Mas tão vivo e subtil que presentiu
Sua perfeita e viva realidade...

E a clara Aparição:

«Ó Creatura
Mortal e transitoria, eu imagino
Que és um Vulto da noite, uma Figura
Fingida ante os meus olhos... E por isso,
Na minha fronte a fome dos teus labios
Achou sómente a nuvem, a ilusão...»

E Marános, de novo, se encontrou
Com a noite, o luar e a solidão...
Pois aquelas palavras de mysterio
Lhe tornaram chimerica e afastada
A estranha Aparição; mas de repente,
Sua nitida fórma revelada
Desenhou-se na sombra que descia
Das nuvens todas cheias d'um sorriso...
Assim nos foge, ás vezes, a esperança
E subito, regressa de improviso!

E Marános então: «Como te chamas?
Pois nada ha sem nome n'esta vida,
Seja carnal ou bruta creatura,
Seja Espirito ou Sombra aparecida...»

«— Eleonor me chamo, já que o Verbo
Pôz um signal de som em cada cousa;
Signal que é a propria cousa, muitas vezes,

Em sua oculta essencia mysteriosa.
Ouve aquela palavra que é Saudade;
Vê tu como traduz a tua Raça
No que ela tem de funda intimidade
Religiosa, mystica, infinita...
Por isso, em ti, ó poeta lusitano,
Saúdo o novo Verbo e o Povo heroïco
Que apoz a descoberta do Oceano,
Em descobertas anda pelo Espaço.

«Mas tu pelo meu nome de Eleonor,
Não saberás quem sou; é necessario
Que interpretes a voz do teu amor,
Pois falará por mim teu coração...
Do que é meu Sêr ao nome que me deram,
Vae a imensa distancia indefinida
Que separa da Vida (vã palavra!)
Em sangue, febre e sonho a propria Vida!...»

E Marános tão palido e confuso
Ouvia... E Eleonor continuou:
(E no calmo silencio e luar difuso
Como um cantico de anjos ondulava)

«Eu sou a eterna Luz que te fecunda,
Meu Creador e Amante! Ó tôrva Fonte,
D'onde meu Sêr espiritual dimana,
Como as estrelas nascem do horisonte...
Ó pobre creatura entregue á Sorte;
Humilde espectro humano que a meus pés
Lembras escura sombra mortuaria
Recortada na viva esplendidez

Do meu corpo lunar... segue meus passos;
Saberás o que nunca imaginaste;
Em mim has de encontrar o que debalde
No mundo a que pertences, procuraste.
Ouve meu canto e guarda-o na memoria,
Se desejas viver a Vida eterna
Em tua fragil vida transitoria...
Eis o grande segredo, o meu Segredo.»

E emquanto assim falava, a propria Noite
Abria os labios tristes e sorria...
E cada estrela apenas nos mostrava
Um longinquo vislumbre do seu dia.
E o Silencio divino e a sua amante
A Solidão bemdita, de mãos dadas,
Vagueavam nas trevas em que o Dante
Pôz o idylio de Paulo e de Francesca.
E Marános ouvira aquele Vulto
Que mais lhe recordava um sonho infindo,
Uma chimera vã, embora houvesse
Phisionomia clara e gesto lindo...
Sonho que lhe falava de tão perto,
Em luminosa voz, marulho de agua,
Ou suspiro de brisa n'um deserto,
Passos de nevoa erguida e caminhante...

E como quem se encontra, de improviso,
Por oculta tristeza dominado,
Que nem dá mesmo tempo a que um sorriso
Se apague em nosso rosto escurecendo-o,
Marános exclamou:

«Mas afinal

Eu não sei quem tu és; eu não descubro
O que ha de vivo, nitido e real
Na aparição estranha do teu sêr!
Tu falas... mas as vozes são phantasmas...
Teu gesto é o d'uma sombra de ramagem
Quando perpassa o zephyro... e os teus olhos
Lembram noturnos longes de Paisagem...
São phantasmas teus labios, onde apenas
Minha anciedade chega, e já cansada...
Phantasma é a tua grande formosura
Que, ainda além da Beleza, foi creada!

«Quem és tu! Quem és tu, ó minha Alma?

«Não te conheço, não! E todavia,
Vejo teu lindo rosto, e sinto bem
A minha dôr beijar tua alegria!
Se és luz, dissipa a nuvem que te veste!
Toma presença humana, ao pé de mim!
Antes fosses um tronco ou rocha agreste
Do que essa Fórma animica e ilusoria!»

E ela então: «Se entendeste a minha voz,
É porque sou vivente creatura...
E é perfeito signal de que eu existo
O teu amor por mim, essa ternura.
Não sabes quem eu sou? Mas para quê
Desejas tu saber! Mais vale amar!
É luz crucificada a luz que vê...
E saberás um dia quem eu sou.»

E Marános mais triste e pensativo,

Sentiu arrefecer nas suas veias
Esse vermelho sangue primitivo
Que outr'ora florescia o corpo humano.
Era uma arvore morta projectando
Sombra viva de espirito e de amor,
Erguida sobre a terra, á luz da Lua . . .
E era esta sombra o vulto de Eleonor.

E palido e cansado da emoção
Que a aparecida Imagem lhe causou,
Encostou-se a um rochedo que um antigo
E tragico diluvio ali pousou.
E doce, intimamente adormeceu
Junto áquele penedo . . . E a linda Noite
Com sua trança esparsa pelo ceu,
Ia fugindo ao Sol apaixonado . . .

II

MARÁNOS E A PASTORA

Já da serra fronteira a bela Aurora
Nascia toda luz; e já nas fontes
Os seus cabelos de oiro derramava
E nas encostas íngremes dos montes,
Quando a brisa pousando a sua mão
No rôsto de Marános, o acordou;
E sentiu novamente o coração
Bater... e extasiado olhára o mundo!
Que divina alegria mysteriosa
Parecia descer na luz do sol
E inundar a Paisagem radiosa,
Cravejada de lumes e de côres.
E Marános sorria n'um desejo
De cantar, de voar! E no seu corpo
Um vago, esparso, indefinido beijo
Acendia-lhe o sangue alvoroçado.
E como as aves cantam, de manhã,
Alegre, ele cantava unicamente
Por se sentir viver!
E n'um delirio
De pura exaltação e amor ardente
Que toca as proprias cousas insensiveis,
Voltado para o céu, que era uma flôr
Desprendida da Terra, assim dizia:

«Hora do eterno e do fecundo amor!
Hora em que acima do horizonte escuro
Se encontram, rosto a rosto, o Sol e a Lua!
Hora estranha e sagrada do Futuro,
Hora da nova prece, hora bemdita!
Hora em que o Sol e a Lua se contemplam
Em casto amor e doce claridade;
Hora do Idylio cosmico e profundo,
— Beijo que é o Tempo; amor que é a Eternidade!
Hora em que a Vida e a Morte, n'um abraço
Se casam e fecundam! Hora estranha!
Hora de sombra e luz! Hora das minhas
Trindades! Hora santa em que a Montanha
É alma e corpo; é rocha e nevoeiro...
De joelhos, orando, eu te saúdo,
Como a sombra sósinha d'um pinheiro,
Com suas mãos phantasticas erguidas,
Saúda o Corpo e a Luz que a procrearam.»

Depois beijou a terra, onde seus olhos
A aparição da Noite contemplaram
E a divina surpreza da Manhã...
Era um logar alegre que nos fala
Á alma, por ter alma como nós...
Alma antiga e profunda que se exhala
Das cousas; e, subindo no ar parado,
Enevôa de sonho e de emoção
As ramagens extaticas das arvores
Que vivem mais de luar e solidão
Do que da propria terra onde nasceram.
Era um amavel sitio, onde os pinheiros
Viviam mais alegres e libertos

Dos tôrvos e noturnos nevoeiros,
No céu vibrante de azas e de luz.
E ali perto, uma fonte seu murmurio
De gloria ao Sol bemdito murmurava :
Era a onda de agua clara que a ternura
Em onda de harmonia transformava...
E Marános ouviu subitamente,
Pela primeira vez, a clara fonte,
Como se ela mais viva, de repente,
Se puzesse a cantar em alta voz.
E ancioso, voltou-se para aquela
Doce canção das aguas, quando viu,
A pequena distancia, uma Donzela
Sósinha, apascentando o seu rebanho.
E ao ver-se contemplada, se tornou
Mais timida e inquieta... e um roseo alvor,
Acêso em sua fronte, se casou
Com o sol já mais alto dos seus olhos.

E Marános olhava surprehendido
A Pastorinha mystica e selvatica...
E em torno dela, assim como esquecido,
O rebanho pastava nas encostas.

Era formosa e linda em sua graça
Tangivel e corporea ; o sangue vivo
Punha um signal de vida e realidade
Em seu rosto perfeito ; e um primitivo
Ar inocente e agréste lhe pairava
Na limpidez da fronte ; e nos seus olhos,
D'um negro sério e mystico, brilhava
A luz da Edade de Oiro ; e sua clara,

Diaphana atitude harmoniosa
Subia para o sol da terra escura,
N'um impeto tão firme e embrandecido,
Que era uma estatua em marmore e ternura.

E Marános julgou que regressára,
Com a luz da manhã, a bela Imagem
Que a Noite, para longe, lhe levara;
Mas logo viu que tinha ao pé de si
Corpo vivo e sensivel, e que um ventre
O concebêra em ancias de pecado
E de prazer divino, e o déra á luz
Do mundo... E então lhe disse deslumbrado:

« Ó linda Flôr dramatica e animal!
Eva, filha do Amôr, em ti saúdo
O divino pecado original
E a Dôr que multiplica as creaturas!
És a Mulher, a Sombra primitiva
Que deu á luz gritando a luz do sol!
O beijo da Creação, a Estrela viva,
A alegria dos Homens e dos Deuses.
O sangue espiritual da Natureza
Percorre as tuas veias, florescendo
Em sympathia e candida beleza
Á superficie virgem do teu rosto;
E depois, tua fronte emoldurando,
Tornou-se negro, esparso... e é teu cabelo.
E seus fios remotos vão prender-se
Á estrela d'alva, ao sol, ao sete-estrêlo!
Porque a tua beleza esclarecida
Não termina em teu rosto, e se prolonga,

E vôa, e sobe, e abrange toda a Vida
E todo o céu, o inferno e toda a Morte!
Onde termina a côr que tens na face?
Onde começa a luz do teu olhar?
O céu beija-te os labios; e esse beijo
Através d'ele vôa sem parar,
Dando ás nuvens o fogo que as devora,
E dando á estrela a luz que ela derrama;
E põe nas aureas mãos da Deusa Aurora
O eterno Facho ardente e fecundante».

E Marános olhava para aquele
Encanto, n'um desejo! como quem
No seu olhar se integra e vae com ele
Até á cousa vista e desejada!
E sentia a Donzela em pleno rosto
Aquele olhar ardente que lembrava
Lume de braza viva; e nem sequer
Se atrevia a fitá-lo ou lhe falava...
E a roca em suas mãos estremecendo
Emaranhára a estriga e o loiro fio...
Mas, por fim, n'um esforço, recorrendo
A todo o seu vigor, assim lhe disse:

«Quem és tu? Porque falas com a tua
Propria sombra em voz alta? E te diriges
Ao sol que te não ouve e á luz da Lua
Que é reflectida luz de indifferença?
Vens de longe, talvez... Na tua fronte
Paira o vago crepusculo infinito
Da distancia...

Mas tu, quem quer que sejas,
Meus olhos fascinaste; e se medito
N'essas tuas palavras, onde eu toda
Me sinto reviver em formosura,
Meu coração acorda alvoraçado,
Como quem ouve em alta noite escura,
Bater o vento ás portas e ás janelas;
E estremunhado ainda, se levanta,
E vê que já mal brilham as estrelas
E que a noite se afasta e o sol é perto.
Assim a tua voz ouvindo agora,
Despertei d'este somno em que jazia;
E já vivo outra vida; e nova aurora
Contemplo; e tudo, em mim, rejuvenesce...

E Marános, tomado de coragem
Olhando-a com mais alma, n'uma voz
De quem reza, falou á sua Imagem:
(Oh mais á sua Imagem que a ela propria!)

«És a Virgem da terra onde nasceste.
Estas arvores vivem da tua graça;
E as searas dos campos reverdecem,
Quando sobre elas teu sorriso passa!
E as aves d'este ceu vão procurar
Fios do teu cabelo para o ninho,
E a funda inspiração para cantar
Á mensageira luz que tens nos olhos.
És a Senhora do Èrmo, e d'estas fontes
A liquida alegria que as sustenta;
És a Menina Ungida d'estes montes,
És a Virgem Eleita dos pinhaes!

És a sombra das arvores, ao sol;
O Lyrio, a Rosa da divina côr!
És a Senhora da Esperança nova,
A Venus virginal do novo Amor!»

E os olhos de Marános encontraram
Os labios da Donzela; e de repente,
Suas palavras palidas tomaram
Vermelha, alegre côr voluptuosa:

«Minha segunda e viva Aparição,
Verdadeiro milagre da Beleza;
Não és phantasma, sombra, sonho vão
Que nasce do Desejo insatisfeito,
Se tens na face a côr que só a vida
Ás cousas que ela anima, sabe dar...
E de teus pés se alonga comovida
A tua sombra em flôr...
Ah, vejo bem
Que és do meu Reino, e filha do Desejo
Consumado! E ainda trazes nos teus labios
Perfumes e vestigios d'esse beijo
Que foi a aurora ardente do teu sêr!
Beijo que me embriaga, como se eu
Fôsse acaso teu pae! e que me aviva
Esta fome carnal do meu espirito,
Que ele tem fome, sim, de carne viva!»

Mas, subito, Marános entristece,
Como o sol quando nuvem passageira
Lhe vela o rosto em brasa... E eis que arrefece
Sua voz que se torna mais sombria,

Confusa voz noturna, de entre nevoas:

«Quem sabe se tu és, ó Creatura,
Um Espectro mais proximo e visivel?
Uma Sombra mais densa e mais escura?
Quem sabe o que tu és? E nem eu sei
Já distinguir o Espirito do Corpo!
Um phantasma chimerico beijei,
Imaginando-o um vulto de mulher!

Formaturas aéreas, fingimentos,
Serão as tuas formas virginaes?
Quem sabe se o teu rosto florescido
Como um jardim humano, não é mais
Do que uma branda nevoa enganadora
Que o meu desejo funde e crystalisa
N'essa tua aparencia que esta aurora
Veste de oiro e de rosas?...»

E Marános,
Como absorto e scismatico ficou,
Olhando-a longamente com uns olhos
Onde esta luz de vêr se transtornou,
O que fez á Donzela grande medo!
Pois imaginou logo que a loucura
Dominára Marános, de repente;
E disse-lhe tomada de piedade:

«Acaso algum desgosto intimamente
Te assaltou, de improviso? ou descobriu
Alguma nova dôr teu coração?
Trazes comtigo o espanto de quem viu

Milagre ou maravilha! . . .
Que segredo?
Ou que sombra da terra ou luz do céu?
Que sonho, que delirio te persegue?
Que tragico phantasma te empeceu?
Ou do teu proprio espirito possesso,
Andas errante e doido, sem achar
Algum Deus que te arranque das entranhas
Essa Sombra que turva o teu olhar,
Esse intimo Demonio que em ti vive?»

«Estranho é o que me dizes! Quem és tu?
Lhe perguntou Marános. Logo vi
Que eras um puro engano dos meus olhos . . .
Mas tambem que me importa, se eu vivi
Essa ilusão? . . . Se tudo quanto vivo
Se converte em verdade e realidade;
Fica a ser d'este mundo como eu sou . . .»

E a Pastôra sorrindo (era a Bondade
Em onda luminosa á flôr d'uns labios)
Mais claramente agora interpretava
As palavras confusas de Marános,
Que a loucura, esse espirito, animava . . .
E assim lhe disse:

«Ó vaga creatura,
Estranho caminhante da tristeza,
Peregrino que vens da noite escura,
Atráe-me a tua voz enlouquecida!
Tu fallas . . . e teu verbo luminoso
Lembra um sol d'entre nuvens, creador

De sombras e visões!
Ó mysterioso
Caminheiro que vieste á minha terra,
Tua propria loucura me seduz!
Essa altitude animica e nevoenta,
Que toca nas estrelas, onde a Luz,
Para voar, voar! se veste de azas...

«Comprehende-te, já vês, o meu instinto.
Esta noite em que vivo se alevanta
Á altura d'essa luz em que tu vives,
E em que a minh'alma timida se espanta!
Ha nas tuas palavras um abysmo;
Ouvindo-as, logo sinto uma vertigem!
E em sobresalto chora e esconde a face
O que em mim é vedado, occulto e virgem.
A parte mysteriosa do meu sêr
Ama a sombra espectral do teu delirio!
E até me custa, sim, comprehender
Esta força amorosa que me leva
Para a tua loucura...
Ah! tu não sabes
Se eu existo, se vivo; e confundiste
A carne palpitante que me veste
Os ossos de desejo, com a triste
Irrealidade palida das sombras!
Já não me avisto a mim! Não sei quem sou!
Como vento de fogo, a tua Duvida
Minha forma corpórea evaporou!...
E já me desconheço! Eis o motivo
Porque te amo ainda mais...
E quem sou eu?

A deusa que disseste? ou fugitivo
Phantasma de donzela enamorada
Que estes montes saudosos conceberam?
Os teus olhos que vêm? Que vêm teus olhos
Atravez d'essas nuvens que esconderam
O sol latente e vivo em cada corpo?
Que vê tua loucura, quando fala
Ás êrmas cousas mortas que te cercam?
E em mim que verá ela, quando exhala
Esse túrbido fumo de magia
Que imaterialisa as proprias pedras?
Mas não sou eu que falo! Não sou eu!
Que voz, que estranha voz, me sobe aos labios?
Dir-se-hia que estou grávida do teu
Delirio que me beija e que me abraça!
Sinto meus seios túmidos de sonho!
E em meus olhos brumosos se adelgaça
E já se desvanece a minha vista...»

As meigas ovelhinhas, com surprêsa,
Pareciam olhá-la... E a sua trança
Desprendida, fluctua: é luz acêsa
A direcção do Zephyro indicando...

E Marános: «Pastôra d'estes montes,
Estranha é a tua voz que me revela
Que tu não és apenas a mulher
Que veiu ao mundo só para ser bela!
Não és a luz que apenas ilumina,
Mas és tambem a luz que vê... Não és
Aquela estatua rigida e divina,
Eternamente amada e sem amar!

Grande e oculto milagre para mim
Achar na luz da tua mocidade
A mesma Sombra ignota que persegue
Meus passos... Quem és tu? És a Saudade?»

E a Donzela: «Sou eu! Sou eu! Repara
No sangue do meu pulso que lateja!
Não vês o meu olhar beijar teus olhos?
Não vês a minha sombra como beija
A sombra do teu corpo?... Dizes bem:
Fica longe de nós todo esse idylio...
É um idylio de sombras, muito além,
Nas distantes florestas...»

E inclinando
A alva fronte, a Pastôra emudeceu...
E Marános, na tôrva tentação
Da chimera, do espirito, do céu,
Sem vêr, sem comprehender, exclama ainda:

«Ai de ti! Ai de mim! Como é que a Dôr
Outra dôr alivia! Qual a chamma
Que outra chamma extermina?...

Eu quero amar
O que é eterno e vivo e que não ama!»

III

MARÁNOS, ELEONOR E A PASTORA

Logo que estas palavras fôram ditas,
Uma nuvem o sol escureceu.
E de novo, Eleonor surgiu da sombra
E mysteriosamente apareceu . . .
Um crepusculo terno diluia
A nitidez cortante das arestas;
E no cinzento azul quasi se ouvia
Uma canção de sombra, um som brumoso . . .
Era a hora sem fim da meia luz;
Uma visão diurna do sol-pôr,
Quando as fórmas mais finas se destacam
E toma vida e corpo o nosso amôr.
Era esta luz baixinha e milagrosa,
Que sabe dirigir os nossos olhos
Para a essencia das cousas, mysteriosa,
Para a Beleza imaterial e pura.
Era a sagrada luz n'aquele instante
Em que se torna sombra, e, sem deixar
De alumiar o mundo, já permite
O nascer das estrelas e o cantar
Dos passaros sedentos de penumbra.
Era o sol comovido, extasiado
Ante uma nevoa apenas, emanando
Espirito profundo e concentrado . . .

E Eleonor, tão alta e inacessivel
Em seu divino amor e formosura,
Emquanto a sombra viva do seu corpo
Era um desdobramento de ternura,
Contemplava Marános, em silencio. .
Tão confuso ficára e surprehendido,
Que em seus olhos a luz se enevoou;
E por um sexto e intimo sentido,
Em desvario, olhava aquela estranha
Aparição! Sonho encarnado! Amôr!
Alma tão evidente, que era corpo,
Perfume tão intenso, que era flôr!

O Zephyro passava e as tenras folhas
Vergavam sob o peso de seus pés...
E na calma penumbra alumiante,
E no grande silencio que se fez,
Como estrela que nasce ou flôr ou chamma,
A voz de Eleonor falou assim:

«Sou aquela que é amada e que não ama,
Porque o meu Sêr é eterno e virginal.
Eu vivo além do amôr e da tristeza,
Só porque existo e vivo além da morte.
E que és tu para mim, ó Natureza?
Um incendio chimerico e longinquo,
D'onde se exhala a branda claridade
Espiritual que eu sinto percorrer,
Como sangue, este corpo sem edade,
Na alegre e na perpetua Primavera...

«Manhãs em flôr, o sol, os altos montes,

A verde terra, o mar; tudo o que abrange
A curva material dos horizontes,
Para meus olhos que é? Phantasma, sombra...
Sombra materna; vaga, diluida
Figura de Avoengo já remoto;
Morte de que descende a minha vida,
Como da noite morta a luz dos astros!

«E que és tu para mim? O que a semente
Na escuridão da terra sepultada,
É para a flôr que nasce em alto ramo,
E que ao pé das estrelas foi creada!
És o trigo da minha comunhão;
És a Sombra, o Passado que eu vivi...
Tu és a minha terra; és a paisagem
Que me trouxe, e és o berço onde nasci.
Tu és o meu Passado; assim as arvores
São talvez teu Passado... mysterioso
Tempo em que a Vida apenas ensaiava
Seu animico vôo esplendoroso...

«E depois tu nasceste, ó Creatura!
E, de ti mesmo triste e descontente,
Começaste a voar na noite escura...
E no vôo infinito em que te perdes,
Já não és tu que existes... mas sou eu;
O Ser espiritual que de ti vem;
Assim vieste da planta; assim a planta
Do seio virginal da terra mãe!

«Vivo em teu coração; mas em ti proprio
Ha tão grandes distancias como aquelas

Que inundam de penumbra e de silencio
O espaço que medeia entre as estrelas!

«E que importa a distancia que sepára
Teus labios dos meus labios? E que importa
Que eu seja Luz eterna e sempre clara
E tu Sombra mortal e transitoria?
Que tu vivas n'um mundo e eu n'outro mundo,
Se nos prende e nos liga o fio astral
Que prende o olhar á estrela, e o mar profundo
Á sêde que o sol tem de nossas lagrimas? . . .

«Meu Creador e Amante, põe os olhos
N'esta tua divina Creatura
Que, insensivel, eterea, te persegue . . .
Se teu vulto derrama a noite escura,
Outra sombra derrama a tua alma.
E esta sombra sou eu que, noite e dia,
Deante de ti, bem longe, vae andando . . .

«Meu corpo é teu espirito e harmonia.

«Sou Aquela que é amada e que não ama,
Porque o Amôr odeia o que é eterno,
E apenas se alimenta a sua chamma
Do que é mudança, dôr, fragilidade!

«Sou Aquela que é amada e que não ama!»

E Marános ouvira o marulhar
Da voz que lhe falava, como quem
Ouve, de noite, ao longe, a voz do mar . . .

E a Pastôra, já mais acostumada
Á estranha maravilha, a si voltou.
E d'esta fórma, olhae, um tal milagre
N'uma cousa vulgar se transformou;
Porque todo o milagre ou maravilha
Deixa de o ser, apenas se demora
Deante da nossa vista, como as arvores,
O mar, a nevoa, a flôr, a luz da aurora.
E por isso, mais calma, erguendo os olhos
De mortal e vivente para aquela
Imagem imortal, assim lhe disse:
(Pois tão heroica é a Virgem e a Donzela!)

«Sim; tu és o Demonio que persegue
E vae pisando a sombra caminhante
D'este homem que delira e tem na fronte
O destino que o faz andar errante!

«N'este sitio sósinho, onde apascento
Meu rebanho, meus olhos . . . e onde, á tarde,
Vem conversar comigo a voz do vento
E onde esta clara fonte me sorri;
Encontrei-o, de joelhos, sobre a terra,
Dizendo cousas vagas, sem sentido.
Logo vi que d'um genio ou mau espirito
Ele andava, no mundo, perseguido!
Mas ao pousar os olhos no meu rosto,
O juizo lhe tornou; e então me disse
Palavras que serão o eterno gôsto
D'esta alma de mulher que Deus me deu!
E tu, Phantasma, vens tirar-lhe a paz,
Perturbá-lo e perdê-lo! Para que

Roubá-lo ao meu amôr, se és incapaz
De amar? e se tu mesma não pertences
Á vida a que nós ambos pertencemos?
Ignoras a alegria de quem ama
E se sente mortal em seu amôr!
Ah! nunca ardeu em ti aquela chamma
Que nos transforma em cinza e poeira vã!
Jámais sofreste, sim! Nunca em teus dias
A luz victoriosa da manhã,
De repente, caiu vencida e morta!
Nunca ergueste nas mãos, saudando alguem,
O calice divino da amargura!
Nunca sentiste a dôr que só á Mãe
A Vida, de joelhos, entregou.
— És bela! mas não tens aquele encanto
Que uma lagrima deixa em nosso rosto,
E nunca a triste voz de etéreo canto
Derramou seu crepusculo em teus labios.
Essa tua chimerica beleza,
Mais divina que humana, desconhece
A sagrada volupia da Tristeza
E o ante-gosto abysmatico da Morte!
Tu não sofres nem amas! Este mundo
É para ti um vago nevoeiro
Que na alucinação dos teus sentidos,
Passa como um phantasma caminheiro . . .

«Inimiga da Vida e Sombra vã,
Eu te arrenego! Sóme-te! E jámais
Tu venhas perturbar esta manhã
Em sua harmoniosa claridade . . .»

E Eleonor, sorrindo: «Eu te perdôo
Essas loucas palavras que disseste!
Tu viste-me, e não sabes quem eu sou!
Assim tenho vivido incomprehendida . . .

«Nunca mandaste, em ancias, um olhar
Para além do teu sêr? E nunca viste
Uma Figura etérea acompanhar
Teus passos, e dormir ao pé de ti?

«Tambem o sol ignora á sua luz . . .»

E a Donzela, mais palida, escutava
A voz de Eleonor, que se tornou
Tão séria! e os êrmos ventos imitava:

«Dirigiste-te a mim, como se eu fosse
Um pesadêlo apenas, sonho vão,
Ou alma do Outro Mundo ou sombra morta,
Quando eu pertenço á mesma Creação
A que pertences tu, á mesma Terra!
Sou da Vida e do Mundo como as flôres!
E o longinquo perfil d'aquela serra
Não é mais verdadeiro que os meus olhos
Contemplando-te, alegres, da distancia
Que separa dois Reinos, como tu
Contemplas uma rosa, n'essa infancia
Do abril que no teu corpo se insinua . . .

«Quando olhas para uma arvore, talvez ela
Julgue que és um phantasma e tenha medo!
E quem sabe se as arvores são phantasmas

Para o noturno e tragico rochedo?
E eu que sou para ti? O mesmo que és
Para as arvores da terra; um novo sêr
D'um novo Reino; a Alma, a Esplendidez
Em que a Vida, por fim, se converteu . . .»

Marános de confuso, era uma sombra . . .
E Eleonor, que falava distraida,
Fitando os claros olhos na Donzela,
Continuou mais ardente e comovida:

«Quando vaes para casa, ao cair da noite,
E ouves, na Egreja, o toque das Trindades;
E páras no caminho a meditar,
Toda embebida em mysticas saudades,
Não vês saudoso espectro que te fala
De longe . . . e te aparece na emoção
Do crepusculo de oiro, em fórmas vagas,
E em teu peito estremece o coração? . . .
Esse Alguem não é sombra mentirosa,
Mas natural e viva creatura;
E assim como tu és da verde terra,
Ele é da tua intima ternura . . .
Pertence ao mesmo Reino a que eu pertenço;
Novo Reino da Vida, onde termina
E principia a linha circular
Da Natureza tragica e divina.

«Tu és o Amor amante, eu sou o Amor
Amado; eu sou a Vida, e tu sómente
És aquilo que vive: eu sou a Dôr,
E a dôr não sofre, não, mas é sofrida.

«Ó palida Donzela que eu avisto
Nos tenebrosos longes do Universo,
Tu não vês o logar onde eu existo
Nem a essencia divina do meu Corpo.
Nunca a alegria plena tu sentiste,
Nem o prazer sem fim! E a doce luz
Dos teus olhos, ás vezes, é tão triste
Que dá melancolia ás proprias cousas . . .
Pois tu és a Mulher, Fragilidade
Transição dolorosa! E a tua branca
Formosura é egual á tempestade
Que derruba e destróe para ser bela!
És a Beleza, sim, que a pura sorte
Em transitorio barro quiz moldar.
E nos teus beijos mesmo existe a morte,
E no teu coração e nos teus olhos!»

E depois, dirigindo-se a Marános:

«E tu que tambem és do mesmo Reino,
Sujeito á lei do espaço e á lei dos anos:
Tu que és da mesma dôr, miseria negra,
Só em mim a Ventura encontrarás,
O espiritual Prazer eterno e vivo!
Funde em meu Corpo alegre a tua dôr,
O que tens de remoto e primitivo!
Embriága-te em mim, e te extasia!
Exhalta-te em meu sêr que te pertence!
Foge comigo, envolto na harmonia
Que fórma a onda astral do meu cabelo!
Vamos os dois, fugindo . . . Eu te prometo
A sublime e final Revelação . . .

Para o grande Silencio vem comigo,
E tambem para a grande Solidão!»

E Eleonor, estendendo a mão direita,
Apontou-lhe o oriente luminoso,
Onde se erguia o vulto da Montanha,
Em cósmico relevo fragaroso . . .

IV

MARÁNOS E A PAISAGEM

E Marános, emquanto aquela imagem
De novo, se perdia, dirigindo-se
Pelo rastro de luz que na passagem
Seus pés de nevoa alada iam deixando,
Disse, com voz saudosa:
«Ó tu que ouviste
Esta elegia íntima que fórma
A essência do meu sêr, e descobriste,
Pela aridez ardente dos meus labios,
A natureza, sim, de minha sêde!
Tu, que és meu corpo fragil e vivente,
Prolongando-se em mystica ternura
Além do Espaço, e milagrosamente,
Já sentindo e vivendo uma outra vida,
Seguirei teu caminho que nos leva
Á Montanha sonhada e prometida
Que se ergue altiva e triste no horizonte;
E que, vista d'aqui, d'este êrmo outeiro,
Com seus êrmos planaltos, na amplidão,
Tocados de infinito e nevoeiro,
É a Montanha da lua e do silencio...»

E já tomára o Sol a primitiva
Claridade; a Paisagem regressára

Ao seu antigo aspecto; e a côr mais viva
Baixou á face extatica das cousas . . .
E vendo-se a Pastôra abandonada,
Afastou-se d'ali, sem um adeus.
E de seu corpo a linha maguada
Vergava, sob o pêso da Saudade . . .
Em pouco tempo, as arvores esconderam
Seu vulto, como escondem pelo abril
Os ninhos, onde as aves que os fizeram,
Criam a nova aza e o novo canto.
E Marános seguiu-a com os olhos,
Mudo, sem ter coragem de falar,
Como se, ao mesmo tempo, ele quizesse
Continuar seu caminho e ali ficar!
Sim! Partir e ficar na mesma hora!
Seguir a Voz etérea que o chamava,
E aquele Vulto airoso que a distancia,
Em sua rôxa nevoa, amortalhava!
E Marános, vencido pela força
Da indecisão, chorava e maldizia
O mundo, o seu destino e a luz do sol
Que, dentro em suas lagrimas, sorria
Na mesma indiferença luminosa
Em que sorri no orvalho da manhã . . .
Porque a Dôr é uma noite mysteriosa
Só feita para os olhos da Creatura!

Mas ele, que ainda via no ar infindo,
Miraculosamente desenhar-se
A doce curva em flôr do gesto lindo
Que a longinqua Montanha lhe mostrou,
Áquele sitio êrmo disse adeus;

Logar de soledade e Aparições,
Onde as almas errantes pelos céus,
Baixam na sombra lactea da Lua.
E foi descendo a religiosa encosta
Vestida de pinheiros e ajoelhada
Sobre um vale, onde a côr, em verdes ondas,
Murmura . . . e é luz caída e condensada . . .
E ali, n'aquele vale, a dôr christã
Dos êrmos, tristes pinheiraes sombrios,
Se casa, sob a ardente luz pagã,
Com a alegria fertil da campina . . .
E unidas e casadas, n'um abraço,
Sobem depois ás mysticas alturas
Dos pincaros da Serra que, no espaço,
Erguem seu vôo extatico e inefavel,
Já libertos da dôr e da alegria . . .
Fórmas espirituaes de rocha e neve,
Na insensibilidade eterna e fria
Do Sêr perfeito e livre, isento e virgem!

Ó vale da Harmonia florescente,
Onde o sagrado Tamega, sonhando,
Bate as azas que turvam as estrelas
E sobre as arvores tristes vae passando . . .
E a humida caricia do seu vôo
As desmaia de amor; e desmaiadas,
Nos braços envolventes da neblina,
Lembram vagas mulheres desgrenhadas . . .

Ó vale do Crepusculo, onde o Sol
Beija a mystica sombra dos outeiros!
E onde em noites de Lua, o rouxinol

Ergue seu canto em limpido crystal,
Faiscante de harmonia, na penumbra
Silenciosa e palida, que veste
De comoção as arvores e o Rio,
Já tão cheio de estrelas, que é celeste!

Ó vale das Saudades, onde a terra
Idylica do Minho se transforma
No ascetismo granitico da Serra,
No elegiaco drama transmontano!
Terra natal e santa da Saudade,
Que o Tamega fecunda, abraça e beija!
E, em murmurios de nevoa e claridade,
Lhe diz o seu amor, como em segredo . . .

Pureza de agua e de alma, ó claro Rio!
Espelho das florestas e das nuvens,
E das aves cantando ao desafio,
E dos astros brilhando em guerra acêsa!
Rio das brancas nevoas que a manhã
Trespassa de oiro, e a noite de mysterio!
Agua de nossas lagrimas irmã,
E, quem sabe? talvez da mesma fonte . . .
Fundo Rio da noite! Agua baixinha
Da madrugada! Ó Rio fabuloso,
Quando a Lua da Terra se avisinha
E se reflete, triste, no teu seio!
Rio da comoção que em ti fluctua
E que teu corpo arrasta para o mar!
Rio de Apparições, á luz da Lua!
Rio dos verdes salgueiraes, ao Sol!

Rio divino do sagrado Vale!

Ó terra da Alegria e da Tristeza!
Terra Santa! Judeia occidental
Dos Profetas da nova Profecia!
Em vós a curva cósmica do mundo
Se fecha; em vós começa e, em vós, acaba
A paisagem azul do céu profundo,
Com florestas e pincaros de nuvens . . .

E na margem do Rio se sentou
Marános, descançando . . . E viu seu rosto
Retratado nas aguas, onde um vôo
Deixára um rasto efémero de sombra.
E, subito, ficou maravilhado
Ao vêr a sua propria Aparição!
E seus olhos fitaram os seus olhos,
Seu perfil e, talvez, seu coração . . .
E deante de si mesmo surprehendido,
Não sabia onde estava em mais verdade:
Se no crystal das ondas reflectido,
Se na fecunda terra marginal.
E viu assim que toda a limpidez,
Ou seja de agua clara ou de alma pura,
Em si conserva o rosto que, uma vez,
Sobre ela, com amor, se debruçou . . .

E Marános, sonhando, contemplava
Nas doces aguas lúcidas que passam,
A imagem dos salgueiros, que ficava . . .
Pois só morre quem ama e quem é amado
Vive sempre em espirito e em amor!

E o Rio deslisava, n'um murmurio
De prece: era um suspiro, era um rumor
De sonho: era um desejo que se espraia . . .

E seus olhos olhavam a Paisagem
De mysticos declives de pinhaes;
E campinas de verde e alegre imagem
E o sol caindo em bátegas de côr!
E os passaros voando, como sonhos
Das arvores . . . sonhos belos e felizes
Que lhes pousam, cantando, sobre os ramos
Que são celestes, intimas raizes!
E as cousas que seus olhos contemplavam,
Tambem as ia vendo intimamente.
A cada sêr externo corresponde
Intimo sêr chimerico e vivente . . .
É a Natureza, sim, no seu perpetuo
Desdobramento animico e profundo,
Criando um novo Céu, além do céu,
Criando um novo Mundo, além do mundo!

Marános era a selva comovida
Do dramatico Idylio universal,
Onde as trevas e a luz, a morte e a vida,
Celebram seus amores de eternidade!
Ele era a Egreja humana e caminhante,
Onde a imagem de Christo e as suas dôres
Eram feitas de nuvens e arvoredos,
De avesinhas, de estrelas e de flôres!
Sua cruz era uma arvore em abril;
Suas chagas sangrentas eram rosas;
De seus olhos, voando, se elevavam

Casaes de borboletas amorosas . . .
E em tão fundo e chimerico alvoroço,
Olhava o mundo e o céu, que dir-se-hia
Que pela vez primeira, deante d'ele,
Surgira a terra, o céu, a luz do dia!

E continuando a andar extasiado,
Em voz alta, sósinho, como quem
Vae doido ou a rezar ou preocupado,
Assim falava á sombra do seu corpo:

«Eu sou filho do Céu e da Paisagem;
Venho da dôr sem fim que os astros choram . . .
Minha carne, meu sangue e minha imagem
São a terra que eu proprio vou calcando!
São as aguas que eu bebo; são este ar
Onde deito a voar minhas palavras,
E onde elas ficam todas a pairar,
Como nuvem de som beijando a terra!
E é por isso que a amavel solidão
E o silencio dos montes, com amor,
Matam-me a fome de alma e coração
E a sêde que me torna n'um deserto!
Sou o amante dos Ermos; sou aquele
Espirito sósinho que povôa
De mysteriosos Vultos a paisagem . . .
E de lagrimas tristes enevôa
As estrelas, as arvores e tudo
Onde puzer os olhos taciturnos . . .
E o que parece tôsco, inerte e mudo,
Ao sentir o seu halito vital,
Anima-se, estremece, e, olhando, fala!

Sou Feiticeiro e a Noite me contempla . . .
E trago ao peito a flôr d'onde se exhala
O sombrio perfume do Crepusculo!
Por isso, o meu espirito alevanta
Seu cantico de sombra á luz do dia! . . .
E matei o Silencio, e vi meu corpo
Tinto do sangue eterno da Harmonia!
E, n'um grande delirio, sem parar,
Eu ando; e me persegue o seu Phantasma,
— Essa Voz, tão chimerica, a falar,
Esse corporeo Som que me domina! . . .

«Bemdita sejas tu, ó sempiterna
E sagrada Paisagem Portuguesa,
Que o mundo concebeu todo encantado
No seu primeiro sonho de beleza!
Bemdita sejas tu, por todo o sempre,
E o teu ventre que um novo Deus encerra,
Ó unica Paisagem onde o Céu
Se casa intimamente com a Terra!

«Pinheiraes da tristeza! Ó poentes de oiro!
E a voz do Mar além dos horizontes,
D'onde a nevoa caminha, em si trazendo
Fogo vivo do céu, agua das fontes!
Ó longes indecisos, nevoentos,
Que a magica penumbra da tardinha
Povôa de phantasmas agoirentos,
De murmurios e vozes misteriosas . . .
Ó fumo dos casaes que aos céus eleva
Esperanças, Saudades e Alegrias
Que nas noites de inverno, quando neva,

Junto ao fogo sagrado se reunem!
Ó volupia do ar que nos abraça!
Embriaguez do sol! Ó verde flôr
Das aguas que o bater d'um coração
Agita em ondas rythmicas de amôr!
Alegria da vida que se vive
Em doce comunhão com as estrelas,
Mais pura e sã do que essa que já tive
No comercio dos homens e do mundo!
Alegria bebida em clara fonte,
Comida em loiro pão de honestidade!
Em tudo vêr a Deus! e em alto monte
Ajoelhar e rezar, quando o sol nasce!
Ó silencio da noite quando vélo
E n'um scismar profundo me concentro . . .
E quando o luar, a sombra, o sete-estrêlo,
Transmigram para mim ocultamente!
Vago rumor confuso dos Espiritos
Que, á luz da Lua, pairam na penumbra . . .
Divindades noturnas que aparecem,
N'um mago encantamento que deslumbra!
Paz que desce do Azul; silencio enorme
Que sobe d'este mundo, e no ar, se casam,
Quando na fertil árvore que dorme,
Sonhando, cantam alto os passarinhos!

« Ó extase divino! Embriaguez
Sagrada! Ó Vida etérea! Ah, como eu sinto
A virgindade, o amor, a esplendidez
Que este corpo de crime em si contém!
Ó miseria sem fim de que sou feito!
Fragilidade humana, só tu sabes

Criar em tua dôr o que é perfeito!
Como géras a Vida, se és a Morte?

«E este meu coração que tanta pena
Me faz, sofrendo e amando noite e dia!
E nem dorme um instante nem descança,
Por um instante apenas de alegria,
Na escuridão, a sós, ele trabalha,
Tão afastado e perto d'este mundo,
Que uma lagrima, caindo, logo o orvalha,
E o alumia a estrela mais longinqua!
Bem o sinto bater em alvoroço,
Todo embebido em íntimas ternuras!
E tentar o seu vôo, erguer as azas,
Subir, subir ás mysticas Alturas!...»

E o palido silencio lhe fechou
Os labios, com seus dedos de penumbra.
E, mais curvado, a andar continuou,
Como sentindo o pêso da emoção,
Quando uma voz lhe disse:

«Ao pé de ti,
Eis-me outra vez; andei, e vim parar
A este formoso vale, onde te vi
Do alto d'aquele outeiro que desceste.
Por ti, deixei, nos montes, meu rebanho;
E lá deixei tambem o meu socego,
Pois não me sáe dos olhos teu estranho
Aspecto que me encanta e me domina!
Não te posso esquecer; tua figura,
Tuas palavras doidas me atraíram...

Aqui me tens em corpo e formosura;
Este abraço, este beijo te perseguem!»

E Marános, surprezo, rosto a rosto,
Viu a Menina eleita dos pinhaes...
(Era a hora sombria do sol-pôsto,
Quando os vales parecem mais profundos)
E respondeu:
«Bemdita seja a hora
Crepuscular e santa d'este encontro,
Em que essa fronte clara se descóra
E ternuras de sombra n'ela pairam...

«Amo-te (e bem o sabes!) apezar
D'esse oculto momento em que meu sêr
Fugiu de ao pé de ti, qual triste olhar
Foge dos êrmos olhos que o criaram!
Sim! de ti me afastei, como se afasta
O calor da fogueira que o produz;
E a voz dos nossos labios; e da estrela
Seu proprio coração que é sua luz!

«Amo-te! Nem tu sabes! Nem sei eu
Com que tristeza olhava o pinheiral
Onde teu lindo vulto se escondeu!
Tu não viste esse olhar, porque se o visses
Não ficarias só e abandonada!
Eu fui com ele, em alma e carne viva,
E pisei tua sombra bem amada,
Embora, n'outro corpo e coração,
N'outra fórma real e transitoria,
De ao pé de ti, partisse para a Serra

Longinqua que me chama!
Mas eu amo-te,
Assim como quem ama a sua terra!
É tão forte este amor em que me abraso;
És tão viva em meus olhos, que nem sei
Se te avisto ao meu lado, ou se és acaso
Um phantasma irreal do meu Amor!»

«Aqui me tens em corpo e pensamento»,
Lhe tornou a Donzela.

E então Marános,
Qual sensivel arbusto, á voz do vento,
Inclinou-se e tomou-a nos seus braços...

V

CHEGADA DE MARÁNOS Á MONTANHA

Qual noite que não fosse produzida
Pela ausencia do sol, mas que viesse
Ao encontro do sol, e no seu peito
Esse monstro de fogo recolhêsse;
Assim Marános viu a sombra eterea
De Eleonor, novamente, aproximar-se . . .
Para ele caminhou mais alta e séria
E em sua treva amavel o escondeu . . .
E logo o dominou de tal maneira,
Que, n'um profundo encanto, a foi seguindo.
E seus pés nem trilhavam a poeira,
Como se um vento olympico o levasse . . .

E a Pastôra ficou mais grave e humana,
Menos triste n'aquela soledade,
Como a Virgem depois de vêr o Espirito
Pousar em sua carne e virgindade.

E Marános, sonhando, já subia
A encosta arborisada da outra margem . . .
Azas de clara bruma esvoaçavam
Na frescura do Rio e na paisagem,
Doirada pelo outomno . . .
E á sua frente,

Uma Nevoa de branca fórma angelica,
Toda embebida em luz do sol nascente,
Mais ia pelo chão do que voava . . .

Esta fecunda terra bem amada,
Esta amorosa terra maternal
Depois da sua mystica descida
E do repouso idylico do Vale,
Tomando novas forças, se alevanta
Em pequeninas ondas que se vão
Turvando, pouco a pouco, e sobrepondo
Até aos altos sêrros do Marão.

E assim a bela encosta se ia erguendo
Com enternecimentos de arvoredos,
De bois pastando e moças a cantar;
Depois, já com rudezas de penedos,
Rugas que a Dôr em lagrimas cavou
E vagas expressões de nevoeiros . . .
Terra idylica e doce, toda envolta
Em seu verde cabelo de pinheiros,
Que a estranha visinhança azul do céu,
A tentação divina das alturas,
Em fragaroso drama converteu . . .

Eram já as raizes da Montanha.

E Marános, que tinha nos seus olhos
A fome secular, olhava, olhava
O horisonte que, ao passo que subia,
Mais distante e mais largo se tornava.
E a branca Nevoa humana, á sua frente,

Sorrindo, caminhava, esvoaçando,
Heratica, divina, resplendente . . .
E outras nuvens, tão altas, a seguiam . . .
E emquanto mais felizes, no Infinito,
Espirituaes e leves se elevavam,
Suas sombras, (ai d'elas!) que eram feitas
De escuridade e pêso, rastejavam . . .

Marános era um môço, projectando
Para os lados do poente, a sua sombra . . .
E julgava avistar, de quando em quando,
A adoravel imagem da Donzela . . .
E sentia-lhe os passos, e até mesmo
Suas ternas palavras amorosas . . .
Depois, apenas via deante d'ele,
Altitudes sombrias e brumosas . . .
E para as outras bandas, as longinquas
Paisagens apagadas, mais o outeiro
Da Aparição; e ao fundo, o rio Tamega
Todo mudado em branco nevoeiro.
E uma tristeza doce de crepusculo,
Um cair de folhas mortas se casava,
Dentro em seu coração, com a alegria
Das aves e do sol que o deslumbrava.
Gostava de sentir esta tristeza
Que nos prende ao que fica . . . Na verdade,
Um homem só se encontra no que perde,
Porque ele abrange o Espaço e a Eternidade!

Emquanto um homem vive, a sua vida
É assim como se fosse sempiterna;
E a Dôr, n'esse momento em que é sofrida,

Tambem parece eterna e sem principio!
Mas, ai! da mesma fórma, a creatura
Depois da sua morte, é como se
Nunca houvesse vivido! E a Morte escura
É tambem como a Vida, sempiterna!

E uma profunda e alegre comoção
O punha em sobresalto; era sentir-se
Livre e fórte na grande solidão
E na máscula posse de si proprio,
Sentindo-se fraterno, ao mesmo tempo,
Com tudo o que ha no céu e sobre a terra . . .

Mas, a pouca distancia, ante seus olhos
Já se erguiam os pincaros da Serra.

O sitio onde chegára, tinha o nome
De *Marãosinho;* ali principiava
A Montanha sonhada e prometida,
E a terra bôa e culta ali findava.
As arvores mudavam-se em rochedos,
Como as Nymphas em arvores . . . estranhas,
Duras metamorphoses provocadas
Pelo poder oculto das Montanhas . . .
A ervinha tenra em urze dura e sêca,
Por castigo talvez, se convertia . . .
E a ondulação suave dos outeiros,
Sob a força de ignota ventania,
Para nós insensivel, mysteriosa,
Turvava-se a distancia; e nevoenta,
Como as marinhas ondas, alterosa,
Em pincaros subia para o sol.

E Marános extatico e suspenso:

«Terra bemdita e santa! Terra estranha
Dos tristes pinheiraes e alegres campos,
Ei-la Silencio, Solidão, Montanha!
Ei-la a fronte coroada de relampagos!
Ei-la o ninho das aguias, das procelas,
O retiro somnambulo das nuvens . . .
Ei-la um altar onde ardem as estrelas!

«Montanha consagrada, eleita e virgem!
Alto Templo de terra, onde o luar
É tão saudoso canto que os penedos
E os lobos ficam tristes, a scismar . . .
Alta e santa Montanha omnipotente,
D'onde os montes em circulos infindos
Parecem afastar-se vagamente,
E em brumas e distancias apagar-se . . .
Longes espirituaes! Distancias tristes!
Terra já incorporea e sublimada!
Terra feita de sombras e crepusculos,
Vaga Paisagem mystica e sonhada!

«Ó Montanha n'um extase profundo!
Ermos planaltos contemplando Deus!
Sêrros meditativos, altos pincaros,
N'um grande vôo de terra para os céus!
Surdos desejos intimos, sem nome;
Anciedades do mundo empedernidas!
Phisionomias tragicas de pedra,
Atitudes de Esphinge incomprehendidas!
Vertigem dos abysmos! Precipicios!

Olhos olhando para dentro; olhando
A Sombra anterior, o negro Cahos,
Em harmonia e luz desabrochando . . .
Rudeza austera e biblica dos montes!
Sorrisos de verdura que se ocultam
Em pequeninos vales, onde as fontes
São phantasmas de nevoa, no crepusculo . . .

«Ó grande Serra esphingica da Noite!
Montanha da chimerica emoção,
Da palida tristeza que se espraia
Em ondas de silencio e solidão!
Montanha que o Sol veste de oiro e rosas!
Ó bemdita Montanha no esplendor
Da divina manhã que sobre ti,
Abre o seu calix de infinita flôr!

«Serra que és minha apenas, e do céu,
Amo-te, desde o instante extraordinario,
Em que teu vulto cósmico se ergueu
Ante os olhos que têm as minhas lagrimas!
Amo-te, desde o vale pequenino
Que em teus labios rochosos e profeticos,
É o tenro, verde riso cristalino
Que ás brancas ovelhinhas mata a fome,
Aos escarpados sêrros denegridos
Pelo fogo dos raios, quando o vento
Solta, no ar, seus tragicos gemidos,
E ha nuvens abrasadas de relampagos!
Amo-te, desde a neve imaculada
Que teus pincaros veste de pureza
(Branca toalha de altar na elevação

Da Lua, Hostia de amor e de tristeza . . .)
Até á sombra fria que dos vales
Vae alcançando o viso dos outeiros,
D'onde o sol diz adeus, n'um gesto triste
De lagrimas subindo em nevoeiros.
Amo-te, ó Serra, em tudo o que tu és!
Amo-te, desde a fonte piedosa
Que de teus flancos mana, d'uma fresca
E casta transparencia religiosa;
Desde os negros abysmos que te affligem
Ao alivio das grandes altitudes,
D'onde tocas os soes que te dirigem
A palavra de amor e claridade!
Amo-te, desde a rocha que em ti sofre
Ao tôjo bravo e á urze tão mesquinha
De que sempre te vestes, porque, emfim,
Tu és grande e, portanto, pobresinha!
Amo-te, desde a vasta solidão
E do fundo silencio que te envolvem
Desde o instante da tua Creação,
Do teu sagrado Genesis de fogo,
Até á pobre flôr quasi aromatica,
Humilde e rasteirinha, que na trança
Põe a pastôra mystica e selvatica,
De geito agreste e doce olhar bravio!

«Eu amo-te por tudo o que não sei
Dizer quando te vejo! Pelo verso
Imortal e infinito que eu criei,
Mas que é feito de treva e de silencio!»

D'esta fórma, Marános, em voz alta,

Saudava a grande Serra, quando viu
O vulto de Eleonor que sobresalta
Seu coração e as cousas que o contemplam.
E no sêrro mais alto que primeiro
Beija a luz da manhã, e onde o sol-pôr
Grava em oiro seu beijo derradeiro
Que a fria noite ascetica dilue,
Apesar da distancia, bem se via
Aquele suave Corpo sobre as rochas
Que uma nevoa chimerica esbatia
Em doces, brandas fórmas apagadas...
E a sua clara fronte era esculpida
No denso azul marmoreo que a cercava
D'uma aureola de sonho indefinida:
Vaga trança fluctuante e luminosa...
E cobria-lhe a face um veu etéreo,
Lembrando um beijo esparso que a envolvesse...
Era a imagem da Vida e do Mysterio,
De pé, sobre a Montanha irradiante.

Marános, n'um ideal contentamento,
Para ela caminhou na grande luz
Do céu; mas, por milagre e encantamento,
Fez-se uma Sombra enorme deante d'ele.
Parecia surgir da propria terra,
Toldando a luz e o ar... E as fórmas nitidas
Dos mais altivos pincaros da Serra
Desmaiaram nos braços d'essa Nuvem...
E n'um delirio estranho e repentino,
N'um ataque sagrado de loucura,
Ouvindo a voz chimerica do Espirito
Que dentro em nós, somnambula, murmura,

Voltado para a Sombra, assim dizia:

«Phantasma d'estes montes, quem és tu?
Em que abysmos de treva e de agonia,
Em que profundidades d'este mundo,
Fôste creado? Ah, dize: não és mais
Que um sentimento tragico da Terra?
E em mysteriosas fórmas espectraes
Perante mim te ergueste, á luz do Sol?
Vens da animica e viva intimidade
Das Cousas? Vens de Deus? Acaso viste
A face imponderavel e infinita
Da Vida? Aquela face eterna e triste!
Ha no teu seio o fogo das estrelas,
Como no corpo rude, tôsco e mudo
Da pedra, ha luz do céu que foi roubada?
Conheces o Principio e o Fim de tudo?
Tu sabes quem eu sou? Responde, fala!
Porque eu entendo as sombras... Meu amôr
É uma Sombra de espirito que exhala
A formosura eterna em meu espirito!
Quero ouvir tua voz e conhecer
Que mysterios desvenda. Meu desejo
É subir ás estrelas e descer
Aos abysmos phantasticos da Noite!
O meu desejo é Tudo; mas eu sou
Sómente um fragil sêr! Quero sondar
As entranhas da Vida! a Treva imensa
Onde tudo se géra, e o grande mar
Nem lagrima é sequer, mas simplesmente
A precursôra comoção das lagrimas...
E onde o sagrado Espirito vivente

Nem mesmo é Corpo ou Forma transitoria . . .
Oh, dá-me as tuas azas, Sombra enorme!
Quero voar, subir á grande altura
D'onde meu sêr tombou, qual fio de agua
Que d'uma nuvem desce á terra dura;
Mas sempre prêso á nuvem d'onde cáe,
Mas sempre prêso á terra que o devora!
Quero ir além da Vida e além da Morte,
Para além das estrelas e da aurora!»

E a Sombra, que dos montes se elevava,
Envolvia Marános . . . e o seu gesto
Crepuscular e vago se tornava,
Como um vulto sumindo-se na noite:

«Já levas meu espirito ancioso
Atravez de nevoeiros e penumbras,
D'esse profundo ventre mysterioso
D'onde nascem as almas e os espectros.
E n'um estonteamento interior,
Vou atravez de espaços confundidos,
De estrelas hesitantes, mundos vagos
E nocturnos desertos esquecidos . . .
Vou em procura de mim proprio; eu ando
Ao longo de infinita escuridão,
De forças, energias que se cruzam
N'um sitio — que é meu sêr, meu coração!
E eis que me perco em grande labirintho!
Onde estou? Quem sou eu? Apenas vejo
Uma onda viva de emotivo instincto,
Que me vae arrastando para um mar
De sombra e de mysterio . . . Como a espuma,

Filha das aguas com as aguas vae
Na cerração phantastica da bruma!
Assim eu vou tambem, espuma fragil,
N'um alteroso mar de sentimento . . .
Qual o destino meu? Quem me responde?
Que diz á noite negra a voz do vento?
Onde me levas tu, meu coração? . . .
E lá vaes! e lá vaes arrebatado
No dôrso d'esse mar! E fico só!
E vejo então meu corpo — esse punhado
De alegria, de terra e de tristeza!
E como compreender-te, pobre corpo,
A tua ignota vida inconfundivel,
Se és feito de invisiveis elementos,
Embora ao nosso olhar sejas visivel?
És pêso que um milagre quiz compôr
De imponderaveis cousas! Fórma viva
Feita do que é informe e não tem côr . . .
És phantasma fugindo e aparecendo!
Alma e corpo, que sois? Que és tu tambem
Ó Voz que os interrogas? Quem sou eu? . . .
Sombra da terra, fala! Ó tu que és feita
Talvez de toda a luz que tem o céu! . . .»

E estas palavras doidas, sem sentido,
Que seus labios profeticos disseram,
De echo em echo, arrastadas pelos vales,
N'uma poeira de som se desfizeram.
Poeira que sobe . . . e é nuvem de silencio . . .
Nuvem que mysteriosa e fria aragem,
Perpassando, condensa: e é voz humana,
Canção, marulho de agua e de folhagem . . .

VI

MARÁNOS E A SOMBRA DO MARÃO

E a Sombra que tapára, de repente,
A vista de Eleonor e que púzera
Marános em delirio, vagamente,
Se retirou de ali; mas na distancia,
Tornára-se mais alta, mais extensa
E confusa, adquirindo a fórma estranha,
Com seus ermos planaltos e ermos pincaros,
Do perfil solitario da Montanha . . .
Dir-se-hia a propria Serra assemelhando
Rio que sobe em nevoa e no ar deslisa;
Terra vaporisada, mas guardando
A sinuosa linha do seu corpo.
E assim aquela Sombra, á luz do dia,
Era uma projeção espiritual,
Phantastica da Serra que envolvia
Marános e o seu vulto anoitecido . . .

E ele ia novamente interrogá-la,
Quando a cósmica Sombra assim falou,
N'uma voz que lembrava o mar longinquo
E o sussurro do vento no seu vôo:

«Eu sou aquela Sombra do Marão
Que dentro de ti mesmo se alevanta,

Com toda a sua terra e solidão
E o divino silencio das Alturas!
Sou a rude Montanha austéra e calma;
Cordilheira de nevoas e de espectros,
Esfumada nos longes da tua alma
E por ti mesmo erguida á luz do sol!
Sou a Serra ideal que te acompanha,
E que teus olhos intimos avistam,
Sob o luar translucido que banha
A paisagem — phantasma do Outro Mundo.
E cavo, dentro em ti, despenhadeiros,
D'onde os lobos se afastam, quando é noite . . .
Ouço, em ti, as canções dos pegureiros
E os sussurros dormentes do crepusculo . . .
Em gelida cascáta, em ti, murmuro;
Em ti, me afundo em vales solitarios . . .
E tornando-me altiva e penhascosa,
Ergo, em tua alma, os tragicos calvarios!
E em serenos planaltos eu me espraio
Dentro em teu coração! E á luz da Lua,
Toda abafada em nuvens, eu desmaio
E sinto que me fogem os sentidos!
No espaço interior dos olhos teus
O meu corpo se eleva em terra e fraga,
Sob o beijo chimerico dos céus,
Que é a suprema razão d'esta existencia!
Desde os longes de bruma em que me perco
A esta terra que vês tão pedregosa,
Dentro em teu coração, toda me sinto
Espirito e anciedade religiosa . . .»

E a grande voz da Serra se espraiou

Pelas margens do céu . . . a voz da Serra
Que Jupiter, outrora, baptisou
Com um brumoso nome trovejante . . .
Marão! onde entra o mar espadanando!
Onde os ventos echôam, e as estrelas
Sentem sua luz, já frouxa, vacilando
Na aparição phantastica das nuvens!

De milagre em milagre, caminhava
Marános desde a imagem da Montanha
Ao vúlto de Eleonor que o deslumbrava . . .
Tudo é milagre e sombra, ó Natureza!

E ao ver que Eleonor vinha descendo
Pela sombra da Serra, em vez de pôr
Os pés como ele punha sobre o chão,
Toda espirito, graça, etereo amôr,
Marános exclamou:

«Ó tu que vens
De longe, caminhando . . . Alta Figura
Que n'um sitio sósinho, em êrma noite,
Quando a terra é emoção e o luar ternura,
Surgiste ante os meus olhos, por encanto!
Do meu somno de morte despertei,
Ouvindo a tua voz, divino canto,
Beijo de som pousando em meus ouvidos! . . .»

Mas logo Eleonor se confundiu,
N'um secreto desejo feminino,
Com a Sombra da Serra que se abriu,
Envolvendo-a em seu manto de crepusculo.

E então aquele Espectro, novamente,
Em voz nocturna e múrmura, falou:

«No Principio era a Sombra; não a sombra
Passiva e projectada, mas um vôo
De sombra que a si mesmo se projecta ...
Um fumo que era chama adormecida;
Aparencia de morte e de silencio,
Realidade harmonica de vida.

«E eis que a Sombra depois se concentrára;
E d'essa grande, ideal concentração
Nascêra o corpo-estrela, o corpo-mundo,
Mais o corpo do Amor e o da Emoção!

«Este Universo que hoje contemplamos
E sentimos viver e sobre o qual
A admiração amante derramamos,
É um Sêr resuscitado que partiu
Como Lazaro, a tampa do sepulchro.
Nascer o que é, senão resuscitar?
Toda a morte é regresso e toda a vida
Um adeus, um partir para voltar!
A materia que fórma estes outeiros
E o meu sêrro mais alto e comovido,
Foi coração, foi aza e luz dos olhos,
Em mundo anterior desaparecido ...
Foi amor e chimerica esperança!
Repara no meu corpo e avistarás
Uma profunda e oculta semelhança
Com a fórma emotiva da tua alma!
Repara n'estes vales, onde a terra

De verde se vestiu, só de lembrar-se
Da alegria de quando foi donzela
E na agua viu seu rosto retratar-se!
Olha: repára tu n'este rochedo;
Não vês signaes de dôr? Não vês n'aquele
Outeiro uma saudade que é um segredo
Da propria terra e pedra que o formaram?
Bem antes d'este mundo houve outro mundo
Que foi sombra, phantasma, espectro errante...
E esse espectro, esse fumo condensado
Sob os teus pés, é o mundo caminhante!
E as estrelas e os astros denegridos
São duros pontos densos do Infinito,
Grandes blócos de céu empedernidos,
No mesmo céu boiando e gravitando...
São principios e fins de Encarnações
Do imenso Verbo azul, almas viventes!
Agua arrastada pela propria agua,
Como os blócos de gêlo nas correntes...

«Surgira o mundo; isto é, um grande espaço
De céu em pura estrela se abrasou...
E a Estrela viu a Noite; e n'um abraço,
Começaram a andar pelo Infinito...
Deixou de alumiar e de aquecer,
Presa d'aquele doido amor soturno,
Para ser aquecida e para vêr;
Deixou de fecundar, fez-se fecunda.
E o Frio disse então ao Fogo: — apága-te!
E o mesmo disse á Luz a Noite escura.
E ao coração do mundo desce o fogo,
E a luz subiu aos olhos da Creatura.

E o claro Som, beijando o Sêr, lhe disse:
—Em ti, eu quero ouvir-mè!—E por encanto,
Os primeiros ouvidos se inundaram
De som que é luz ouvida, etéreo canto . . .
E foi assim que todos os Sentidos
Na superficie extatica do Sêr,
Afloráram, deitando essas raizes
Que penetram a terra e o sol a arder,
Tirando á terra, ao sol, á nevoa, á flôr
A essencia espiritual da Natureza,
E integrando-a depois no corpo humano,
Para que fosse amor, sonho e beleza . . .

«E d'este modo a Alma foi creada . . .
E desde esse momento extraordinario,
Apareceu á luz um *Novo Mundo*,
E n'ele vive o *Sêr Imaginario;*
Mas real, pertencente á vida eterna.
E é n'esse novo mundo que os Sentidos,
Tendo presa a raiz á luz dos astros,
Erguem os altos ramos florescidos,
Ávidos de outra luz e de outros ares . . .
Com a raiz devoram céu e terra
E vão beber nas nuvens e nos mares,
E comungam as sombras que derivam
De tudo o que é mortal e transitorio . . .
E aspiram sonho e amor pelas folhagens;
E descobrem assim, no mesmo instante,
Duas Terras, dois Céus, duas Paisagens!

«Pelos Cinco Sentidos, d'esta forma,
O teu Reino dramatico e animal

D'um lado, avista os Reinos inferiores
E do outro lado, o Reino Espiritual . . .

Sim: isso que se chama idealisar
É crear cousas falsas, irriaes,
É (com verdade o digo) ouvir e olhar
No áquem do animal, mas para além . . .
É olhar o *Além-Homem*, o perfeito
Reino Espiritual, como se vê
O Reino Vegetal ainda imperfeito,
Mas já formosa flôr, perfume etéreo . . .

«E o Homem, creatura e creadôr,
Ouviu a voz de Deus que lhe falou:
— N'tua consciencia, em puro amor,
Existirei! — Mas logo, divergindo,
Alguns homens julgaram que essa Voz
Vinha de fóra; e bichos e arvoredos,
Adoraram, os rios e as estrelas
E os phantasmas da noite que são Mêdos.

«E outros homens, ouvindo mais atentos,
Aquela Voz divina, imaginaram
Que apenas do seu intimo ela vinha;
E a Deus, em seu espirito, adoraram.

«E assim Jesus e Pan foram creados.

«Mas, a no grande dia em que nasceram
A Terra verde e o Céu azul, com furia,
Em dura, crúas guerras se bateram!
E os homens que tomaram o partido

Da terra, proclamavam: — Deus está
Nas cousas que tocamos, escondido —
E os outros: — Em nós proprios ele existe! —
Tão grande era a cegueira, que não viam,
Em seu odio e rancor que nada acalma,
Que tudo o que se avista com os olhos
É o mesmo que se sente com a alma!
Não sabiam que o Céu, longinquo e vago,
É a mesma pura Essencia indefinida
Que anima o fogo e as pedras . . . e que o Amor
É irmão da Dôr, e a Morte irmã da Vida!
Não sabiam que o Reino Espiritual
Pertence á mesma ignota natureza
Das Cousas, só mais belo e mais perfeito,
Na alegria, no amor e na tristeza,
Porque as Creaturas vivas que o povôam
Já não são de materia organisada;
São a Carne liberta e redimida,
Espiritualisada e consagrada
Pela chama vital que o Corpo humano
Devora, dia a dia, irradiando
Crúa ferocidade e amor fraterno:
Este subindo, aquela rastejando . . .

«Na sua pobre e misera loucura,
Julgavam sêr o terminus da Vida;
Quando é certo que a humana creatura
Não é um fim, mas antes, *novo meio*,
Onde nasceu a etérea e transcendente,
Divina Florescencia Espiritual;
Assim como da terra, á luz do sol,
Nasce em rumor e côr um pinheiral . . .

«Ah, repára tu bem na intimidade
Que entre as cousas existe! E então verás
Que, na essencia, um amor, uma saudade
É o mesmo que uma pedra ou uma flôr.
O que é a Natureza? É qualquer cousa
Que não sendo materia nem espirito,
Na sua evolução mysteriosa,
Se torna material e espiritual.
Olha; contempla a Escada de harmonia
Por onde a Vida sobe em alma pura
E desce em pobre corpo de agonia
Da terra á luz do céu, do céu á terra.

«O Reino Espiritual, que para os homens
Era uma sombra morta, uma ilusão,
Existe em realidade e na verdade
Integrado na propria Creação.
E saberás, portanto, qual é o teu
Destino sobre o mundo; e saberás
Que tudo o que ha debaixo deste céu,
Tem um sentido claro e natural!»

E Marános, no susto e no arripio
De tão grande milagre, pois de certo,
Ninguem como ele ouvira assim falar
A Sombra da Montanha e do Deserto,
Com a fronte inclinada para o mundo,
Ouvira aquela Voz, e meditava...
E distante e esquecido de si mesmo,
Em seu pensar profundo se abysmava...
E sentia-se agora tão estranho,
E tão outro julgava o seu viver,

Como se acaso, houvesse novamente
Nascido, não do ventre da Mulher,
Mas sim d'aquela Fonte mysteriosa
D'onde nascem as lucidas estrelas,
A terra, a agua, a vaga Nubelosa
Que é um Beijo já quasi Creatura . . .

E ele via Eleonor, e o grande Reino
Onde ela, em vivo espirito, reinava.
Já não era phantasma ou sombra vã,
Ou chimerica voz que lhe falava;
Mas animada voz enternecida
De creatura real e verdadeira,
Pertencendo como ele á eterna Vida,
Ou, quem sabe? talvez á eterna Morte!
E via o escuro Reinado Mineral
N'um alvorar de sonho e sensação,
Tornar-se, emfim, o Reino Espiritual;
Metamorphose imensa e luminosa! . . .
E viu que o ultimo Reino transcendente,
Pela sua estructura e natureza,
Se casava profunda, intimamente
Com a sombra phantastica da Origem!
E a luz do seu olhar extasiada
Abrangeu, n'um momento, a Vida Eterna!
Sim, ás vezes, n'uma hora consagrada,
Para nós, se contém a Eternidade.
Da mesma fórma, o sol, por um instante,
N'uma gôta de orvalho se resume,
E n'ela, é viva imagem radiante
De viva luz acêsa em sete-côres!

E Marános sonhava em dôce encanto,
Sob os olhos da Sombra que o beijavam;
E assim como, no ar, se perde um canto,
Seu espirito vago se perdia . . .

Da Serra começava a levantar-se
Um crepusculo, um fumo, um nevoeiro . . .
E um oiro em pó suspenso ia juntar-se
Ás primeiras estrelas: era a Noite.

VII

MARÁNOS E A SAUDADE

Marános acordando, e em alta voz,
Saudando o sol, a lua, a sombra amada
De Eleonor que vivia além do sol
E além da lua, em sonho alevantada,
Continuou caminhando, a meditar,
Atravez dos planaltos . . .
E os seus olhos
Sentiam-se acordar e madrugar
Para outra luz mais pura e verdadeira.
Ouvira a voz da Serra e interpretava
Esta vida melhor, que, em volta d'ele,
Mais profunda e mais alta se tornava
E mais digna portanto de viver-se.
Cada vez mais o mundo — cretura
Era o mundo — creador; o sêr humano
Um sêr divino; e a terra ingrata e dura
Um céu verde, tangivel e fraterno.
E tornára-se humilde, pois a Vida
Não encarnára n'ele a derradeira
Forma de perfeição; e, redimida
Em sonho já divino e transcendente,
Para além do seu corpo se prolonga,
Criando o eterno Reino Espiritual . . .
E deslumbrado viu que a Natureza

Fez d'ele o Paraiso, a Terra astral,
Onde vive de amor e de alegria
A Creatura animica e perfeita . . .
E viu seu fragil corpo de agonia
Ser o Pomar do Fruto sempiterno.

Assim pensava, quando, por acaso,
Encontrou dois pastôres que o saudaram.
— Quem era? D'onde vinha? Se um desgosto
O trouxera até ali, lhe perguntaram.
E com simples palavras de amizade
Lhes respondeu Marános. E os pastôres
Deram-lhe pão e leite e mel silvestre
Que invoca, á luz do sol, jardins de flôres.
E com peles de cabra se vestiu
Contra o frio do inverno. E no mais alto
Pincaro da Montanha descobriu
Uma Ermida onde, á noite, descansava.
E pelos duros sêrros caminhando
No meio do silencio e da profunda
Soledade, os seus olhos levantando
Para os astros já proximos da terra,
Meditava e sentia o coração
Bater no peito forte; e tinha assim
Consciencia de si proprio e, ao mesmo tempo
Da Vida eterna, tragica e sem fim!
E as nuvens lhe falavam, de passagem;
E os rochedos agrestes lhe falavam . . .
E entre os seus claros olhos e a Paisagem
Não existia já distancia alguma;
Ela estava integrada em seu espirito,
Seu espirito esparso em toda ela . . .

E ao sentir uma lagrima no rosto,
Tambem sentia a pequenina estrela
Que, atravez a distancia indefinida
Voando . . . voando . . . viéra recolher-se
Ao seio d'essa lagrima, onde a Vida
É apenas humildade e comoção . . .

E ali, n'aquele ar vivo das alturas,
Mysteriosas vozes e sussurros
Talvez contemporaneos das escuras
E remotas origens da Montanha . . .
Repercussões longinquas do ruido
Com que a Serra se ergueu . . . etereos sons
No desvanecimento e no desmaio
Do Tempo . . . echo espectral do *Fiat Mons* . . .
Aladas, vagas sombras rumorosas
Pairavam, penetrando de mysterio
Os montes e as encostas fragarosas
E o coração confuso de Marános . . .
E julgou, por instantes, regressar
Aos primitivos tempos creadôres,
Em que do seio a referver do mar,
Surgiam cordilheiras abrasadas,
Quando o Sol, moço ainda, saciava
Na Terra o seu desejo! e os arvoredos
Cyclopicos nasciam, e animaes
Que, ao andar, esmagavam os rochedos!
Num sonho regressivo, o seu espirito
Percorreu essas tragicas edades,
Quando ele, bruto ainda, a vez primeira,
Ás sofregas e vivas claridades
Do apaixonado Sol, viu na agua clara,

Surpreendido e medroso . . . sem saber . . .
Seus gestos feios e peluda cara
E a luz, já curiosa, dos seus olhos!
E de si proprio atonito, fugiu,
Guinchando horrivelmente pelos bosques! . . .
Ai, do sêr que, algum dia, descobriu
Essa mortal miseria que o formou!
Mas tambem, n'esse instante de miseria,
Seus olhos mais além se dirigiram,
Alcançando, por fim, a Vida eterea
Que nimba de luar e de esplendor
O tenebroso corpo que a produz,
Vivendo e gravitando em tôrno d'ela:
Ele, — o mundo de dôr e de tormento;
Ela, — a remota, virgem, pura estrela!

E Marános, em scismas embebido
E como distraido, contemplava
As distancias do céu indefinido,
Onde em segredo e sombra os astros nascem . . .
E as tôscas rochas ingremes dos montes
E os casaes branquejantes e apagados
Que faiscam no pó dos horisontes,
Quando o sol-pôr incide nas vidraças.
O seu gôsto era olhar, isto é, crear;
Converter em profundo sentimento
A espiritualidade azul do ar,
Côres, perfumes, sons, a terra, a nuvem . . .
De manhã, ia vêr o Sol que nasce,
Quando a neblina em sonhos de brancura
Lhe deixava, fugindo, sobre a face
Lagrimas abrazadas n'um sorriso . . .

De noite, no Luar se refugiam
Seus olhos, como em templo recatado . . .
E seus ouvidos ávidos recolhem
Os murmurios da Sombra no ar parado . . .
De dia, a luz do sol o embriagava,
Os perfumes e a brisa passageira
Que nos longinquos mares se impregnava
De frescuras de espuma e brancos vôos
De gaivotas, pairando em multidão,
No cólo vivo e lucido das ondas . . .
E ali, n'aquela amavel solidão
As Horas conversavam com Marános . . .

Um dia, em que ele estava distrahido,
Sentado n'uma pedra, viu chegar
Ao pé de si um vulto de Mulher.
E então, a sua alma e o seu olhar
A conheceram logo . . .
Extasiado,
Marános a saudou: (n'um chôro de oiro,
Nascia a Luz e o Zephyro acordado
Parecia tentar as brandas azas)

«Mulher terceira vez aparecida
Ante o meu coração que te estremece!
Tu que és tanto de mim, da minha vida,
Que nem a carne e o sangue d'este corpo!
Com que prazer tão intimo te vejo
N'este silencio mystico e profundo
Que parece descer na luz da lua
E na luz das estrelas sobre o mundo . . .
Anda; senta-te aqui, ao pé de mim;

Quero em teu colo amavel descançar
Esta fronte scismatica . . .»

E a Mulher
Toda ela se continha em seu olhar . . .
E disse n'um sorriso: «Aqui me tens!»
E Marános, então, em vivo ardôr,
Os braços lhe estendeu; quiz abraçá-la!
Mas tornou-lhe a Donzela, com amor:

«Tu julgas ver o corpo que cingiste
N'aquele cair de noite e de silencio,
E que ao fugir de ti, ficou mais triste
Do que uma sombra morta caminhando?
Ah, como te enganaste! E tenho pena
Que esta animica Imagem que te fala;
Esta Vida translucida e serena,
Não seja o corpo em flôr que tu desejas!
Pois quem sou eu? Apenas a Saudade
Da Pastora que, um dia, te encantou!
Sou a longinqua Nuvem de anciedade
Que enche teus olhos de agua e de penumbra . . .
Sou a eterna Saudade que levaste
D'essa Pastora simples e adorada!
E n'ela foi seu vulto mais presente
Que o proprio Deus na Hostia Consagrada!
N'ela foi seu cabelo, a sua fronte;
N'ela fôram seus gestos doloridos:
Assim um rio leva as margens verdes,
Passarinhos e nuvens reflectidos . . .

«Toda ela vive e sonha n'esta Imagem

Que te contempla, sim! Mas que distancia
Entre as formas inertes da Paisagem
E a sombra espiritual que em nós projecta!
É certo que em meu sêr a encontrarás,
Embora mais remota e transcendente,
Porque se eu vivo d'ela, tambem ela
N'esta Imagem existe ocultamente . . .
E por isso, me tens ao pé de ti
N'este alto de montanha . . . Mas meu corpo
Terreno e material, longe de aqui,
Seu rebanho e tristezas apascenta . . .
Anda na verde encosta d'esse outeiro,
Onde a primeira vez eu te encontrei;
Anda sósinho e envolto em nevoeiro
De cuidados e scismas . . . E á noitinha,
Quando regressa a casa, vae tão triste
Que parece levar dentro do peito,
Tudo o que tem a noite e n'ela existe
De solidão, de sombra e de silencio . . .
Faz pena vê-lo assim na flôr da edade,
Como tocado já de frio outomno,
Melancolico errar na soledade
D'aqueles pinheiraes que são Tristeza . . . »

E Marános, surpreso, respondeu:

« Tu gracejas comigo; eu bem te vejo . . .
Descubro o teu perfil, teus olhos de alma;
Ouvi a tua voz, e dei-te um beijo
N'essa mão que ainda sinto em minhas mãos . . .
A vida, a graça, a luz que tens na fronte
Não é propria das sombras; é da carne

Voluptuosa e viva . . .»

No horisonte,
Vagueavam, como sonhos, brancas nuvens . . .

E a Donzela, a sorrir, continuou:

«Ha momentos, eu sei, em que as Imagens
São corporeas e lembram alto vôo
Condensado em relevo e forma de asa.
De resto, a vaga imagem transcendente
D'um corpo, é tão real e verdadeira
Como esse mesmo corpo . . . E certamente,
Eu, que sou a Donzela que tu amas,
Participo tambem da tua vida.
Não vês o negro virgem d'estes olhos?
Por ele é tua alma escurecida,
Porque ele, sim, faz parte do teu sêr.
Não vês o meu cabelo? Enraizado
Está na tua alma . . . E o meu perfil
Foi na tua emoção todo moldado . . .
Não vês na minha face a rosa viva
Nascida da roseira que em teu sangue
As raizes embebe; e primitiva
Em cheiro e côr, teus olhos enamora?
Tu contemplas meu sêr, e podes vê-lo;
Pertence-te, portanto; mas jamais
O possuirás em corpo e sangue humano,
Em femininas formas animaes!
E todavia, eu sou da tua vida
E do teu coração; sou para ti
O que para esta Serra denegrida,

Quando a nevoa a halucina transtornando-a,
É a tua propria sombra caminhante . . .
Sim: tu és para a Serra um sonho etereo,
Aparição phantastica e distante
Na evidencia mais proxima das arvores;
Porque a terra é mais perto do arvoredo
E o entende melhor que á Creatura
Desarraigada e livre, perpassando,
Como um phantasma, na distancia escura . . .
Mas uma arvore, então, já comprehende
O espirito dos homens; já respira
O mesmo ar e luz, e nos seus ramos
Ha já canções de amor e sons de Lyra! . . .

«Oh, nunca serei tua! Em realidade,
Não te pertenço, não! Sou de outro Reino,
Embora isto que sou, esta Saudade
Como tu seja viva, e em ti creada!»

E Marános, confuso e mal sabendo
Se era a propria Donzela ou sua Imagem
Que lhe falára, assim lhe disse: (O vento
Era a voz mysteriosa da Paisagem)

«Eu vejo-te e conheço-te; portanto,
Muito embora tu sejas a Saudade,
O que me importa a mim? se teu encanto
É tão vivo, real e verdadeiro
Que, tendo-te ao meu lado, eu imagino
Que tu és esse corpo adonde Flóra
Pôz todo o seu engenho que é divino
E eu todo o meu desejo que é humano . . .

E em vez d'essas palavras que trespassam
Meu coração de bruma e de tristeza
E que nos meus ouvidos esvoaçam,
Como as sombrias vozes da noitinha,
Quero ouvir-te palavras amorosas .
Que desçam ao mais fundo da minh'alma,
Levando em suas azas voluptuosas
Todo o perfume vivo dos teus beijos!»

E a Saudade, n'um gesto melancolico,
Disse:
«Falar comtigo d'esse amor,
Para que? Se tu mesmo o abandonaste
N'um desejo febril de angustia e dôr?
Ah, porque foi que tu de ao pé de mim
Partiste? Nem tu sabes que alegria
Seria a nossa vida descuidada
N'aqueles verdes bosques, onde o dia
Entra com pés de sombra e de segredo!
E onde as aves em canticos celebram
O claro sol nascente e o tôrvo mêdo
Que dos passos humanos se alevanta . . .
Porque deixaste, dize, os meus abraços
E os beijos de meus labios que sabiam
A sol, a primavera, e como os sonhos
E as estrelas, á noite, renasciam?
Tu não sabes, acaso, o que perdeste?
Por certo, não! Os homens nada sabem!
Ha Deuses nas florestas, e um celeste
Mensageiro lhes fala . . . De que serve?
Ah, nada, nada sabe a Creatura;
Sol que nasceu já prestes a ocultar-se!

E a propria alma é feita d'esse fumo
Que a luz dos astros deixa, ao apagar-se ...
Porque foi que partiste? Que desejo
Te fez abandonar meu corpo amado
Por esta Imagem triste que tu vês,
Tão remota, tão palida ... e ao teu lado! ...»

«Ah, tu não compreendes o Destino,
Marános respondeu; a estranha Força,
O Fado impenetravel e divino
Que me trouxe e chamou para a Montanha!
Ah, tu não percebeste nem ouviste
A Voz que me falou, porque és ainda
Dôr escrava a sofrer, Tristeza triste;
Ha corpo e morte ainda em teu espirito ...
És a Saudade, sim! Não és apenas
Sobrehumana Tristeza espiritual;
Essa Dôr que é sofrida e que não sofre ...
És ainda o Outomno e a arvore outomnal ...
Por isso, não entendes a razão
Porque te disse adeus e te deixei!
Tu és ainda o Amor e o Coração,
E foi sómente o Amor que me chamou!

«Meu destino é seguir a Voz eterea
Do Sêr Espiritual que vive em mim
E no qual minha dôr, minha miseria,
Está liberta, alegre e redimida.
Sigo o Espirito amado e que não ama,
E de quem te aproximas; mas ainda
Teu doce vulto animico derrama
Negra sombra de amor que me entristece ...»

«Então és mais feliz, baixando os olhos,
Respondeu a Saudade; muito embora
Eu seja um sêr divino e transcendente,
Mal o riso me fala, sem demora,
A lagrima responde . . . E a minha Imagem
Sente-se prêsa á terra onde nasceu,
Como um phantasma ás sombras da Paisagem!»

E Marános responde pensativo:

«Em verdade te digo que em mim proprio
Não posso ser feliz. E todavia,
Eu sinto que em meu vulto é que se forma
A perpetua e impassivel Alegria! . . .
Eu não sou a Alegria, mas apenas
A tragica materia que a produz.
Na grande escuridão sou facho a arder,
E a que distancia estou da minha luz!
Emquanto eu ardo e sofro e me consumo,
Em que altura suprêma andarás tu,
Sem desmaios de nuvem ou de fumo,
Divina claridade do meu corpo? . . .
E por isso que a chama realisa,
Em sua luz, um gráu de perfeição,
Tambem eu só me elevo em minha animica,
Já liberta e perfeita Creação!
Mas no meu sêr, o Espirito ainda existe
Em pêso bruto e densa escuridade.
Sou a Tragedia viva, a Dôr que sofre
E que Deus fez da sua Eternidade!
E tu de minha fragil natureza
Participas ainda; mas tambem

Já és d'aquele Reino, onde a Beleza
Se torna espiritual e sobrehumana!»

E a Saudade, inclinando a branca fronte,
Melancolica ouvia, emquanto a luz,
Manando de abrazada e eterea fonte,
Seus olhos florescia e saciava.
E Marános olhando a sua face,
Vira o seu coração. E na embriaguez
De quem vê, surprehendido, o sol que nasce,
Ao abrir as janelas, de manhã:

«Tu és o amor carnal já transcendente,
Já pela aza do Espirito tocado!
Virgem que sob os pés tem a Serpente,
E sobre a fronte o resplendôr do Sol!
E nos labios o beijo que se chora;
E a lagrima infinita que se beija
Nos olhos . . .
Virgem mystica da Aurora,
Na Capelinha triste do Crepusculo . . .
Virgem dos sitios êrmos, onde reza
O Vento, quando as árvores ajoelham.
Virgem da estrela de alva e da tristeza
Celeste e amanhecente em que ela nasce.
És a Virgem do mundo lusitano,
A Virgem dos pinhaes, á beira-mar . . .
És a Virgem das ondas do Oceano,
Sobre um altar de nuvens e de espumas!
És a Virgem da tarde, quando em nevoa
Sobem da terra ao ceu as claras fontes . . .
Virgem da Lua Nova alumiando

Meu coração e as pedras que ha nos montes . . .
E as árvores do vale que a emoção
Reverdece melhor que a luz do sol . . .
Viagem da Lua Nova e da canção
Dos rouxinoes na sombra dos salgueiros!
Virgem das altas serras coroadas
De neve e de silencio! Ó doce Virgem
Da solidão pagã das madrugadas,
Quando a Tristeza e a Noite ainda vão perto . . .
Ó dolorosa Virgem da distancia!
Ó Senhora do Longe e da Aventura,
Na solitaria Ermida sobre as rochas
Que dominam o mar e a noite escura!
És a Virgem Saudade, a Dôr que sofre,
Ai d'ela, ao mesmo tempo que é sofrida;
Beijou-te n'uma face a propria Morte,
N'outra face beijou-te a propria Vida!
És o Estigma da Raça, o seu perfeito
E limpido Signal de santidade!
Seu destino e futuro em ti existem,
Pois participas, sim, da Divindade!
Ó Virgem Lusitana! Ó Escolhida
Do Mensageiro alado que o Senhor
Já te enviou dos Céus; e, humilde e triste,
Disseste: *sim!* corada de pudôr.
Ó Saudade! Ó Saudade! Ó Virgem Mãe,
Que sobre a terra santa portugueza,
Conceberás, isenta de pecado,
O Christo da Esperança e da Beleza!
Ó nova Divindade, eu quero erguer-te,
No mais alto da Serra, um belo altar
Feito de terra e lagrimas e rosas,

Alumiado do Sol e do Luar!
Aqui será Bethlem. E estes pastôres
Se hão de ajuntar em grande romaria,
Na adoração do novo Deus Menino
Resado pela Nova Profecia.»

Disse. E logo a Saudade mysteriosa
Ali se transfigura, ante os seus olhos . . .
E a urze, o tôjo, a fraga dolorosa,
Sob os seus pés, em nuvem se mudaram . . .
E eis que subindo a Nuvem envolvente,
Escondendo-a no seio, iluminou-se . . .
E então ficou Marános, de repente,
Sobre a terra, prostrado e deslumbrado.

VIII

MARÁNOS E O OUTOMNO

Vagueava, pela Serra, o frio Outomno,
Ermo vulto de sombra e de humidade.
Seu halito de brisa embaciava
O limpido cristal da claridade,
A transparencia rôxa da Distancia
E a propria côr, irmã da Primavera,
Que as chimericas formas ilusorias
Reveste de ilusão e de chimera.

O Outomno vagueava pela Serra,
Neblinas agoirando, a neve, a chuva;
E atraz de si deixava, sobre a terra,
Pegadas de tristeza e de penumbra.
O Outomno andava errante... as andorinhas
Iam fugindo e a luz enfraquecendo...
E os ribeiros mais limpidos se tornam,
Conforme os dias vão arrefecendo.
E mesmo o nosso espirito parece
Ganhar em claridade e concentrar-se,
Quando o nevoeiro os ares escurece
E povôa de espectros a Paisagem.

O Outomno andava errante, dando ás cousas
Espiritual figura e destruindo

Aquelas sensações voluptuosas
Que o Abril acende até nas proprias árvores!
O Outomno andava errante . . . O seu cabelo
Ás brisas ondulava . . . E a Deusa Céres,
Tendo, ao alto, na fronte, o sete-estrêlo,
Marcava a meia noite dos amôres.

E d'um soturno cêrro que emergia
Da nevoa branca e humida, Marános,
Na matutina luz cinzenta e fria,
Olhava um mar somnambulo de nevoas . . .
E, ao longe, escuros pincaros formavam
Phantastico archipelago deserto . . .
Grandes aguias, extaticas, pairavam
Tão altas, para além do proprio Outomno!

E Marános olnando a clara nevoa,
Sonho doce do mar, ali pousado,
Meditava: onde vae o sonho humano,
Quando de nós se afasta, já sonhado?
Fica mais só, mais triste a nossa vida
A cada sonho, sim, que vae do mundo.
E a cada branca nuvem que se forma,
Sente-se mais salgado o mar profundo . . .
Ó mar! Ó velho mar! existe alguem
Que vê, de perto, as nuvens que tu sonhas,
Tão remotas, pairando já no além
Do inconstante viver das tuas aguas!
Mas eu não sei! não sei, quem pode ver
Os meus sonhados sonhos que se alongam
Para lá d'esta vida e que, de certo,
Indefinidamente se prolongam! . . .

E Marános assim, perante aquele
Mar de nuvens, pensava . . . E dentro em pouco,
Formou-se um Vulto escuro, junto d'ele,
Irrompendo das brumas, vagamente . . .

E eis que o Outomno lhe fala: «Ó bom amigo,
Não sabes quem eu sou? Dá-me o teu braço!
Atravez d'estes pincaros comtigo
Quero viver em doce companhia . . .
Não sei porque deixaste a bôa terra
Dos pinheiraes sombrios, onde eu sou
Mais belo ainda, sim, que n'esta Serra:
Ermo altar com a imagem do Silencio . . .

«Eu amo, sobre tudo, os arvoredos
Que a minha grã tristeza veste de oiro!
E aqui, como tu vês, ha só rochedos
Insensiveis á propria Primavera.
Ah, porque abandonaste a comovida,
Fertil terra do Vale, onde me visto
Da côr que o anoitecer da luz da vida
Põe no rosto confuso das florestas . . .
Lá onde eu sou jardim abandonado
Com ruinas de fontes e cascatas,
No qual vageia a sombra do Passado
Sobre folhagens mortas que esvoaçam . . .
E onde sou a dramatica nudez
De femininos troncos ainda virgens;
E a árvore já mulher, na viuvez
Em que a deixou, fugindo, o claro Abril!
E com materno amor, ainda sustenta
Fructos orfãos caindo como lagrimas,

Quando a manhã, já humida e cinzenta,
Com suas mãos de brisa agita os ramos . . .»

E Marános: «Eu amo a Serra e o Mar. . .
Sou como a Lua e como a nevoa . . . Eu amo
As ondas em seu liquido anciar
E terrea densidade do seu extase.
Se têm a vossa forma, ó verdes ondas,
Os seios da Mulher, a aza e o vento . . .
Em onda o riso sobe e cae a lagrima;
É onda o olhar, a luz, o pensamento . . .
Ondas do mesmo mar que é Deus, emfim;
Grande mar onde é apenas gota de agua
O sol, e branda espuma a Via Lactea,
E alta maré meu sonho e minha magua! . . .»

E como distrahido, assim dizia
Marános; e o Outomno derramava
Doce penumbra de melancolia
Na onda da sua voz harmoniosa . . .
E tinha um ar humano de quem ouve,
Uma tristeza humana, quasi amor;
E seus olhos azues representavam
A divina tragedia do sol-pôr.

E falou a Marános novamente,
N'uma voz elegiaca de sombra:

«Eu sou o primeiro somno do inocente,
Das virgens e das árvores . . . Somno leve
Que humedecido véu de nevoa espalha
Nos corpos e nas almas, quando a Aurora

De scintilantes lagrimas orvalha
Toda a Paisagem que parece morta . . .
Mas é certo que dorme um somno leve,
No seu leito doirado com lençoes
Esplendentes e alvissimos de neve,
Que são a fria e pura Virgindade
Envolvendo e escondendo um recatado
Corpo donzel de virgem . . .
Somno brando
De nuvem, quando o vento está parado,
Sem pesadêlo ou sonho por mais casto . . .
Somno que lembra a agua pura e clara
Na areia clara e pura . . . e de improviso,
O sol, ferindo a sombra das folhagens,
Dir-se-ha que a bebe toda, n'um sorriso!

«Ah, como eu sei adormecer! Só eu,
E, á noite, o mar e o vento ás horas mortas,
Quando, lá fóra, anda a Tristeza errante
E, como enlouquecida, bate ás portas!
Ah, como eu sei adormecer! Só eu
E o vento e o mar! . . . Sou o primeiro somno!
Dormem os bosques; dorme a terra e o céu . . .
E esta tristeza calma das Paisagens,
É alegria que dorme . . . esta penumbra
É luz adormecida . . . esta aparente
Morte da Natureza, é vida viva
Dormindo . . . somno leve de inocente . . .
E o silencio que reina, é voz dormindo . . .
Canções de cotovia adormecidas;
E mesmo adormecidas, vão subindo,
No azul dormente, para o sol que dorme . . .

«Sou brando somno . . . Sou o primeiro somno . . .»

E Marános sentia adormecer
O sangue nas suas veias, porque o Outomno,
Falando, derramava o somno leve . . .

E n'outro tom de voz, continuou:

«Mas já que te encontrei n'esta Montanha
Que entre as Cousas adoras, e onde eu sou
Mais vago e espiritual que em outras terras,
Ao pé de ti, meus passos ouvirás,
Como um sussuro sêco de folhagem
Que ergue o vento do chão; e nos teus olhos
Será presente e viva a minha imagem . . .»

Disse; e logo da nevoa um outro Vulto
Surgiu: era a Saudade, a Divindade
D'aqueles sitios êrmos, Virgem Nova
Da nova e espiritual Fecundidade,
Que já vivia na alma de Marános:
Assim no seio escuro e mysterioso
Da noite a luz da Lua . . . E em torno d'ela,
O chão esteril, duro e pedregoso
Reverdeceu, floriu. E a sua fronte
Toucou-se de oiro e rosas e sorria,
Como a linha saudosa do horisonte
Na anunciação do sol . . .

E sobre a terra,
Comovido, Marános ajoelhou . . .
E o Outomno ajoelhou; e a luz do céu

Nos olhos da Saudade scintilou,
N'eles ficando viva e imorredoira.

E Marános, orando: «Eu te bemdigo
Virgem da minha terra e da minh'alma!
Emquanto eu existir, seja comigo
Tua viçosa graça espiritual . . .»

E o Outomno, de joelhos: «Minha Irmã
D'álem do mundo escuro a que eu pertenço;
Mystica e doce estrêla da manhã
D'um outro céu mais alto que este céu!
Na minha tôrva dôr inerte e baça
Das frias rochas e dos troncos nús,
Espalha a tua luz de eterna graça
Que dá calor e vida ás cousas mortas . . .»

E a Saudade a Marános: «Serei sempre
Comtigo n'esta vida e na outra vida!
Ou, de noite, dormindo ou acordado,
Verás minha Figura enternecida!
Serei sempre comtigo; e nos teus sonhos
Serei mais clara ainda e mais presente;
Durante o somno a alma está desperta,
Sonhando, é que me vês intimamente . . .

«Sim. O sonho do corpo é o despertar
Do espirito profundo que em nós vive.
Sonhar, o que é? Sentir, ouvir e olhar
Creaturas d'além do nosso Reino.
Uma arvore sonhando o que veria?
As aves que esvoaçam nos seus ramos

E a sombra humana da melancolia
Sentar-se á sua sombra meditando . . .
E em sonhos, que veria a terra verde?
A arvore e a sua flor, a fôlha de hera
Mais a sua esperança; e até no inverno,
Sonhando, ela veria a Primavera.»

E depois a Saudade, irmã do Outomno,
Afastou-se d'ali para viver
Seus instantes de mystico abandono,
Sósinha, com o Espirito do mundo . . .

E Marános e o Outomno contemplaram-se
Face a face. D'um lado era o sêr vivo;
Do outro lado o phantasma: a Natureza
E um seu lucido gesto fugitivo.

E Marános, já mais iniciado
No mysterio das almas e das cousas,
Viu esse Vulto em bruma alevantado,
Que, tão proximo d'ele, lhe falára,
E disse:

«Ó bom Espectro que derramas,
Em derredor de ti, profunda magua,
Concebida no seio astral da luz,
Como as nuvens do ar no seio da agua,
Eu conheço-te, sim! pois sou aquele
Que dá vida aos Phantasmas quando escura,
Noite vem sobre a terra, e o seu aroma
Perturba os astros na suprema Altura . . .
Sou aquele que fala com as Sombras;

Sou o empecido, esse homem de olhos fundos . . .
Vejo as Almas, os Genios, os Espiritos
E novas Creaturas, novos Mundos!
Sou o homem da Cegueira visionaria;
Da Estupidez divina e inteligente,
Que, ao andar pela estrada solitaria,
Vê os Anjos do céu que lhe aparecem . . .
Emquanto os maus profetas e outros sabios,
Os de céga visão, de inteligencia
Estupida e mesquinha, não avistam
A vida em alma e sonho e pura essencia!

«Eu ouço a tua voz; melhor te vejo,
Porque tu és o eleito dos meus olhos,
Espirito arraigado no desejo,
Desejo, alem das nuvens, florescendo . . .
E vendo-te e sentindo-te, imagino
Ou, antes, *vejo* a forma transcendente
Como os Deuses e as Lendas se criaram
Na terra humana, em flôr, reverdescente . . .
E sinto que esta carne que me veste
Os ossos, palpitante e dolorosa,
É hoje um *meio vivo* egual áquele
Em que Venus, envolta em luz radiosa,
Surgira da Onda mater e divina . . .

«Sou o Azul, onde a estrela dos Reis Magos
Brilhou, e a humilde gruta pequenina,
Onde o Menino Deus foi dado á luz . . .
Sou a Lyra de Orfeu, mais o arvoredo
Dominado e attraido . . . E nos meus olhos,
Tão cheia de luar e de segredo,

Nasce a noite em que a Virgem concebeu . . .
Sou a terra onde foi o Paraiso!
E a árvore do peccado no meu sangue
Crava as fundas raizes . . . e o sorriso
Da sua flôr é luz de perfeição!
Se inocente e ignorante, n'outros tempos,
Vivi da graça eterea do Senhor,
Hoje, expulso, vencido e cabisbaixo,
Vivo do meu saber e minha dôr!
Meu sublime peccado condensou
Em agua as grossas nuvens do Diluvio . . .
E assim minha ambição alevantou
Da terra ao céu, a Torre de Babel!
Em minha propria carne foi escrito
Esse Poema tragico de Job;
E em meu peito se apoia e toca os astros
A luminosa escada de Jacob!
Sou a Serpente e o Anjo, a aza e a garra!
Fraga que um beijo a arder enterneceu . . .
Sou Apolo e Jesus; e no meu sangue
Lateja a terra em febre e o azul do céu!

«Outomno, meu amigo! Ó creatura
Do crepusculo vago que em minh'alma,
Em êrmas ondas espectraes murmura . . .
Sombrio e fundo mar de sentimento!
Avisto-te ao meu lado, todo erguido
Em humana figura . . . e já não sei
Se nasceste do Abril anoitecido,
Se da minha chimerica tristeza . . .

«Mas ouço tua voz e tenho em mim

O poder de te dar espiritual,
Sensivel forma clara que eu avisto
Dentro da vida cósmica e real . . .
É porque sinto e vivo o tempo heroico
Das Lendas e dos Deuses! . . .

N'esta Serra
Fazem tambem os Anjos o seu ninho
E a Aza é a primogenita da Terra.
Depois de voar na agua, esse ar mais denso,
Elevou-se no Azul, como tentando
Acompanhar a agua em seu imenso,
Marmoreo vôo de nevoa escultural!
E a mesma tentação a fez subir
Além da propria Dôr e da Materia!
E ei-la agora meu sonho de alegria,
Ei-la o sol que me veste em luz eterea!
Ei-la o Reino do Espirito attraindo
E levando em celeste turbilhão,
Para além d'este Espaço e d'este Tempo,
A mortal e imperfeita Creação!
Ei-la o sonho dos homens florescendo,
Longe da Vida, em plena Eternidade!
Ei-la a Virgem da Dôr e da Esperança,
Da minha terra a nova Divindade!
Ei-la um povo de Deuses, povoando
Esse além do meu sêr e a Sombra estranha
Que em rochedos, outeiros e planaltos,
Em mim se eleva e é rustica Montanha!»

E emquanto assim Marános lhe falava,
A figura do Outomno se dispersa . . .

Seu manto de neblinas fluctuava
Sobre as fragas, mais tenue e transparente...
O Outomno dispersou-se pelos montes,
Como um sol-pôr que foge e vae deixando,
No corpo vivo e liquido das fontes,
Macerações de luz e chagas de oiro.
O Outomno dispersou-se pela Serra,
Em arripios vagos que, no ar,
Eram sôpros de vento e sobre a terra,
Brumosos tons de cinza e de saudade...
E n'um ultimo gesto nevoento,
Onde o riso do sol se enternecia,
Seu Vulto se afastou; e mais alegre,
Quasi primaveril se fez o dia...

E sua voz anciosa, muito além,
Nublada e tôrva, exclama com tristeza:
(Voz morta de phantasma que ainda tem
Um doido apêgo á vida que o deixou)

— Tudo o que sou agora é só a imagem
Dos meus tempos futuros! E o doirado
Somno leve que dorme esta Paisagem,
Será, um dia, o somno sempiterno!...

IX

MARÁNOS E OS DEUSES

Um novo sol nascêra, e já Marános
A vista de seus olhos encantada,
Espalhava nos montes que a sentiam . . .
E aqui e além, a nevoa ainda pousada,
Flócos de espumas de ondas já desfeitas,
Era branda caricia que Deus tinha
Para as fragas que sofrem contrafeitas
Em suas formas asperrimas e agudas.
E o sol claro do outono tambem era
Para as urzes bravias da Montanha,
Um sonho, uma illusão da primavera,
Uma caricia luminosa e doce . . .
E Marános sentia percorrer-lhe
Os nervos a mais viva e amanhecente
Sensação de prazer . . . O sol já alto
Batia-lhe na fronte; e occultamente,
Em seu humus sensivel e profundo,
Espirituaes sementes germinavam . . .
E uma floresta viva de alegria,
Cheia de cantos vivos que soavam
Em frescuras idylicas de sombra,
Ia crescendo e toldando de folhagem
Seu mundo interior com mar e serras,

Nuvens e verdes longes de Paisagem...
E a Montanha surgia á luz bemdita,
Tão limpida e tão alta em nitidez
Que era uma estatua cósmica de terra.

E do sêrro onde estava, na embriaguês
Da luz, do ar, Marános foi descendo
Pela inclinada encosta fragarosa,
Como quem vae seguindo as invisiveis
Pégadas d'uma Deusa misteriosa...
Quando, cheio de assombro, descubriu,
N'um êrmo outeiro em sonho alevantado,
Apolo que tangia a Lyra eterna,
De mirtos e de rosas coroado.
E a harmonia divina, que voava
Das cordas que a geraram, desprendida,
D'um suave crepusculo banhava
O ouvido extasiado de Marános.
Era o canto elegiaco do Outomno,
A saudade de Apolo que o prendia
Ao vulto de Eleonor que, na distancia,
Ou n'um seio de nuvem se escondia,
Ou n'um raio de luz a aparecer,
Semeava o lyrio, a rosa...

E os êrmos montes
Sentiam sua terra florescer
N'aquela Primavera espiritual.
Sim: a vida do Espirito domina
O proprio sol; um gesto, uma palavra
O fez parar no céu... e a luz divina
Ante o sonho dos homens, anoitece!

E Marános a Apolo: «Ó Deus eterno,
Estranho é para mim que a Divindade
Como os homens padeça!» E logo Apolo:
«A maior dôr é a propria Eternidade!»

E a Lyra, em suas mãos, emudecendo
Parecia evocar a noite palida . . .
E um silencio outomnal vinha descendo
Sobre a fronte scismatica de Apolo . . .
E continuou falando n'uma voz
Nevoenta, como a voz que tem o mar:

«Ando errante no mundo a ver se encontro
A minha antiga vida . . .
E a luz do luar,
Desdobramento indefinido e vago
Do meu corpo abrasado e esplendoroso,
Envia-me, de longe, o seu afago
De sombras e o seu beijo que é de lagrimas.

«Fumos, melancolias, nevoas de alma! . . .

«Quanto deve ser doce! oh, quanto deve!
Sentir pousar na fronte a noite calma
Quem vive em fogo e luz perpetuamente!

«Concederam-te os Deuses o favor
Da morte, que eles proprios não tiveram . . .
A morte que é o signal do creador,
Porque, ai, a Eternidade é creatura!»

E Marános ouvira em confusão,

De espirito, pois nunca imaginou
Que, n'um peito divino, um coração
Divino fôsse triste e assim falasse!
E Apolo, conhecendo o grande espanto
De Marános:

«Eu falo como um Deus,
Como um homem tu ouves; mas no entanto,
Devias entender minhas palavras;
Este verbo de luz que o Outomno murcha,
Como estiola as flôres e as folhagens.
O Outomno faz-me triste e empalidece
Meu rosto ardente e vivo que as Paisagens
Adoram...

Mas que serve ser amado?
Antes a dôr creadôra que o prazer
Extatico, passivo e já criado!
Homens, o vosso culto me perturba!
O Fumo vão das victimas ensombra
Meus olhos... e esta luz que eu semeava,
Dá florescencias palidas de sombra,
Rosas de bruma e lyrios de tristeza...
Que a minha dôr divina se modere
Ao contacto da terra; e a vizinhança
Do que é mortal e vivo retempere
A eternidade morta da minh'alma!...»

E nos labios de Apolo escura nuvem
Toldára-lhe as palavras... e o seu loiro
Cabelo em êrmas ondas ondulava...
E continuou tangendo a Lyra de oiro.

Lá nos fins do planalto, mais ao longe,

Bandos de claras Nymphas vagueavam;
E de traz dos rochedos, velhos Faunos,
Com lume a arder nos olhos, espreitavam...
Iris na densa nevoa escurecida
Que toldava o horisonte montanhoso,
Era uma face angelica acendida
Em luminosas côres espectraes...
E Diana, tão cruel em sua gélida
Castidade egoista, perseguia
Com os seus cães ferozes e divinos,
A pobre caça timida e bravia!
Palpitante no ar, o Touro alado
Arrebatava Europa!
E a Deusa eterna,
Junto ao corpo de Adónis desmaiado,
Tinha os Sete-Punhaes no coração!
E de pé, n'um rochedo, com a fronte
Coroada de pampanos viçosos,
O Deus Baccho cantava; e era uma fonte
De embriaguez divina a sua voz!
E de seu proprio seio a Terra mãe
O busto alevantando para os céus,
O Gigante protege na fecunda
Guerra que faz o Homem contra Deus!
E Hercules, manejando a enorme clava,
Parecia sonhar... E era tão alto
Que só de monte em monte caminhava,
E o seu rôsto perdia-se nas nuvens!...

E Marános, extatico e surprêso,
Contemplava essa viva multidão
De Deuses, quando viu aproximar-se,

Toda frescura, vida e comoção,
A imagem de Jesus que alvoroçou
As nuvens e os outeiros... Era o sol!
E Iris o seu caminho tapetou
De lirios, rosas, multidões de flôres...
E as Nymphas desprendendo o seu cabelo,
O erguiam com as mãos, no ar formando
Um pálio de oiro vivo, sob o qual
Vinha Jesus sorrindo e caminhando...

Logo Apolo, correndo ao seu encontro,
Lhe disse: «Pelo ar que tens no rosto,
Vejo que és Deus tambem; e o grande Jupiter
Deu-te em partilha o Reino do Sol Pôsto...»

E Jesus: «O meu Reino é para além
D'esse clarão que brilha em tua fronte.
Da Virgem e do Espirito descendo;
Mas o Olympo troquei por este monte.
Prefiro a bôa Terra, a minha Avó,
A Mãe de minha Mãe.

Antigamente
A alegria da Vida desprezei;
Mas a Vida vingou-se, e cruelmente,
Fez-me subir as rochas do Calvario!
E emquanto eu padecia sobre a Cruz,
Teu sorriso beijava as minhas chagas,
O meu ultimo alivio foi a luz!

«Sou um Deus que morreu para voltar
A outra vida mais alta e verdadeira.
O meu erro deixei-o no sepulcro,

Envolto em minha tragica poeira . . .
E este Deus que tu vês deante de ti,
É já livre e perfeito ! E apenas choro
Esse primeiro tempo que vivi
Na adoração dos lagos e dos montes . . .»

E Jesus tinha um ar saudoso e triste . . .
Penumbras do Passado esvoaçavam
Em seus olhos profundos onde existe
Essa menina em flôr da sua infancia.
Mas logo um pensamento amargo e duro
Turvou-lhe a fronte clara: assim um rio
Sente subir o lôdo fundo e escuro
Á sua verde e branda superficie.
E continuou dizendo:
«Ah! choro ainda
A minha infancia plácida e serena . . .
Vida de sonho e nevoa . . . luz infinda
Envolvendo e beijando a Natureza . . .
Mas a vida febril, consumidora
Dos ultimos momentos, quando a Terra
Para mim era Inferno, e a luz da aurora
O tentador sorriso do Peccado!
— Essa vida terrivel foi meu erro!
E é hoje o meu remorso, a minha dôr.
Se findou para mim, ela ainda existe
No coração dos homens sem amôr!
Quantas guerras! incendios! quantos crimes,
Sobre este mundo tragico acendeu!
Ah, porque foi que desprezei a Terra,
Se ela é filha legitima do Céu?

«Ó Virgem, minha Mãe! porque choraste
Aos pés da minha cruz! Para que foi
Que sobre mim os olhos projetaste,
Dois abysmos de treva e de aflição?!
Ainda te vejo, horror! nas duras fragas,
De dôr petrificada, e de joelhos!
Junto da cruz maldita, emquanto as nuvens
Cravavam seus relampagos vermelhos
Na minha fronte fria e moribunda!
Ainda te vejo, ó Mãe! E vejo a treva,
Qual aguia monstruosa e furibunda,
Roubar-te ao meu olhar que se extinguia! . . .
E ao ver-me então sósinho, face a face,
E mais a minha morte, é que eu chorei
Meu erro, meu engano e a dôr injusta,
Ó Virgem, minha Mãe, que te causei!
Mas a morte, phantasma alevantado
Dos pés da cruz á altura do meu rôsto,
Me disse em cavernoso tom maguado:
— Não chores mais, não chores! Vem comigo! —

«E lá fui com a Morte; e novamente
Surgi á luz do mundo; e só desejo
Esquecer para sempre, eternamente,
Essa tragedia horrivel do Calvario!
Quero fugir do Espectro que persegue
A minha vida animica e pagã,
Qual sombra melancolica da noite
Que fôsse nas pégadas da manhã . . .
Na vossa companhia, ó sempiternas
Divindades do Amôr e da Belleza,
Quero viver, sonhar, sentir em mim,

A vida espiritual da Natureza.
Tu és, Apolo, o Deus da Claridade,
O eterno Deus do Fogo creador.
Eu quero ser a doce Divindade
Da Comoção, da Graça e da Ternura...
Quero reinar em tudo quanto existe
De mais perfeito, delicado e brando;
Em tudo o que ha no mundo e tu não viste
No resplendor ardente que te envolve!
Quero ser o Deus virgem da Esperança
E da bôa Tristeza; o Deus da lagrima
Que, n'uns limpidos olhos de creança,
Lembra gôta de orvalho matinal.
Quero ser o Deus mystico elevando
As almas para além da tua Luz,
Emquanto no meu corpo vae delindo
A nodoa escura e tragica da Cruz...»

E Apolo respondeu: «É com tristeza
Que me lembro do dia em que morreste.
Tão grande foi teu erro, que em meu rosto
Se fez a noite! e a propria terra agreste
Do outeiro onde a tua cruz se levantava,
Cheia de horror, tremeu! E negra nuvem,
N'um gesto vingativo, embaciava
O céu em que puzéras a esperança!

«Mas levando-te a morte dolorida,
Em vez de tuas palpebras descer,
Mais teus olhos abriu á luz da Vida...

«E a Vida te perdôa e te abençôa!

«Por isso, em tuas mãos quero entregar
A minha dôr antiga . . .»

E Jesus Christo:

«Tambem meu Verbo eterno ha de encarnar
Em teu Corpo de fogo e claridade . . .»

E como por milagre, de repente,
Uma alegria mysteriosa e estranha,
Um cantico de sol no ar se fez . . .

Era o sorriso imenso da Montanha.

X

MARÁNOS, ELEONOR E A SAUDADE

E Marános, ainda dominado
Pelo encanto d'aquela Aparição,
Ia andando...
Era a hora em que se vê
Já mesmo atraz da luz a escuridão...
Quando profundas lagrimas a medo
Sobem á face extatica das cousas,
D'onde o vulto nocturno do Segredo
Dir-se-ha que se levanta e nos espreita...
Dirigia-se á *Ermida da Senhora*
Da Serra... Ali passava as longas noites...
E ali, n'um aureo gesto, a luz da Aurora
Lhe vinha anunciar o nascimento
Do Sol-Menino aparecendo além
Do horizonte serrano todo em chamas,
Como se fôsse a Terra a sua mãe,
E o erguêsse nos braços, offertando-o
Ás florestas, aos passaros e ás nuvens!

E Marános seguia a meditar
N'um silêncio tão grande, que ele ouvia
O coração no peito palpitar.

Mas antes de chegar á bôa Ermida,
A noite surpreendêra-o no caminho . . .
Ao longe, uivavam lobos, e nas trevas
Voavam aguias em busca do seu ninho.
E a triste escuridão, que se elevava
Do mundo para o céu, na grande altura,
Como fumo subtil, se dissipava,
Entremostrando o riso das estrelas . . .
E o beijo da penumbra, desprendido
Dos teus labios, ó noite, em altos sêrros
Esvoaça mais tenue e esclarecido
Que nos vales profundos e scismaticos . . .
E no brumoso longe oriental,
Um doce alvôr, um mystico desmaio,
Um silencio de luz espiritual,
Luminosa tristeza vae subindo . . .
E a sombra refugia-se medrosa
Nos recantos escuros . . . e depois,
Vae descendo . . . descendo a fragarosa
Encosta das quebradas e dos pincaros
Que erguem os altos cumes pelo céu,
Já tocados de branda e eterea graça . . .

E a Lua no Oriente amanheceu,
E anda o Luar, emfim, sobre a Montanha . . .
Dir-se-hia que do Azul a *Via Lactea*
Descêra ao mundo, e as almas caminhantes,
Que andam atravez d'ela, agora andavam
Por outeiros e pincaros, errantes . . .
E em tal estado de intima canção,
Caminhava Marános, que ele todo
Era uma fonte viva de emoção . . .

E parava a scismar, como suspenso . . .
E os sentidos perdia . . . e assim perdidos
Contemplavam melhor esse Além-Mundo,
Onde as almas e os soes recemnascidos
Vivem na infancia eterna do Universo.
E viam Eleonor com as estrelas
Dançando e rindo na suprema Altura,
Junto á Fonte sagrada d'onde nasce
A Vida em onda imensa que murmura . . .
De fronte erguida, sobre a terra em pé,
Marános era o Sonho, pois de sonho
Eram seu sangue e carne; e mesmo até
Seus ossos eram feitos de remotos,
Fossilisados sonhos primitivos
Que ha milhares de seculos pairaram
Na penumbra dos bosques pensativos
E das negras cavernas habitadas . . .

Mas já se via a Ermida no seu alto,
Sósinha e triste e branca do luar . . .
E ao lumiar da porta, em sobresalto,
A Saudade esperava, olhando a noite . . .

E o Silencio, o Luar e a Solidão
Caminhavam ao lado de Marános . . .
Tres Phantasmas da Terra em oração,
Sob o espectro de Deus que abrange tudo . . .
Tres Phantasmas da Terra, tres Figuras
Do principio do Mundo, e que ainda existem
Só porque são phantasmas . . . e ás escuras
Vagueiam na tristeza das Montanhas . . .

Logo a Saudade, ouvindo um som de passos
Que o silencio mais nitido tornava,
Correndo ao seu encontro, assim lhe disse:
— Ha quantas horas já que te esperava! —
E na face o beijou; e ao lado d'ele,
Dando-lhe a mão alvissima e contente,
Alegre o acompanhava, conversando . . .

A Lua era já alta no Oriente.

E entrando na Capela abandonada,
Acenderam folhagens, urzes sêcas;
E o fumo azul e a chama alvoroçada
Irrompem, de mãos dadas, no ar bailando . . .
E sobre o altar, a Virgem parecia
Uma estatua animada . . . e o fundo e triste
Silencio de abandono em que existia,
Era agora Marános e a Saudade . . .

Já um rumor longinquo de mudança
De tempo o céu turvava; e em torno á lua
Um desmaiado circulo de nevoa,
Em transparente palidez, fluctua . . .
E um vento repentino penetrou
Pelas frinchas da porta; e o fogo brando
Mysteriosamente se avivou
Ao contacto espectral d'aquêle beijo . . .
E pela grande solidão noturna
E silencio da Serra, o vento alado
Sua voz oceanica em profundos
Murmurios derramava . . .

E concentrado,

Com os olhos no fogo e com o olhar
Mais longe do que brilham as estrelas,
Marános se abysmava em seu scismar,
Esquecido e alheado de si mesmo . . .
E no peito do Esposo a branca fronte,
Descançava a Saudade; e ali ouvia
O rythmico bater d'um coração . . .

Lá fóra, n'um sussurro, já chovia . . .

E Marános scismava alegremente
Em seu poder humano de criar,
E no poder divino e transcendente
Que a Divindade tem de ser criada . . .
E n'um intimo encanto misterioso,
Alcançava a fronteira indefinida,
Onde o seu *meio organico* tocava
O *fim espiritual* da sua vida . . .
Era o Sêr de olhar duplo, contemplando
O Reino a que pertence e o seu etereo
Desdobramento animico; e por isso,
Olhava as duas faces do Mysterio . . .

E Marános sonhava e meditava,
E o fogo ardia alegre e crepitante;
E o vento, clamorando, desfiava
Seu rosario de lagrimas sem fim . . .
Lá fóra andava a Noite; e bem se ouviam
Seus passos de phantasma . . . e a luz da Lua,
Por entre as grossas nuvens que se abriam,
Esboçava, na sombra, os altos pincaros.

E Marános ouvindo a voz do vento,
Com tristeza evocava o mar longinquo
Que surgia em seu vago pensamento,
Tempestuoso, intérmino e profundo . . .
Na sua propria alma, o mar brumoso
Em deliradas ondas ondulava,
Atirando ás estrelas, ancioso,
O beijo amargo e gélido da espuma!
Seu coração maritimo e serrano,
Era o Mar e a Montanha . . . Dentro d'ele,
Tomavam, por milagre, aspecto humano
Ondas, outeiros, nuvens, tempestades . . .
E assim, intimamente, ele sentia
A intimidade cosmica que prende
A onda revolta, em febre de agonia,
Á terrea onda extatica e parada . . .
Porque a montanha, o mar, as altas nuvens
E tudo o que beijava o seu olhar,
Dentro de si ficava, recordando
Outro mundo girando em outro ar . . .
Via a ronda infinita das Imagens
Bailar em sua lucida memoria;
Eram rostos amados e paisagens,
Longes de nevoa e pertos de verdura . . .
Figura esvelta e linda que passou
Por ele, ha muito tempo . . . e na sua alma
Um crepusculo eterno derramou
E nos seus olhos pôz eterna lagrima . . .
Era o scenario vivo do Passado;
O lar da infancia, as árvor's que o cercavam;
O adro da Egreja, ao longe, branqueado,
O vale, o rio, as ultimas montanhas . . .

A fonte que ele ouvia da sua cama
Cantar lá fóra, á noite, no silencio,
N'uma voz de quem sofre e de quem ama,
Um outro amôr e dôr, em outro mundo . . .
Eram aves e flôres, creaturas
Que o Tempo já levára e consumira . . .
Mas em formas animicas e puras,
Perfumavam, cantavam e falavam
No seu divino Reino Espiritual . . .
E encantava Marános o segredo
D'essas intimas vidas que não morrem,
Sejam de flôr ou de ave ou de arvoredo . . .

E viu que todo o corpo exterior,
Ao tocar a sua alma comovida,
Se espiritualisava; e, em puro amor,
Vivia a vida animica e perfeita.
E viu que a Natureza, d'esta forma,
Em seu imaterial desdobramento,
Destróe o Espaço, o Tempo e tudo quanto
É dôr, fragilidade e sofrimento.

Hora eterna, divina, extraordinaria,
Em que o Homem gerou a Deus na Terra,
Como a terra fecunda e solitaria,
N'um impeto de amôr, gerou as arvores!
E o destino d'um homem não é mais
Do que ser atraido e dominado
Pelo seu Deus, divina Creatura
E seu divino Filho consagrado.
Tudo ao Filho obedece; o céu e o mundo.
Dão-lhe graças, cantando, os passarinhos!

O sol o glorifica e o mar profundo;
Falam d'Ele os Prophetas, no deserto...
Jesus para cumprir sua vontade,
Sobe o Calvario e n'uma cruz expira!
E sob a influencia astral da sua graça,
Orfeu tocou, sonhando, a eterna Lyra...
Ah, Deus é o *Fim da Vida*, porque Deus,
Entre os sêres animicos, é o Sêr!
E sobem até ele o mundo e os céus
Pelo Homem, — essa Escada de Jacob.
Ah, Deus é o *Fim da Vida!* E tudo quanto
Existe em pobre corpo sofredor,
Gravita em volta d'Ele e se aproxima
D'esse infinito e santo Resplendor,
D'esse Phantasma vivo e sempiterno
Que abrange a Imensidade tenebrosa:
Almas, estrelas, bosques, penedias
E o Sonho, branda nevoa misteriosa...

E Marános vivia n'esse *além*
Do Mundo, porque o via... Contemplar
Não é mais que adorar; e amar alguem
É ser a creatura bem amada.

E n'estes pensamentos transcendentes
Marános se embebia; e no seu peito
Descançava a Saudade a branca fronte
Com espiritual, divino geito...

E eis que surge Eleonor, tão alta e pura,
E tocada de sonho e eterea graça
Que, ao vê-la, a luz do sol se faz escura,

Tórna-se a noite clara, quando a vê...
E logo, assim falou para a Saudade:

«Quando a primeira vez eu te encontrei,
Bem longe ainda eras tu da claridade
Que envolve e transfigura a tua face...
Eras Menina e Flôr, de natureza
Fragil e dolorosa, bem distante
De mim; oh, bem distante da Beleza
Na viçosa e perpetua Primavera.
Mas a Dôr sublimou-te, e ergueu teu sêr
Á altura espiritual em que hoje vives.
A condição que tinhas de mulher,
Divinisou-se; és Deusa e eu te bemdigo...

«Por ti, o sol regressa ao berço de oiro;
Por ti, volta a ser agua murmurosa
Agua que um raio a arder evaporou...
Por ti, se faz botão a murcha rosa;
Por ti, o grande roble secular
Volta á semente humilde e pequenina;
Por ti, a luz do sol se faz luar
E o nosso olhar, caindo, se faz lagrima...
Por ti, os passarinhos batem a aza
Em busca do seu par e do seu ninho!
E ao teu sôpro de zephyro se abrasa
Tudo o que a morte apaga: estrela ou flôr.
Por ti, a alma remota da Paisagem
Se aproxima de nós, á luz da lua;
Por ti, a fonte sêca da estiagem,
Evoca a nevoa escura, e logo canta!
Por ti, em nossos olhos sempre ficam

As passageiras lagrimas caidas;
Por ti, na terra, as almas comunicam,
Por ti, no espaço, os astros se contemplam.
És a Perpetuação, a Eternidade . . .»

E depois, dirigindo-se a Marános
E mostrando-lhe o vulto da Saudade,
Tão vivo de presença e de alegria:

«Vêde o alto Luar que te acompanha;
Tua divina Esposa, irmã das nuvens
Que trazem para os sêrros da Montanha
Aparições phantasticas do mar . . .

«Mas eu vim para ser a bem amada
E jamais para amar . . . Á tua frente,
Serei como a Columna incendiada
Ou a Nuvem, de pé, sobre o Deserto . . .»

E Marános, sentindo junto d'ele,
Seu Amor, sua Deusa e Creatura,
N'um alvorôço ouvira aquela voz
Que fala ao mesmo tempo que murmura!
E respondeu:

«Além da minha vida
Existes; é de *Lá* que tu me falas . . .
Mas na luz d'estes olhos definida,
Teu infinito sêr palpita e vive.
És aquela que eu amo, ou simplesmente
O amôr que sinto em mim? Tu és o Amôr,
O amôr divino, eterno, omnipotente,

Divindade criada no meu corpo!
Eu amo o Amôr, amando-te, o que é mais
Que amar sómente alguem . . . Eis a razão
Porque as tuas palavras comprehendo;
E, ouvindo-as, fico todo em oração . . .
Tu és o Amôr que eu amo; e foi por isso
Que segui tua voz, para que, um dia,
N'esta eleita Montanha consagrada,
Se realise a nova Profecia . . .

«Sim: eu avisto o Reino d'onde falas,
E o Reino a que pertenço; vejo bem
A terra onde meus pés criam raizes;
Mas egualmente vejo para além
Da terra e para além do azul dos céus,
Onde em sonho tu vives, e este corpo
Espiritualisado é o proprio Deus . . .
Onde meu sêr é já minha esperança,
Meu desejo vivente que parece
Um divino phantasma de mim proprio . . .
Tambem ao sol, de longe, lhe aparece
O seu espectro em flôr, que é a Primavera . . .

«Sei que nasces de mim . . . Mas que me importa,
Se não sou como tu? Que serve á flôr
O bemdito perfume que ela exhala?
E á estrela de que serve o seu fulgôr? . . .»

E Eleonor: «Um dia, saberás
Para que existo, sim. Ha de nascer
Um sol para os teus olhos simplesmente,
Que seja luz de luar e luz de vêr . . .

«Se é triste a minha voz nos teus ouvidos,
É que ela vem cansada da viagem
Que teve de fazer... Os teus sentidos
Afastam-me de ti... Ver uma cousa,
O que é, senão estar já longe d'ela?...
Para que tu me vejas, é preciso
Que me afaste de ti; tambem a estrela
Só póde ser visivel na distancia...

«Ha de nascer um sol para os teus olhos,
E não mais me verás; e n'esse dia
Existirás em mim, como eu existo
Em teu corpo de treva e de agonia...
Eis o grande segredo... Mas ainda
Vives longe de mim, embora eu viva
Perto de ti; embora eu toque e beije
Tua herdada tristeza primitiva...
Por emquanto, quem sou? A creatura
Que te fala das nuvens... Ainda paira,
Entre a minha chimerica Figura
E o teu Corpo mortal e transitorio,
Essa fria distancia indefinida
Que te inunda de magua e de anciedade...
Mas hei de ser, um dia, aquela vida
Que deixarás de vêr... para a viver.»

E Marános scismava... E nos seus olhos,
Negros corvos famintos de beleza,
Vôa uma nuvem, outra nuvem passa...
E n'uma voz nevoenta de tristeza:

«Para que foi, Amôr, que me empeceste,

Se não posso alcançar-te? Se és apenas
Uma nuvem altissima e celeste,
Sem amoroso pêso e fórma clara.
E para maior dôr, ao mesmo tempo,
Nos meus olhos és viva creatura . . .
Se abro os braços, és nuvem; se contemplo
És feminino corpo de ternura . . . »

E n'um grande desgôsto assim ficou
Marános . . . E a Saudade piedosa
Beijou-lhe a fronte palida, sorrindo . . .
E Eleonor na penumbra radiosa,
Parecendo afastar-se, repetia:

«Ha de nascer um sol para os teus olhos
E será para ti o grande dia . . .
Mas segue, por emquanto, a minha sombra . . .»

XI

MARÁNOS, A SAUDADE E DOM QUIXOTE

E já chovia em bátegas pesadas;
E o vento forte em turbilhões de som
Galgava outeiros, montes e quebradas,
Possesso do Clamor e do Murmurio . . .

E Marános mais triste e pensativo
(Porque o pensar é triste mesmo quando
É alegre o pensamento) ouviu lá fóra
Uma voz que era humana, praguejando . . .
Vaga palavra errante, sem sentido,
Arrastada nos doidos borborinhos!
Verbo que andava tragico e perdido
No labyrintho esphingico da Noite . . .
E a Saudade, pegando na candeia,
Anciosa e medrosa, abriu a porta;
E logo deu de cara com o triste
E palido perfil da noite morta!
E em voz alta, exclamou: «Quem anda ahi,
Perdido pela Serra?»

E de repente,
D'entre as trevas surgiu ante os seus olhos
Um Vulto que lhe disse, tristemente:

«Surprehendeu-me a noite na Montanha,
E n'ela me perdi! Julguei morrer
De frio ou devorado pelos lobos.»

E a Saudade: «Por Deus, vinde aquecer
Esse corpo engerido e gotejante;
No lar ha fogo acêso; sem demora,
Sentae-vos n'este canto, ao pé do lume...
Que vento de gelar vem lá de fóra!»

E uma rajada subita apagou
A trémula candeia; e o zimbro frio
No rosto da Saudade foi bater!
E então, aquele magro Vulto esguio,
Palido, desgrenhado e sem temor,
Sentou-se na velhinha *preguiceira*...
E Marános, olhando-o com amôr,
Lhe perguntou quem era e d'onde vinha...
E ele, inclinando a fronte sobre o fogo
E volvendo a Marános longamente
Seus êrmos olhos vagos e profundos
Lhe disse:

«Eu sou aquele que anda ausente
De sua Patria amada... o Peregrino
Que anda no mundo tragico e imperfeito...
Eu fui meu proprio sêr desesperado,
De lança em riste e escudo sobre o peito!»

Fez-se um curto silencio; e ao lado d'ele,
A mistica Saudade que é tristeza,
A sua alegre sombra derramava...

E poz-lhe pão e leite sobre a meza . . .

Lá fóra, ouve-se o vento declamando
Sua tragedia aérea . . . E Dom Quixote
Na Saudade seus olhos descançando,
E com sombras na voz, continuou:

«Perdida a minha lança e o meu escudo,
Não por fraqueza vil, mas por traição
De encantados gigantes, vejo em tudo
Minha humildade escura de vencido!
Vejo em tudo a Tristeza, porque, emfim,
Seu amôr me pertence, de tal sorte,
Que eu sou mais da Tristeza e da Aventura,
Bem mais! bem mais! do que da propria Morte!
Esta *Triste Figura,* quem m'a deu?
Foi um ventre materno? Foi esta alma
Que subindo-me ao rosto, o escureceu,
N'ele espalhando a noite sempiterna! . . .
Ah! meus olhos perderam a visão
Da Alegria chimerica! e meus pés
Que fôram altas azas na amplidão,
Ei-los crucificados sobre a terra! . . .»

Ia ouvindo Marános; e a Saudade
Silenciosa ouvia; e nos seus olhos
Um alto e doce luar de piedade
Sorria ao Cavaleiro em sua noite . . .

E Marános lhe disse: «Conheci
Teu nome glorioso em todo o mundo!
E em verdade eu afirmo: ainda não vi

Um Ser mais belo e nobre do que tu!
És a Figura humana, heroica e doce,
Das paginas d'um livro alevantada,
Mais viva, mais perfeita que se fosse
Concebida n'um ventre de Mulher!»

E eis que diz a Saudade: «É com tristeza
Que vos vejo sofrer, embora eu saiba
Que não sois da sagrada redondeza
De terras, onde vi a luz do dia.
Pareceis estrangeiro . . . pela fala . . .
Mas eu conheço apenas a paisagem
Onde meu sêr chimerico se exhala
Das almas e das árvores, de tudo! . . .
Pois ninguem como eu tenho, ainda teve
O amôr dos pinheiraes, dos sitios êrmos
E dos sêrros tão altos, onde a neve
Sorri perpetuamente á luz do Sol!
Meu coração, em extase, estremece
Ante a mysteriosa simpatia
D'essa vossa figura que parece
Esculpida n'um mármore de sombra.

«Haverá do teu sangue em minhas veias?
E as lagrimas saudosas que procuram
Em meu olhar o dia que as fecunda,
Por acaso, scintilam e murmuram
Na tua face triste, embora calma,
Que eu avisto tão palida e remota,
Como a longinqua imagem da minh'alma? . . .
Mas não . . . a simpatia que vos tenho
Nasce apenas do vosso sofrimento . . .

Sois estrangeiro e cavaleiro . . . andaes
Errante pelo mundo . . .»

E a voz do Vento
Era o proprio Silencio a falar alto . . .

E os olhos da Saudade se encontraram
Com os olhos do triste Cavaleiro . . .
Os d'ela: luz da lua e luz do sol;
Os d'ele: magua, sombra e nevoeiro.

E Marános lhe disse, de repente:

«O teu mal é o amôr que te persegue!
Pobre de ti, que fôste amôr sómente;
E por isso a tua alma te despreza!
Sê homem e animal, o que é tambem
Uma grande alegria; com ternura
Adora a Divindade que se beija,
Presente e viva, em carne e formosura.
Tu sabes que um deserto, seja de oiro,
Seja de amôr, é a mesma solidão . . .
Vem para a terra mater e fecunda,
Criadora das arvores e do pão!
Vem para a luz do sol, para a alegria
Da verdadeira vida que resulta
Do perfeito equilibrio e da harmonia
Entre a Alma mortal e o Corpo eterno . . .»

E o pobre Cavaleiro entristecido:

«Com estranheza ouvi o que disseste . . .

Meu coração, no mundo incompreendido,
Foi um incendio tragico de amôr!
Eu fui sómente espirito, e jámais
Dei pela vida misera do corpo . . .
Pedras e nuvens, plantas e animaes
São fumarada leve d'um incendio
Espiritual, eterno, universal,
Que a cinza fria e morta reduziu
Meu sêr tão belo, outrora, e virginal
Que florescia a terra que trilhava.
Hoje sou terra morta, sem florir . . .
Desencantada Imagem que perdeu
O divino segredo de vestir
As cousas com a sua comoção . . .»

E Marános, mais triste e pensativo,
Continuou a falar, dizendo assim:
(Arde em chamas o fogo alegre e vivo;
Geme, lá fóra, o vento e a chuva cae . . .)

«O espirito criado que abandona
A carne criadora, é egual ao côrvo
Que Noé soltou no ar, quando o Diluvio
Tumultuoso baixava, imenso e tôrvo . . .
E ao vêrmos nosso espirito perdido
No chimerico ceu a que aspiramos,
Sentimos com tristeza e dôr amarga,
A solidão gelada em que ficamos!
E o nosso corpo exclama, como Christo:
— Meu Pae! meu Pae! porque me abandonaste!?
Eu sei da tua dôr, ó Cavaleiro!
A dôr da Perfeição que tu sonhaste!

Eu vejo a tua dôr, a tua sombra!
Phantasma que, na vida, te acompanha;
Espectro que é teu sangue e tua carne!
Como ele é grande e belo na Montanha,
Nas alturas de fraga e de silencio!
Quem sofre em ti é o corpo derrotado,
O Mal vencido e morto aos pés do Bem!
Pois o esplendor do Bem santificado,
Nasce do Mal que morre, amando a vida...
E toda a morte é dolorosa e triste.
Quando algum sêr se extingue, ou anjo ou féra,
Paira um soluço em tudo quanto existe!
O que ha de mau em nós, perante a morte,
Geme, grita e soluça! Jesus Christo,
No Horto, ao vêr a sua negra sorte,
Sua negra e final expiação,
Sentiu acordar n'ele, de repente,
O vago orangotango primitivo
Que chorou longamente e amargamente,
Com o terrivel calix de amargura
Nas longas mãos peludas e selvagens,
Emquanto junto d'ele, alevantado
Na tristeza da tarde e do olival,
Estava o Anjo mystico e enviado...

«Assim teu corpo ao vêr-se no abandono
Do espirito divino que criou...
Assim o pae ao vêr o filho morto
E a terra ao vêr a flôr que se murchou.

«Sim: é preciso amar o proprio Mal...»

De vez emquando, o vento emudecia . . .
E um silencio profundo se espraiava . . .
E era um silencio apenas que se ouvia . . .

E Marános, olhando com ternura
Aquela face magra, aquela fronte
Em que morria um beijo de candura
Sob a neve imortal dos seus cabelos:

«Eu sei a tua Historia heroica e triste;
Tuas grandes façanhas e combates . . .
E esse infinito amôr que tu sentiste
Por tua propria Alma *del Toboso* . . .
Pois era a tua alma . . . embora tu
Não o quizesses crêr . . . eu comprehendo . . .
Por ela n'outra serra andaste nú
Exposto a peor inverno que este inverno!
Por ela só, puzeste na cabeça
A comica *Bacia do Barbeiro,*
Irmã da *Cana Verde* . . . e arremeteste
Contra o Mal, como nobre Cavaleiro
Que sempre fôste, sim . . .»

E o Fugitivo
Respondeu tristemente: «Já meus olhos
Viram o que dizeis . . . Se acaso vivo
É porque a Morte (ai d'ela!) me tem mêdo!»

E n'uma voz incerta, esvoaçante:

«Se ela fôsse, na terra, o que eu sonhei?
Se um ventre a houvesse dado á luz do dia?

Mas não . . . fingida Sombra é que eu amei!»

E a nitida e real visão das cousas,
Em seus olhos ardia, irradiando
Mais noite do que luz! E o doido vento,
Pelos soturnos pincaros miando,
Era outra alma penada . . . E o Cavaleiro,
Ainda d'essa Sombra enamorado:

«Quando a vida nos foge, pelo menos,
Que sintamos a morte ao nosso lado!
Para sentir-se a morte é necessario
Ter-se vivido, sim; isto que sou,
Esta pedra e terreno de Calvario,
Sustenta ainda a cruz do meu Espirito . . .
Mas vós, quem sois? Dizei! É bem estranha
A vida que levaes! . . . Eu comprehendo
Que a vida só é bela na Montanha,
Ou então sobre o Mar ou no Deserto!»

E falando depois para a Saudade:

«É muito raro vêr em sitio ermo
Donzela como vós, de tal piedade
E tão subidas formas femininas!
Meu olhar adivinha em vosso rosto,
Signaes de Divindade . . . Por ventura
Sereis alguma Deusa que um desgosto
Trouxe do céu ao mundo? . . . Êrma Donzela,
Ao vêr-vos, eu invoco o meu Passado!
Minhas luctas heroicas, meu retiro
N'um monte, como este, alevantado

Em nuvens, fragaredos e relampagos!
Invoco essa Princeza que meu peito
Abrazou de paixão, e aquele dia
Em que eu saí, alegre e satisfeito,
A correr Aventuras pelo mundo!...
Vejo meu sonho antigo de Beleza!
A noite em que velei as minhas armas
Ao Amôr consagradas e á defesa
Da Mulher, da Creança e dos Humildes!

«Ó poder de invocar! Suprema Força
Que ergue os mortos das campas, mal lhes toca!
E o proprio mar, em altas nuvens, corre
Para a sêde da terra que o invoca...
Ó poder de invocar! Suprema Força!
Humana divindade!...»

E o Cavaleiro,
Mais triste emudecêra, como um vulto
Que se vae afundando em nevoeiro...

E Marános então: «Eu sou aquele
Que abre os olhos, orando, á luz dos céus...
Creatura das árvores, eu vivo
Creando o Sêr espiritual de Deus!
Tenho no coração toda a Paisagem
Que d'estes altos montes se descobre...
Repára em mim: Não vês a minha imagem
Moldada em terra e nevoa e sombras de árvores?...
Já vivi na cidade em outros tempos.
E se fugi dos homens para a Serra,
É porque eles (ai d'eles!) se afastáram

Da vida natural da sua terra!
Nem podia entendê-los, tão distante
Da alma imortal, da essencia original
Da sua Raça vivem!... E esta Virgem,
Graça de Deus, encanto espiritual,
É a minha doce amiga e companheira.
Anda atraz dos meus passos e acompanha
Meu coração em todo o seu trabalho...
Ela é a Virgem do Vale e da Montanha.

«Ó grande Cavaleiro que partiste
À lança contra Sombras batalhando!
E fugitivo e pobre, rôto e triste,
Entre chufas, escarneos e sarcasmos,
Fôste a pé pelo mundo que não soube
Consagrar teu Valor e Lealdade!
O sonho que sonhaste, eu vejo-o agora,
Qual phantasma de morta claridade,
Por estranha vingança, a perseguir-te!
Pois sem a luz divina da Loucura,
Que vês de ti? Apenas o esqueleto!
E na terra que vês? Só pedra dura!
Tu és um pobre Deus arrependido,
Amaldiçoando a propria Creação,
N'um hirto e frio gesto resequido
Que chama pelas aguas do Diluvio...
E eu não sou como tu, porque descendo
Do ventre da Mulher e da Paisagem.
Sou creatura humana, mas entendo
O desespero tragico d'um Deus!...»

Fez-se um curto silencio... E então Marános,

Extatico e saudoso, continua:
(A sua voz tornára-se mais baixa,
Como quem fala só, á luz da Lua)

«O meu fim é velar por esta Virgem,
Santificado Corpo, onde germina
A gloria do meu Povo e o seu Futuro;
Vida nova mais alta e mais divina,
Até que chegue o instante prometido
Do Novo Nascimento...»

Mas em breve,
O triste Cavaleiro, por encanto,
Tornou-se mais remoto... e sombra leve,
Distante é já seu vulto que, nas trevas,
Dificilmente apenas se adivinha...
Passára o vento; mas, lá fóra, a chuva
Ainda cae, n'um sussurro, meudinha...
E no grande Silencio que se fez,
Perdeu-se o heroico e triste Cavaleiro...
Na solidão da Noite se perdeu,
Nos braços o levára o Nevoeiro...

XII

ANUNCIAÇÃO

Marános e a Saudade caminhavam
Por altos, negros pincaros asceticos . . .
E seus olhos de amôr se deleitavam
Na aparição longinqua das Paisagens . . .

Para os lados do norte, em formas vagas,
Viam-se os altos cêrros do Gerez,
Onde a Distancia andava, toda envolta
Em rôxo véu de cinza e viuvez,
Com suas debeis mãos crepusculares
Os contornos das serras apagando,
N'um gesto espiritual que, ao mesmo tempo,
Ia o perfil das nuvens avivando . . .

E a tragica Distancia se alongava,
Turvando, enevoando, diluindo
A face do horizonte que sonhava . . .
Lá onde outras montanhas os seus pincaros
Erguem cheios de nuvens e segredos . . .
E entre elas, gloriosa, se destaca
N'um impeto de terra e fragaredos,
A *Estrela* em seu perpetuo alvôr de neve!

Mas o circulo altivo de montanhas

(*Gerez, Suajo, Estrela* e mais ao Sul,
Caramulo e *Grelheira,* enormes seios
Que amamentam de nevoa o céu azul)
Para os lados saudosos do Poente,
Se afunda enternecido e se dilue
N'um nevoeiro lúcido e tremente
Que é o Phantasma do Mâr aparecido . . .

A Saudade e Marános caminhavam,
Ébrios de sol, de azul e de amplidão,
Vestindo com a luz enamorada
De seus olhos a Serra do Marão
Que não era insensivel, com certeza,
Áquele amôr profundo que devia
Tocá-la mesmo até no que ela tem
De esteril terra e bruta penedia!
E Marános, o Esposo, e a Saudade,
Sua divina Esposa, alegres, viam
A aparição da Serra e a claridade
Em que essa aparição se desenhava,
Tão real e tão nitida, apezar
De todo o corpo, ou de homem ou montanha,
Ser uma sombra apenas, um luar,
Um sonho semelhante aos outros sonhos.
E viam seu perfil mysterioso
Mudando de expressão a cada passo . . .
Serra cheia de caras que um saudoso
E escuro pensamento eleva aos astros!
Esphinge monstruosa da Natura,
Interrogando as Almas que a contemplam . . .
Voz dos rochedos, voz da terra dura,
Falando á Dôr que passa em fórma humana!

Ó simpatia oculta que nos leva
A nós, que somos vida e pensamento,
Para as cousas inertes e insensiveis,
Para tudo o que é morte e esquecimento!

Nas translucidas bandas do Levante,
Perpendicularmente a Serra desce,
Cortada em rocha viva, onde as Vertigens,
N'uma voz que atormenta e que arrefece,
Gritam o doido canto da Atração
Que nos domina e prende e nos arrasta!
E sentimos a horrivel tentação
Do abysmo em nossos olhos espantados!
N'este logar dramatico da Serra
São as *Fragas da Ermida* que se lançam
Violentamente, a prumo, sobre a terra
Sombria, em bronzea côr, de *Traz-os-Montes*.
Ali fazem as aguias o seu ninho
E erguem o vôo faminto e circular,
Os ares agitando em borborinho,
Á procura de prêsa onde elas cravem
As afiadas garras sanguinosas...
Ali, vindas do mar, se refugiam
As nuvens pensativas e chorosas...
São espectros das ondas que morreram,
Trazendo fogo astral, oculto e vivo
Em seus marmoreos seios denegridos...
Ali, o velho Tempo primitivo,
O Silencio das Eras já passadas,
A Solidão primordial do mundo
Vagueiam, ao luar... são tres Phantasmas
Falando com o Vento, n'um profundo

Dialogo de sombra e de tristeza . . .

E d'estas grandes fragas que dominam
A terra transmontana, é belo olhar
A paisagem imensa e montanhosa;
Prolongamento extatico do Mar,
Com tôrvos nevoeiros e marés
De vago, impercetivel movimento,
E com ondas tão altas e pesadas,
Que inabalaveis são ao proprio vento!

No meio d'esse mar petrificado
Existe uma onda em flôr d'onde nasceu
A Virgem Mãe do mundo lusitano,
Venus do amôr perfeito, Mãe do Céu!
A Senhora da Noite e da Manhã,
A Madona da Rosa e do Martyrio,
Que n'um gesto de sonho e luz pagã
Surgiu perante a alma de Marános
Ali, n'aquela Serra, á luz da aurora,
Sobre a fraga que guarda o talhe fino
E brando de seus pés . . . pois se ela já
Trazia no seu ventre o Deus Menino!
Ela era a Virgem Nova, a pura e clara
Estrela d'uma nova Madrugada . . .
A árvore do novo Fructo, a loira seara
Do novo Pão; a fonte da Agua nova!
Ela era a Virgem Mãe aparecida,
A Virgem Mãe Saudade, onde encarnava
O Verbo Lusitano e toda erguida
Em sua luz, nas fragas caminhava . . .
Sobre essas fragas rusticas que são

Ermo, silencio e luar empedernidos,
Mas fortaleza de alma e coração
Da Paisagem sagrada entre as Paisagens! . . .

E por isso, Marános contemplando
Esse petreficado mar sombrio,
Com terreas ondas que se vão quebrando
Em espumas de flôres e verdura,
Quando os ventos de abril batem as azas
Embriagados de aromas e de sol;
E na emoção da Lua e da penumbra,
Bate as azas a voz do Rouxinol . . .
Marános contemplando o vasto mar,
D'onde a Virgem nasceu á luz do dia,
Logo sente nos olhos a ondular
Oceanica lagrima profunda,
Talvez mais funda do que o mar, talvez
Mais salgada que o mar, e povoada
De temporaes, de nuvens e de maguas,
E á noite, mais que o mar, toda estrelada!

E assim triste, ele vae com a Saudade
Atravez da Montanha que os adora
E guarda em sua altura e magestade,
Como se fossem filhos da sua alma . . .
E vão andando e vendo, n'um encanto,
A mansidão viçosa dos planaltos
E os escuros abysmos que parecem
Grandes e empedernidos sobresaltos
Ou desfalecimentos da Montanha . . .
Dramaticos desmaios quando a Lua
De ignotas sombras e tristezas banha

Sua fronte que scisma envolta em nuvens . . .
E cada altivo sêrro lhes falava;
E cada nevoa eterea, esvoaçante,
De perto, ali do céu, lhes acenava . . .
E a sua benção de oiro o Sol divino
Sobre eles espargia . . . e as ovelhinhas
Dos rebanhos pacificos erguiam
Para a Saudade Virgem os seus olhos,
E bem se via que elas bem na viam . . .
Ficavam-se abysmadas, esquecendo
As verdes ervas tenras; e os Pastôres,
A sua frauta rustica tangendo,
Celebravam Marános e a Saudade.

E os Dois, que iam scismando, de repente,
Descobriram, surprezos, no horisonte,
Desanuviada, alegre e resplendente,
A *Senhora da Graça,* toda cheia
De graça e luz, em seu altivo pincaro
De vulcanico talhe, esvelto e sério;
Coroado de oiro, ao sol, e á luz da lua
Coroado de sonho e de mysterio . . .
E a *Senhora da Graça* lhes sorria
De longe, que o sorriso d'uma Santa
Não conhece distancias, e alumia
De longe, como a estrela mais remota . . .

Tudo viam de ali, d'aquela altura,
Desde a *Serra da Estrela* á branca nevoa
Que no Poente lateja e ao sol fulgura,
E é um vislumbre chimerico do Mar . . .
E os fundos, êrmos vales que se espraiam

Em viçosos remansos de arvoredos
Que nos longes phantasticos desmaiam,
Sob chuvas fluidicas de cinza . . .
Viam longinquas terras habitadas,
Tão cheias de tumulto! mas de ali
Pareciam desertas e inundadas
D'um silencio egual ao da Montanha;
Pois todo o largo mundo para quem
O contempla das altas cordilheiras
É livido deserto sem ninguem,
Como a face mortal da lua morta . . .
E esta visão do mundo já sem vida,
Gravitando na noite e no silencio,
Palpitava na vista dolorida,
Mas quasi indiferente da Saudade,
Porque ela, sendo vida além de ser
Vivente creatura, sem tristeza
Contempla as cousas mortas, seja amôr
D'um coração ou flôr da Natureza . . .
E Marános sofria ante a aparencia
Defunta das distancias, porque ele era
Apenas o sêr vivo, a flôr que treme
Só de lembrar o fim da Primavera.

E a Saudade, de pé, nas altas rochas,
Ao lado de Marános, embebia
Os olhos negros de alma na Paisagem
Que a luz do sol, fugindo, entristecia . . .
Era bela, no Azul, a branca linha
De seu perfil voltado para Além . . .
E era belo seu corpo que a tardinha,
N'um gesto de chimera e de penumbra,

Vestia em roxa indecisão brumosa . . .
E de lyrios toucava a sua trança;
E sobre a terra esteril e arenosa
Espalhava a tristeza e a suavidade . . .

E Marános pensava: como é belo
D'estas alturas virgens contemplar
A Noite, quando tem o sete-estrelo,
Sete espadas de luz no coração!
D'esta altura das aguias, das procelas,
É belo o nosso Espirito que fica
Já mais perto de nós como as estrelas,
E nos deslumbra e queima o nosso corpo . . .
D'estes altos é belo ver as nuvens
Com o pêso da agua mal voando . . .
E o perfil da Montanha sempre o mesmo,
A mesma côr e fórma revelando . . .
Nós que somos o vento na mudança,
Á nuvem, onda e fumo semelhantes,
Gostamos de pousar os olhos tristes
Nas cousas sempiternas e constantes . . .

E a Saudade, enlevada, extasiada,
Via a estranha Paisagem maternal:
O Vale, o Monte; a terra consagrada
De que ela era o Espirito divino.
E seu lumioso olhar, todo frescura
De antemanhã, de nevoa e claro orvalho,
N'um suavissimo canto de ternura
Envolvia Marános e a Montanha . . .
E na sua fronte limpida e serena,
Que a Tristeza, sorrindo, modelou

Seu primeiro materno pensamento
Como celeste flôr, desabrochou . . .
Porque no casto ventre já sentia
O seu Menino Deus estremecer!
E que desejo de intima alegria
Lhe beijava, em segredo, os labios virgens! . . .
E n'um fundo alvoroço caminhava,
Tão alegre comsigo e cuidadosa,
Que tudo, para ela, se tornava
Em esperança e mêdo ao mesmo tempo . . .

E Marános, em viva comoção,
Beijando o ceu azul e a verde terra,
Estas palavras trémulas soltou
No cristalino ar que envolve a Serra:

«Sol-Nosso que me falas e alumias,
Que alimentas o mundo e o nosso espirito;
Creador de esperanças e alegrias
E creador de Deuses e Florestas!
Sol-Nosso, em terra e céu, santificado,
Venha a nós tua eterna claridade!
E para todo o sempre, seja feita
Tua fecunda e cósmica vontade!»

E os echos dos outeiros repetiam:

«Avé, bemdita Lua esplendorosa,
Cheia de branca magua arrefecida,
No silencio da noite misteriosa . . .
Avé, Lua, entre os astros do Infinito!
Bemdito seja o Fructo do teu ventre

Que os corações e ás rochas de granito
Transfigura em piedade e sonho triste . . .»

Assim, ao longe, os echos repetiam.

E uma aureola de som amanhecente,
Nimbo esfumado em longes de harmonia,
Cingia a fronte mystica e inocente
Da Virgem enlevada em seu materno,
Intimo pensamento . . . E em volta d'ela,
O humido, nevoento e baço Inverno
Lembrava o mez de maio florescido.
E os regatos, na doce claridade,
Erguem as mãos de bruma . . . e os fragaredos,
Contemplando n'um extase a Saudade,
Revestem-se de musgo que é ternura . . .
E os passarinhos simples da Montanha
Pousando-lhe na trança, ali cantavam . . .
E a luz em seu regaço adormecia,
E as penumbras da tarde murmuravam . . .
E dos êrmos outeiros concentrados
N'um meditar pacifico e profundo,
Subia para os astros encantados
O marulhante cantico das aguas . . .
E tudo o que na Terra e Ceu existe,
Seja aparencia azul, verde ilusão,
Marános e a Saudade enamorava,
Como se a grande Serra do Marão
Fôsse o logar do antigo Paraizo;
E ele o primeiro homem; e ela fôra
A primeira mulher, e aquele dia
O filho primogenito da Aurora . . .

E a Saudade a Marános: «Como eu sinto
O amôr do coração que Deus te deu
Beijar a rosa aberta que em meus labios
Só para ti, sómente, floresceu . . .»

E Marános: «Apenas a minh'alma
Póde beijar-te os labios, sendo irmã
Do sangue virginal que em tuas veias,
Faz um alvor de animica manhã . . .
Teu Corpo é a minha Alma, ó doce Esposa!
Não sou a minha alma, bem o sei . . .
A minha alma és tu e mais Alguem;
É, sim, um novo Reino que eu criei . . .
Por isso, minha Esposa, tu sentiste
O beijo espiritual do meu amôr!
E eu sinto a tua vida, alegre e triste,
Nascer da minha vida e dominá-la.»

E Marános, de subito, emudece,
Como quem ouve um intimo segredo;
Inesperada voz que, muitas vezes,
É vento, é agua, é rama de arvoredo . . .

E a divina Saudade: «A tua vida
Infiltra-se em meu vulto, reanimando-o;
Assim, no abril, a terra agradecida
Sente o sol que a penetra e que a fecunda.»

«Como o teu corpo amado e apaixonado
Se casa com o meu, n'esta Montanha!
Idylio nunca visto nem cantado,
Alta e nova canção do novo Amôr!»

E Marános responde: «Eu te pertenço
Desde o primeiro dia em que te vi;
Desde a Mulher que fôste á Divindade
Que divinisa a terra onde nasci!

«Que seria de mim na solidão,
Sem o limpido sôpro da tua alma,
Que me desanuvia o coração
E aviva as minhas lagrimas já mortas?»

E Marános, sentindo no seu rôsto
Deslisar uma lagrima de dôr,
Onde a lucida imagem da Saudade
Palpitára e vivêra em puro amôr,
Apenas um instante, porque a lagrima
É relampago de agua e de tristeza,
Mas longa dôr, ás vezes, condensando
E antiga como a propria Natureza:

«Até hoje ninguem te conheceu
Como estes êrmos olhos te conhecem!
Quantas almas debaixo d'este céu,
Têm passado por ti, no teu caminho!
Mas não viram a Deusa verdadeira,
Maria e Venus n'uma só Mulher;
Assim como tu és, e como vives
No mais remoto e fundo do meu sêr!
Não viram na tua bôca a Prece e o Beijo
Beijarem-se, rezando! e nos teus olhos
Casar-se com a Lagrima o Desejo,
Aos pés da cruz da nova Redempção.

«Dize: teu proprio Povo, em ti, que via?
Sombra morta de magua e de tristeza;
Quando é certo que vives como eu vivo
E és um divino sêr da Natureza.
Tu pertences á Vida; és Creatura
Espiritual, perfeita! E no teu ventre
O novo Deus Menino já murmura,
Ancioso de ver a luz do sol . . .»

E a Saudade sorrindo, embora triste:

«Só tu me compreendeste e desvendaste
Meu seio oculto e virgem; só tu viste
O que era em mim vedado e prohibido . . .»

E tornando-se então mais pensativa:

«Por ti, deixei a amavel soledade
Onde eu, em corpo humano e fórma viva,
Empecia, ao luar, aos viandantes,
Ou ao cair do sol em contrição,
Doce recolhimento religioso . . .
Eu era a Sombra etérea, a Aparição
D'aqueles pinheiraes e sitios êrmos . . .
E os mudos viandantes que passavam,
Mal punham no meu rosto os olhos vagos,
Mais tristes e scismaticos ficavam
Na indecisão brumosa do crepusculo . . .
E nos seus olhos êrmos, em segredo,
Nasciam as imagens . . . Quantas d'elas
Viriam de bem longe ou d'além vida,
Pelo mesmo caminho das estrelas! . . .

«Mas ficavam-se tristes, sem saber
O espirito divino da Tristeza,
Onde a Sombra passada e a Luz futura,
A Morte e a Vida, o Sonho e a Natureza,
Se escondem sob a nevoa mysteriosa
Que das almas subindo, se condensa
E é gota de agua lucida e chorosa,
Vaga melancolia reflectindo . . .

E olhavam-se uns aos outros, pensativos,
Sem saber, na verdade, quem eu era!
Quantos me viram, sim; mas para eles
Fui oculta, invisivel Primavera!
Fui a Esphinge da Raça alevantada
Na solidão dos montes . . .
E só tu
Minha palavra mystica e velada,
Soubeste interpretar em teu espirito!»

E eis que aos labios da Virgem o silencio,
Como sombra, baixou . . . E bem se via
Que seu divino e puro pensamento
Se tornára remoto e se volvia
De novo, para a vida que passou . . .
E a Saudade, sentindo outras saudades
Do seu primeiro tempo, assim falou:

«Meu Corpo ainda persegue minha Imagem . . .
Por isso, não esqueço a antiga vida
De Pastora e Donzela, que eu vivi
Na solidão natal dos patrios montes
Até áquele dia em que te vi . . .

Sósinha, apascentava o meu rebanho;
E em voz alta cantava, para ouvir
Os longes que falavam . . . E o meu gôsto
Era beber nas fontes, e sorrir!
Meu gôsto era tambem fiar na róca
Esta alvura de linho que me veste
Tão carinhosamente, e que me tóca
De frescura suave o corpo ardente . . .
Quando errava atravez dos pinheiraes;
Ou, de noite, á lareira, quando a Noite
Rodeava os pacificos casaes
De silencios, de sombras e de mêdos . . .
Meu gôsto era enfeitar a minha fronte
Com as flôres dos vales, e depois
Mirar-me, sorridente, em clara fonte,
Na qual, florida imagem, eu ficava . . .
Assim agora estou ao pé de ti . . .
O que diria a fonte á minha imagem,
No seu triste e monotono falar,
Liquida voz chorosa da Paisagem? . . .
E quando, em nevoa palida, subia,
Levava-me com ela pelo espaço . . .
E embalei, no seu berço, a luz do dia,
No seu doirado berço de penumbra.
Bebi na propria fonte do luar;
Beijei a face virgem das estrelas;
Vi o fogo celeste; e o meu olhar
Ainda se alimenta d'esse fogo . . .

«Depois, apareceste, e acompanhei-te
Como esposa fiel; e desde então
Vivi sempre comtigo; e sou a Sombra

Que projectas na grande solidão;
A sombra do teu Corpo e da tua Alma,
Erguida ante os teus olhos, e fecunda!
Luz do teu dia; pão da tua fome,
E para a tua sêde agua profunda!

«Eu sou a tua Virgem. No meu ventre
Cresce o nosso Menino que virá
Transfigurar a alma d'este Povo,
E que esta Terra inculta lavrará!»

E Marános beijou-a com fervor,
Como se beija a terra consagrada...

Já da morte do sol nascêra a lua,
N'um alvor de noturna madrugada...
E um môcho, ao longe, piava, celebrando
A victoria da Noite...
E os dois partiram
A caminho da Ermida... E um vento brando
Trazia sombra e nevoa em suas ondas...

XIII

OS PASTORES

Uns pastôres da Serra se ajuntaram
Em volta d'uma lisa rocha brava,
Onde acenderam logo uma fogueira,
Porque a nevoa era gélida e molhava.
E emquanto o fogo ardia alegremente,
Conversavam ácerca de Marános
E da Menina e Moça, de inocente
Expressão solitaria e piedosa . . .
E a todos intrigava a estranha vida
Que viviam ali; e os seus amôres,
E o amôr áquela Serra que, afinal
Só aproveita aos gados e aos pastôres . . .
E em seus humidos olhos nevoentos,
Marános e a Saudade, em clara imagem,
Surgiam e viviam, recordando
Dois vultos, atravez d'uma paisagem . . .
E falavam de Fadas e Bruxedos;
Negros contos da noite de Natal,
Quando descem ás fontes os penedos,
Rolando pelos ingremes outeiros,
Para matar a sêde secular
Que lhes ficou dos tempos abrasados . . .
E quando a feia Morte, á luz do luar,
Cavalga por atalhos e caminhos . . .

De antigas aventuras na Montanha;
Dramas de lobos, contos de princezas
E Mouras encantadas que vagueiam
Entre longuiquas nevoas e tristezas...
Toda a Mythologia que floresce
Na alma fecunda e bela d'este Povo,
Quando a Noite, que a terra empalidece,
Lhe dá seu beijo palido de sombra.

E os pastôres, em volta da fogueira,
Na concordia, na paz do lume vivo
D'aquela grande e fraternal lareira,
Esperam que o sol vença a fria nevoa.
E os velhos cães rafeiros vigiavam
O gado reunido; e no carujo,
Com atentos narizes farejavam
Vagos rastos famélicos de lobos.
Era tão densa a nevoa e tão cerrada,
Que os Pastôres, falando, mal se viam;
Só as formas de som (murmurios, vozes)
Com nitidez phantastica se ouviam!
Sim: porque o Som é grato ao Nevoeiro,
Como a luz á penumbra... intimidade
Entre a oceanica bruma e a voz humana,
Os astros e a noturna escuridade.

E, de repente, os cães como açulados,
Latiam furiosos; e em desordem
Andavam a correr desnorteados,
No sobresalto atavico do medo.
Depois, vinha um silencio, paz imensa...
Os echos vagamente ainda latiam...

E na lactea nevoa fria e densa
Era o sol uma brasa agonisante.

Entre os velhos Pastôres, um havia
Com nomeada de magico e de bruxo;
Os signaes das estrelas conhecia;
Lia no vôo das aves, e falava
Com as sombras da noite que, ao luar,
Erravam pelos pincaros longinquos...
Sabia historias tragicas do Mar
Que ele contava em tôrno da fogueira...
Se ele foi, noutros tempos, marinheiro
Em mares ainda virgens... Quantas vezes,
Do alto da sua Nau fôra o primeiro
A saudar novas terras, novos ceus!...

E o Sol rompendo, emfim, a branca nevoa
N'um assômo de viva claridade,
Semeia risos de oiro e de alegria
Por toda a montanhosa soledade...
E o friorento gado reunido,
Pastando, se espalhou pelas encostas...
E sob a luz do sol rescemnascido
Negros touros brigavam e mugiam.
E as vacas pareciam com seu halito
Aquecer as palhinhas de Bethlem...
E cada ingenuo e simples cabritinho
Saltava, sempre atraz de sua mãe.
— Olha esta ervinha tenra! — diz a ovelha
Ao cordeirinho. E as eguas carinhosas,
Volvem os olhos calmos e contentes
Ás pôldras que amamentam; e, receosas,

Olham depois, em volta, investigando . . .
E estendendo o pescoço delicado,
As esveltas vitelas vão sugando
Intumecidos úberes maternos . . .

O gado já pastava em paz e amôr,
No amôr, na paz dos montes e dos vales,
Quando o bruxo e lunatico Pastôr
Viu, ao longe, Marános e a Saudade.
Como vinham na sua direção,
Por eles esperou, se desejava
N'aquela altiva e grande solidão,
Conversar com Marános. Quantas vezes
Já tentára fazê-lo; mas sómente
O avistára nos altos mais distantes;
E um timido respeito inconsciente
O impedira até ali de procurá-lo.
E mesmo alguns pastôres, quando o viam
Ao pé de sua Espôsa, nem sequer
A olhá-lo claramente se atreviam;
Mas de longe, o adoravam quasi todos.
Se a distancia da cousa bem amada
O amôr humano e fragil diminue,
Ela conserva acêza e despertada
A divina e perfeita adoração.

Na densa noite lucida do instincto,
Os pastôres da Serra viam mais
Do que os sabios nos seus laboratorios,
Do que os padres nas suas cathedraes.
Pois nas almas ingenuas ha sómente
Esta luz que alumia em linha recta;

E n'um impeto cégo, fatalmente,
Atinge a essencia mystica da Vida,
O mysterio de Deus e do Universo . . .
E entre a Saudade e os êrmos pegureiros,
Ondulava a onda rytmica d'um verso . . .
Ondulação de espirito e harmonia.

Mas a pouca distancia do Pastôr,
Já vinham conversando os dois Esposos.
Ele era o caule fórte, ela era a flôr
Aberta, entremostrando o novo Fructo . . .
E no luar que a Virgem derramava,
O Pastôr deslumbrado em pensamento,
Só dizia palavras sem sentido,
Como as ondas e as árvores, ao vento!
Sempre que a comoção é assim profunda,
A fria, humana voz se transfigura,
E é como a voz das cousas, já não fala;
Soluça, geme, e em confusão, murmura!

E mais sereno emfim, já mais afeito
Á divina presença da Saudade,
Dirigiu-se a Marános e lhe disse:

«Eu vivo como tu, na soledade . . .
Uma vez, o Destino me levou
Para longe da terra onde nasci;
Por lá meu sêr errante vagueou,
Nos Paizes do sol e da riqueza . . .
Mas abalei; fugi um belo dia
Para a Serra natal onde hoje vivo,
Com esta doce, ideal Melancolia,

Esposa inseparavel. Quando chove,
Conta-me a sua historia junto ao lar.
É para mim tão bôa e delicada!
E guarda o meu rebanho; e abre-me os olhos
Logo ao primeiro alvôr da madrugada,
E os seus beijos inundam-me de lagrimas . . .»

E continuou falando como quem
Se dirige a si mesmo, e não se lembra
Que se fala em voz alta, é para alguem . . .
De tal fórma ele estava acostumado,
Á grande solidão! Quem vive só
Vê o seu proprio sêr multiplicado
E faz com ele um povo numeroso.
Um só homem povôa todo o mundo,
A lua enche de luas todo o mar . . .
E n'um gesto somnambulo, o Pastôr
Continuou, chimerico, a falar:

«Eu falo só comigo para ouvir
A mysteriosa voz do meu espirito.
E afugento o Silencio que, ao fugir,
Lembra noturno passaro voando.
Vozes de Deus, da Luz, da Natureza
Em meus ouvidos ávidos murmuram . . .
E emquanto sobre o chão, que é a minha meza,
Comungo a dura côdea trabalhada,
Eu ouço as mil canções do azul dos ceus!
E conheço, de perto, os bons phantasmas;
Desde o Super-Phantasma ou antes Deus,
Desde a sombra dos Anjos e das nuvens
Á sombra mais inerte de rochedo . . .

E vou falar, de noite, com as fontes,
Porque é uma cousa bela e que faz medo
Dirigir a palavra ás cousas mortas . . .
É como pôr os olhos n'uma pedra !
Mas o que é a vida triste e desejada,
Senão fixar os olhos anciosos
N'uma aparencia rigida e pesada?
Olhar, ou quando o sol define o mundo
Ou quando a noite o torna indefinido,
O nosso proprio olhar, em seu fecundo
Poder de crear a Forma e crear a Côr!
Olhar o nosso olhar representado
Na phantasmagoria extraordinaria
Da terra em flôr, do céu todo estrelado,
E até das creaturas que nos amam . . . »

E Marános, então, surprehendido,
Diz assim ao Pastôr: «Com alegria
Ouvi tuas palavras, pois encontro
Em ti, uma perfeita companhia;
Sômos irmãos no espirito e no sangue.
Esta Serra é dos lobos e adivinhos,
Das estrelas, das aguias e tambem
Das nuvens e dos meigos cordeirinhos!
É aqui n'esta montanha, n'este mar,
Onde as Almas se encontram e festejam
O sol, a terra, as aves, o luar,
Sua remota e cósmica ascendencia,
Que nós a vida identica vivemos;
Vida de simpatia em que o meu sêr
Se reparte por tudo quanto existe!
Pois n'ele tudo vive: o sol a arder,

Aguas falantes ao luàr que chora,
Velhos troncos na infancia da sua hera . . .
A propria morte n'ele vive! O Outomno,
Palpitando em meu sangue, é Primavera!
Nos meus olhos a noite é luz do dia!
E o Silencio, atravez dos meus ouvidos,
Uma profundidade de harmonia . . .
Sou aquele que fala n'um segredo,
Com a donzela Morte que me beija
Em pleno coração! E nos meus braços,
Seu rôsto de caveira onde negreja
A noite originaria, toma a côr
Da vida! e a luz assôma, de repente,
Aos noturnos buracos dos seus olhos:
E á sua boca mirrada, suavemente,
A voz aflóra em onda harmoniosa.
Em meu sêr tudo vive e resuscita,
E até mesmo antevive! A cinza morta
Do passado rebrilha, e em mim, crepita,
Mal o sopro do espirito lhe toca!
Ouço ainda cantar a cotovia
Das antigas manhãs! E vejo ainda
A terra, o luar, a noite, a luz do dia,
Pelos meus olhos claros de menino!
E aquela antiga fonte que secou,
Vejo-a brilhar ao sol e dar frescura;
Mata-me a sêde e rega as minhas flôres,
Aquele veio de agua, em mim, murmura . . .
E quando vem o Março e o tempo aquece,
No meu velhinho lar coberto de hera,
Faz ainda o seu ninho, e canta, e vôa
A andorinha da antiga Primavera!

Vive, em mim, o Futuro, porque eu vejo
A aurora que ha de vir! porque já ouço
Cantar o seu amôr e o seu desejo
As aves que ainda estão para nascer!
Pois, em mim, tudo vive . . .»

E de surpreza,
Alteraram-se a luz, a terra e o ar . . .
E Marános confuso emudeceu.
Presentia-se o rapido alvorar
De nova Aparição, porque a Paisagem
Tomára um outro aspecto mysterioso.
Quiz o Pastôr falar, mas nos seus labios
Fez-se um frio palôr silencioso . . .

Já nos longes azues do ar remoto,
Na transparencia clara da atmosphera,
Palpitava um rumor de claridade
Estranho á luz do dia, pois não era
De incandescente origem crepitante,
Mas de origem animica e celeste.
E logo um Corpo etereo e deslumbrante,
Veiu n'esse clarão, sobre a Montanha . . .
E na brancura ascetica da neve,
Eleonor, brilhando, caminhou . . .
E em seus olhos escuros, ao de leve,
Uma nuvem de sonho se esbatia,
Voando, pairando, extatica, abysmada,
Mais alta, transcendente, inatingivel
Que o primeiro rubor da madrugada,
Esse beijo da sombra que é já luz . . .
E na sua face havia um ar de riso

E timidez que o Zephiro beijava...
E cada fio astral do seu cabelo
Era um veio de luz, e murmurava...
Emquanto a bôa Serra, na brancura
Infinita de neve, era uma Rosa
Erguida na sua haste, á grande altura
Dos perfumes, das nuvens, das estrelas...

Marános a Eleonor: «Bemdito seja
O momento divino em que me deste
A visão da Saudade que, ao meu lado,
Com seus olhos terrenos e celeste
Olhar, perpetuamente me acompanha,
Desde esse instante mystico e sósinho,
Em que eu a vi n'um alto da Montanha
E veiu para mim, e me falou...
Mas tu... és a Promessa, e nada mais?
Agua fugindo sempre á minha sêde
Nos áridos e ardentes areaes,
Onde vagueia, em febre, o meu desejo?!»

«—Se em teu Amôr não crês, tu já não amas;
E que ha de ser então da minha vida!
Homem fragil, porque é que tu descrês?
Contempla a minha face prometida
Aos teus beijos de amôr, e a minha fronte
Coroada de estrelas, n'um lampejo...
E o meu velado seio entremostrando
O timido sorriso do Desejo...
Sou mais do que a Promessa, mais ainda
O grande dia, ouviste? não chegou...»

E Marános chorando a sua duvida,
Turbado e alvoroçado, assim falou:

«Eu creio em ti, perdôa! Ó derradeira
Creatura, onde existe em consciencia
Perfeita, mais que humana, essa primeira
Animica Penumbra inconsciente;
Essa animica Sombra do Principio,
Em ti, é vida livre e consagrada,
Depois de ser materia dolorosa,
Pêso e corpo de lagrima tombada!
Tu que prendes a agua marulhante
Á fonte d'onde cáe, e um coração
Ao seio que o criou! Ó tu que fechas,
O circulo da Vida, em oração,
Vae para ti meu sêr, como uma estrela
Para o beijo de treva que a procura
Desde a hora primeira da sua luz!
Meu Sonho, Meu Amôr e Creatura!
Foge a morte de mim, quanto te vejo;
Ela que me persegue desde o berço
E põe as mãos em tudo o que eu desejo
E turva as fontes claras onde bebo!
Em ti, eu sou feliz, eterno e vivo!
Em mim proprio, que sou? Tristeza e fumo;
Sou a sombra que o lobo primitivo,
Da caverna onde jaz, projecta ainda...
Mas d'essa crua sombra amanheceu
O dia espiritual que doira o mundo;
Estrela de alva acêsa n'outro céu,
Onde existes n'um sonho sempiterno.
Ó meu longinquo amôr! Remota estrela!

Mas, ai, ao mesmo tempo, tu dominas
Com teus olhos humanos de Donzela,
Meu coração perdido na distancia!
Ouço falar, em mim, a voz do mar,
Ó lua aparecida! E como eu sinto,
Sob a influencia astral do teu olhar,
Vibrar meu sêr oceanico e profundo!
Ah, sempre que me lembro d'essa noite
De solidão, silencio e lua nova,
Em que eu, perdido e morto, vagueava,
Como um phantasma, á beira d'uma cóva . . .
E tu me apareceste d'entre a sombra
Da noite luminosa, e me falaste,
N'um gesto que espalhava lyrios brancos
E a minha vida triste apaixonaste!
Ah! quando me recordo d'esse instante,
Meu coração se exalta e transfigura!
Ajoelha, reza, canta e te abençôa
Tua divina e mystica Figura!
E em nuvens se dispersa, para ver
Se te póde abraçar! e em pequenez
Humilde e chã de ervinha se converte,
A ver se sente o pêso dos teus pés!
E transforma-se em luz, para beijar
Teus olhos . . . e se faz saudoso pranto
Que saiba reflectir e comungar,
Pelo menos, a flôr da tua Imagem! »

A Saudade afastou-se comovida
Ante a presença etérea de Eleonor;
Assim a luz do luar ao ver o sol,
Embora a luz do luar, na sua dôr,

Seja um raio de sol, mas tão piedoso
Que preféra sofrer sósinho e mudo,
Quando a terra adormece, n'um brumoso
E abysmatico somno de penumbra.
E o Sol, pisando a neve, caminhava,
N'ela deixando impresso a sete-côres
O seu divino espectro que ofuscava
A realidade fria da Montanha.
Os pincaros nevados resplendiam;
E os vultos de Eleonor, do Pegureiro,
Da Saudade e Marános, bem se viam
Alevantados n'um deslumbramento...
O Pastôr e Marános em seus corpos
De miseria, de dôr, fragilidade;
E em seus corpos de espirito, Eleonor,
Mais, ao longe, nas brumas, a Saudade...
Quem os visse, a distancia, não podia,
De certo, distingui-los; de tal fórma
A todos desenhava a luz do dia
Em viva côr e nitido relevo.

E o Pastôr a Marános: «Na verdade
Tu vives com os Deuses. Vi descer
Aos teus olhos divina Claridade,
Em alta Fórma viva, a quem tu falas!
D'onde veiu essa Deusa?... Maravilha
Que toda a grande Serra iluminou?»

Marános: «Esta Luz é minha Filha;
Criei-a, como a terra cria as árvores...
Acaso comprehendes?»

E o Pastôr:

«Estranho é o que me dizes! Não é Deus
Dos homens e da terra o Creador?
Não comprehendo, não, tuas palavras.»

E Marános: «Eu sei que antes de mim,
Alguem disse que os Deuses eram sombras
Do nosso pensamento, e o Azul sem fim
Despovoado de Anjos e Virtudes...
Eu afirmo tambem que Deus dimana
Do nosso coração, que a Divindade
É de origem mortal, carnal e humana,
Mas de eterna e perfeita natureza;
Não é phantasma vão ou sombra morta,
Mas Espirito e Vida, dominando
E dirigindo os passos do Creador
Que para a luz de Deus vae caminhando;
Como se em noite escura e tormentosa
O olhar do marinheiro, por milagre,
Se acendêsse no espaço, e em radiosa
Estrela guiadora se mudasse...
Eis o grande milagre! Deus é o Homem
Na sua creação espiritual,
Em vez do homem ser Deus na sua obra
De quebradiço barro material.
Mas Deus não diminue por ser creatura;
Seja uma obra de Deus a Natureza,
Ou seja Deus uma obra eterna e pura
Da mesma Natureza — que me importa?
Pois de qualquer maneira se contem
A Natureza em Deus; e, por sua vez,
Na Natureza existe Deus tambem,
Como o filho no pae e o pae no filho.»

E responde o Pastôr: «Se crio em Deus,
Não póde ser egual naturalmente
Ao Deus que tu creaste; e qual é d'eles
O mais belo, o que deve toda a gente
Consagrar e adorar?»

E então Marános:

«Para mim só existe a Divindade
Em mim gerada; e n'ela eu acredito.
Um só Deus para toda a Humanidade?
Mas como póde um homem habitar
Em dois mundos distintos e afastados?
Um homem deve apenas adorar
O Deus que em si criou, e n'ele vive.
Sómente para nós o nosso Deus
Tem vida e realidade; um Deus alheio
É um sêr longinquo e vago para nós;
Fala outra lingua, é filho de outro meio . . .
Impossivel amá-lo e comprehendê-lo.
O nosso Deus é nossa Creatura;
E só nas minhas obras posso crêr.
Cada homem é um mundo de ternura,
E Deus é a santa Flôr que d'ele nasce,
Que o inspira, perfuma e eleva aos astros;
Sua expressão perfeita, a sua face
Eterna e projectada no Infinito.
Ama o teu Deus; adora de joelhos
A Creatura ideal que concebeste;
A estrela que aos teus olhos deu a noite,
O que te deu a terra de celeste.
Ama o teu Deus e vive a tua vida!

E chora as tuas lagrimas, e ri
Teu riso, e bebe apenas da tua agua,
E olha constantemente para ti!
Então, na tua alma, a Natureza
Sentir-se-ha presente e revelada.
Quanto mais em teu sêr te concentrares,
Mais viverás a vida dilatada,
Religiosa, infinita do Universo;
Porque ele existe, sim, no teu espirito,
Como na onda chimerica d'um verso
Ondas de agua e de estrelas: céu e mar!

«Ama o teu Deus e guarda o teu rebanho...»

E o magico Pastôr, olhando a Serra:

«Meu rebanho afastou-se; anda perdido
Pelos outeiros êrmos onde a terra
Mostra o sorriso tenro da verdura...
Esse Deus de quem falas, não sei d'ele!
Crear a Deus? Sou terra ingrata e dura
Que apenas dá phantasmas de arvoredos...
Neste intimo deserto que se estende
Atravez do meu sêr, apenas vejo
Um delicado vulto de Mulher;
Sombra gentil, talvez, do mesmo Desejo
Indefinido e vago... Aparição
D'esta Melancolia fraternal
Que me nasceu á flôr do coração,
Como nasce uma nevoa á flôr das aguas...
Só ela orvalha e beija esta infecunda
Agrura do meu corpo; e quando fala

De branco luar os pincaros inunda,
E vejo-a tremular nas minhas lagrimas . . .
E, n'um segredo, ás vezes, aparece
Á alegria coráda do meu riso
Que logo fecha as azas, logo desce
Ao abysmo sem fim d'onde subira . . .
E lá, n'essa phantastica distancia,
Contenta-se comsigo; e alegremente
Canta só para mim, emquanto ao longe,
Sobre o meu rósto, paira suavemente
Minha doce, ideal Melancolia . . .»

E Marános então: «Ouve esta voz
Que em meus labios te fala! Quem diria
Que essa vaga mulher que te acompanha
Traz no bemdito ventre um novo Deus!
Teu novo Redemptor, sagrado Filho
D'esta sagrada terra e d'estes ceus
Que tua carne e espirito contem!»

E o Pastôr, abysmado e extasiado,
Ouvira estas palavras; e os seus olhos,
Para onde o sol já tinha transmigrado,
Envolveram Marános e a Saudade,
N'uma luz de oração, n'um madrugar
D'uma nova esperança e vida nova . . .
Montanha de harmonia, etereo mar,
Á flôr das suas ondas o embalava . . .
E no mais alto pincaro da Serra,
Coroado de neve e d'aureas rosas,
O Padre Sol cantava para a terra,
Em canticos de luz, a Missa Nova.

E o vulto de Eleonor, á luz do dia,
Parecia reger uma celeste
Orchestra, um côro alado de harmonia;
Jardim aéreo e mágico de sons...

E Marános ainda: «Espera! Espera!
Que uma estrela apareça no Levante!
E venha sobre a Serra alumiando,
N'um distendido vôo alumiante...
Espera a estrela clara, a flôr ardente,
A lagrima incendida, o beijo em chamas
Que a penumbra doirada do Oriente,
Em silencio de amôr, conceberá!
E sôlta no Infinito, em liberdade,
Voará pela Montanha, até parar,
Toda candura, altura e claridade,
Sobre o berço do Deus recemnascido...»

E Eleonor, já distante, irradiava
Um luar de sympatia; harmonioso,
Intimo canto de alma que soava
No espirito amoroso de Marános.
E pela branca Serra deslumbrada,
Foi atraz de Eleonor que ia deixando,
No denso Azul marmoreo, desenhada
A via espiritual do novo Reino.

XIV

A BOA NOVA

Já partira, contente, o bom Pastôr,
Levando a Bôa Nova aos companheiros!
Ia atravez de montes e de vales
E de escabrosos, íngremes outeiros.
Como ela ia contente, anunciando
Ás pedrinhas do chão, nuvens do ar
A alegria sem fim da Bôa Nova!

Era a propria Alegria a caminhar . . .

E tudo lhe sorria na passagem.
A luz era um sorriso! Era um sorriso,
Em alturas e fragas, a Paisagem
De sucessivos montes e planaltos!
E cada altivo pincaro da Serra
Era um alto sorriso! O espaço azul
Era um sorriso! Era um sorriso a terra!

Mas tudo era a alegria do Pastôr.

Como ele ia contente! E n'um queixume,
Sua pobre tristeza abandonada,
De longe o perseguia, qual perfume
Esparso no ar, no ar desvanecido . . .

Se a tristeza é de origem animal;
Filha da carne viva e sofredora,
É de divina origem a alegria;
Não é creada em nós; vem-nos de fóra.

O Pastôr via os meigos passarinhos
E altas nuvens, voando, acompanhá-lo!
E ovêlhas, cabras, bois e cordeirinhos,
Já reunidos em volta do seu amo,
Espantados, tambem o acompanhavam . . .
E seus olhos de luz e de inocencia
Os olhos do Pastôr interrogavam,
E os olhos do Pastôr lhes respondiam . . .

E muito perto já dos Pegureiros,
Lhes disse, em alta voz que o sol divino
Penetrava de luz:

«Sêde os primeiros
A ouvir a bôa nova que vos trago!»

E logo, em volta d'ele, anciosamente,
Reuniram-se os pastôres, contemplando-o,
Com um vago terror inconsciente,
Que é profundo respeito consagrado
A quem viu perto alguem que se tornou
Mysteriosa e estranha creatura,
Porque fez coisa rara, ou lhe falou
Alguma Divindade aparecida . . .

E continua assim o bom Pastôr:

«Da luminosa sombra que projecta
A aurora ainda distante; d'esse alvor
Que o silencio da noite vae quebrando,
E subindo no céu e, ao mesmo tempo,
Apagando as estrelas e a penumbra,
Mas tão espiritual, tão vago ainda,
Que apenas nosso espirito deslumbra . . .
D'esse primeiro alvor longinquo, etereo,
Vereis maravilhados, dentro em pouco,
Nascer, ébria de luz e de mysterio,
Nova estrela do novo Nascimento!
E então os vossos olhos encantados
Hão de ver, hão de ver a nova Estrela!
As aguas hão de vê-la e os arvoredos;
Os rebanhos e os lobos hão de vê-la!
Porque ela vem ao mundo anunciar
O novo Deus Menino, o Redemptor
De quem andou perdido pelo mar,
E como morto, dorme de cançado
Sobre a praia onde as ondas o arrastaram . . .
E d'onde as mesmas ondas, n'outros tempos,
Em seus braços de espumas o levaram
Atravez de relampagos e ventos! . . .
Dorme, dorme cançado; em torno d'ele
Paira faminto corvo carniceiro . . .
Beija-lhe os pés a espuma... e ao longe... ao longe,
Nasce a eterna *manhã de nevoeiro* . . .
Dorme, dorme cançado . . . Mas, um dia,
Ha de acordar . . . É Lazaro que espera
Ouvir bater á porta do sepulcro,
As mãos em flôr da nova Primavera!

«Está para nascer o novo Deus;
O novo Deus gerado em nossas almas!
Filho da nossa terra! Pae dos céus!
Filho do nosso amôr e nosso Pae!

«Oh, vinde celebrar n'esta Montanha,
A antemanhã divina e mysteriosa,
Que está para crear a nova Estrela,
Mimo de luz, candura luminosa,
Encanto resplendente e anunciador
Do novo Deus que a Virgem Mãe Saudade
Concebeu, abrazada em santo amôr,
Para salvar os Povos e as Paisagens!»

E os Pastôres, ouvindo taes palavras,
Comprehenderam então quem era aquela
Limpida imagem viva de Mulher,
Cujo andar era musica, e de estrela
A luz remanescente de seus olhos;
E cujo vulto, ao longe, recordava
Um Luar vindo do céu que, em formatura
Humana, pelos montes, caminhava . . .
Logo viram que seus presentimentos
Não tinham sido vãos; e que essa Virgem,
Espalhando a Beleza na Montanha,
Era de celestial, divina origem!

Os Pastôres olhavam surprehendidos
Seu belo companheiro. E em voz sagrada,
Ergueram altos cantos comovidos
Que as ovelhas, extaticas, ouviam . . .
Participando assim da exaltação,

Religioso e vivo entusiasmo
Dos pastôres da Serra; e uma oração
Vaga, crepuscular, incipiente,
Da tristeza noturna dos seus olhos
Subia para o céu, tão clara e pura,
Como os cantos sagrados dos Pastôres,
Como as nuvens do mar... E a terra dura
Murmurava seu cantico mais vago...
Mas em voz alta, ao longe, repetia
O canto dos Pastôres... E no espaço,
Era um canto do sol a luz do dia!
Porque a Virgem Saudade em si contem
O luar e o sol, o outomno e a primavera;
E o nome suavissimo de Mãe
Já sobre ela descia, em luz e amôr!
Porque a bemdita Virgem da Saudade,
Em seu fecundo ventre unificava
A Morte e a Vida, o Tempo e a Eternidade;
Espirito adorado e Corpo amante!
Não ia dar seu ventre á luz eterna
O Sêr definitivo e harmonioso?
E não tinha a Saudade a sua origem
Remota n'este céu mysterioso,
N'esta bela Paisagem transcendente?
E a sua origem proxima e sensivel,
Na alma profunda, mystica e vidente
D'este Povo do Mar e da Montanha?

Por isso, a luz do sol e os bons pastôres,
Os rebanhos e os montes, encantados
Ficaram ao saber a Bôa Nova;
E andam, no ar, seus cantos semeados!

E anciosos esperam que, no céu,
Surja a Estrela do novo Nascimento
Que ha de aflorar na sombra da manhã,
Quando dorme nas árvores o vento;
Quando os passaros dormem, quando ainda
Dormem, sonhando, os homens e os rebanhos
E o silencio profundo e a sombra infinda
Longinquamente já se desvanecem . . .
E um tumido, leitoso e róseo alvôr,
Mais um sonho de luz que realidade,
Se espalha pelo Azul, anunciando,
O novo canto e a nova claridade.

XV

MARÁNOS E A PRIMAVERA

Já tres luas passaram, e com elas
Dezembro e as frias chuvas; o Janeiro
E essas noites de lucidas estrelas
E de luar divinamente claro.
Passára o Fevereiro; e as andorinhas
Tinham trazido Março ... As grandes aguias,
Doidas de luz, pairam, no ar, sósinhas,
Fitando de alto a terra ... E a branca neve,
Indiferente e fria em seu alvor,
Por milagre do sol resuscitado,
Acorda para a vida e para o amôr
Em cascatas de risos e de lagrimas.
Vae-se a humidade em nevoa; foge a sombra;
Nasce a canção e o beijo ... Que alegria
De saudavel mulher adolescente,
Sorri nas fontes, no ar, na luz do dia!
E como os passarinhos ao nascer,
As árvores já têm penugens verdes,
Mas ainda tão subtis que deixam ver
As angulosas formas dos seus ramos.
E da vasta distancia circular,
Vem uma aurora, um halo de verdura,
Como divino incendio a irradiar
Seu radiante viço enverdecido ...
E uma embriaguez sagrada e derivante

Do licoroso sol da Primavera,
Exalta o coração do sêr amante
E o coração das pedras e das árvores!
E n'essa embriaguez, pela Montanha
Marános perseguia o vulto amado
Do seu Desejo ardente que nascia
Da agua, do ar mais quente e perfumado.
A luz do sol corria-lhe nas veias;
Na aza do ar voava a sua alma!
E as abelhas, em volta das colmeias,
Já seus novos zumbidos ensaiavam.
Uma Aleluia esparsa, indefinida,
Dimanando das cousas, resoava
Pelas gothicas naves dos pinhaes . . .
E a Penumbra, de bruços, murmurava,
Vencida pelo sol que a voz divina
Do sempiterno Amôr, chamou á luz!
A mão que ás plantas abre os verdes olhos,
Foi a que abriu a campa de Jesus.

Nasce a luz! Nasce a luz! A verde côr
Ondula em verdes ondas vegetaes!
Nasce a luz, e com ela nasce o amôr;
A rosa e o beijo são do mesmo ventre . . .
Irmãos gemeos que a Luz despida e bela,
Estatua transparente de harmonia,
Amamenta em seus úberes de estrela,
Nas clareiras idylicas dos bosques.
E o tronco secular rejuvenesce,
Quando sente tocar-lhe, de mansinho,
Sua nudez de Virgem que estremece,
E quer fugir, ao vêr-se contemplada . . .

E Marános, seguindo a sombra viva
Do seu grande Desejo, descobriu
A figura gentil e primitiva
De edenico perfil, que é a Primavera.
Seu doce e fino Vulto adolescente
Era uma nevoa humana e luminosa . . .
E em seus olhos de luz amanhecente,
Igneas, risonhas lagrimas cantavam!
A boca era uma rosa inda em botão;
E a sua loira trança virginal,
Chama doirada ao vento, lhe vestia
O corpo em flôr de carne vegetal . . .
Com um lyrio na mão, e sobre a fronte
O resplendor da aurora, na Montanha
Andava distrahida; e no horizonte
Punha a inocencia verde dos seus olhos . . .
E o horizonte mandava-lhe um sorriso
De luz e de ternura . . . E a Primavera,
No seu formoso e alegre Paraiso,
Fazia cair em louca tentação
Marános que lhe disse:

«Ó virgem Flôr,
Eu falo com os Deuses; e portanto,
Deixae-me que vos fale d'este amôr
Que já por vós eu sinto e que me abraza!
Doce filha do sol e irmã da Terra,
Eu sou filho dos homens; eu descendo
Do Drama e vós do Idylio; mas, emfim,
Eu amo, eu sinto, eu vejo, eu compreendo
O vosso coração . . . Ó Divindade,
Esta sombra interior do meu espirito

Tem fome da perpetua claridade
Que vos envolve o corpo e é o vosso corpo!
Eu sou filho da Dôr! o desprezado
Descendente da terra, que ficou
N'este mundo perdido e abandonado,
Exposto ao frio, ás chuvas, aos relampagos!
Sou o filho que a mãe amaldiçôa,
Dizendo: — não mereces meu carinho!
Sê vagabundo, entrego-te a ti mesmo!
Foge de ao pé de mim; vive sósinho!
O que te fôr preciso, pede-o a ti,
Porque nada te dou! — E d'esta fórma,
Trabalhando e sofrendo, eu aprendi
O que sabem os outros animaes!
Porque a terra ensinou-os desde o Principio;
Mas a mim desprezou-me! Ó Primavera,
Tem piedade do sêr abandonado!
Ah, veste-me tambem de folhas de hera!
Venha ao meu coração tua frescura
E aos meus olhos a tua claridade!
Venha a mim o teu reino de candura,
Viçoso mimo e graça florescida!»

E a bela Primavera, n'um sorriso
De flôr que ainda recorda a vez primeira
Em que desabrochou no Paraiso,
Quando o Verbo divino se fez Luz...
E como distraida respondeu:
(Sua voz espalhou-se virginal
Nos sonorosos vales, onde os echos
Retinem como em fundos de metal)

«Sou brando despertar dum somno leve...
Ao meu halito quente e perfumado,
A insensivel, a branca, a fria neve
Em comoção de lagrimas se funde.
Com minhas puras mãos reverdecidas
Abro os olhos somnambulos das árvores
Que, sobre a terra, ao verem-se despidas,
Sentem subir o sangue á flôr do rosto.

«Sou brando despertar d'um somno brando...
E mal ouve meus passos, logo acorda
A brisa que, no espaço, vae tentando
Suas azas de espirito invisivel...
Já vôa... e dir-se-ha que, ao pé de nós,
Passa um Anjo do ceu, tão fugitiva
Impressão de carinho e suavidade
Deixa na fronte humana e pensativa.
E ao meu halito vivo, os olhos abre
O sol turbado, escuro e somnolento...
Onde ponho os meus pés floresce a terra:
Faz-se a luz onde ponho o pensamento!
Ah, sobre tudo, as arvores eu amo!
São creaturas simples, naturaes...
Deixo risos de flôr em cada ramo
E sou verdura alegre nas folhagens...
Amo a Inocencia virgem que me encanta
E que é meu proprio espirito divino;
Amo tudo o que vive, sonha e canta
Á superficie angelica das cousas.
Mas o sêr que dá sombra a todo o mundo;
Aquele estranho sêr onde encarnou
Esse pêso que o faz descer ao fundo,

De noturnos abysmos insondaveis,
Jámais, jámais o poderei amar!
Nem sei bem quem ele é; mal o conheço
De o ver, como um phantasma, perpassar
Nás trevas que derrama em volta d'ele!

«Sou brando despertar d'um somno brando.
Por mim e em mim, resuscitou Jesus,
Porque Jesus é irmão dos arvoredos.
Vagueio n'estes cêrros, onde puz
Meu sorriso mais leve... delicada
E rasteirinha flôr de cheiro errante...
Musgo de fraga... eterea revoada
De andorinhas que passam, como as nuvens.

«Sou brando despertar d'um somno brando.
De dia, as rosas toucam minha fronte;
De noite, o leve sôpro da Penumbra
Traz-me frescuras limpidas de fonte,
Adormeço n'um sonho... nasce a lua...
O meu espectro acorda, e vagamente
No silencio chimerico fluctua,
Como a primeira imagem da manhã...»

E Marános ouvira com tristeza
Aquela voz de Alguem que lhe fugia...
E em desespero de alma, como um doido,
Falava, sem saber o que dizia!
Ou desolado chôro o sufocava!
E, de repente, viu que perto d'ele,
Mais viva e mais profunda, o contemplava,
Com mais profundos olhos, a Saudade...

XVI

O NASCIMENTO

Ahi vem a Estrela, ahi vem sobre a Montanha,
Rompendo a sombra eterea do crepusculo!
A Paisagem tornou-se mais estranha,
Mais cheia de silencio e de mysterio...
Dormem ainda as arvores e os homens;
E nem sequer acorda a cotovia
Que, se ergue já seu canto, é porque sonha
E julga vêr, sonhando, a luz do dia.

E pelos negros pincaros, a Estrela
É divino sorriso alumiante...
Como é tão bela, olhae! como é tão bela!
É lyrio de oiro aberto! é rosa a arder!

Ahi vem a Estrela, ahi vem sobre a Montanha!
Tão virginal, tão nova, que parece
Sair das mãos de Deus a vez primeira!
E como sobre os montes resplandece!
O sol persegue-a, sim; já no Levante
Vagamente se espalha a sua luz...
E a Penumbra não sabe, ainda hesitante,
Se acaso ha de ficar, se ha de partir!

Ahi vem a Estrela alumiando a Serra!

E os olhos dos Pastôres encantados,
Voltam-se para o céu . . . E sobre a terra
Ha tristezas que fogem . . . sombras vagas . . .»

Como ela vôa scintilando e rindo
Aos penhascos agrestes e desnudos!
E os Pastôres, no mundo, vão seguindo
A direcção eterea do seu vôo . . .

E a Estrela foi voando . . . foi voando,
E parou sobre a Ermida, onde a Saudade
Vestia o Deus Menino já nascido,
Com seu manto de amôr e claridade.
E amparando-o nos braços, lhe estendia
Os seios maternaes; e a Creancinha
Mamava; e a Saudade lhe sorria
N'um enlevo, n'um extase sagrado . . .

E a Primavera, errante na Montanha,
Veiu cobrir de lyrios e de rosas
O berço do Menino . . . e aquelas flores,
Brilhavam como estrelas radiosas.
Depois, ao pé do berço, ajoelhou.
Veiu o Outomno tambem . . . E a Primavera
Seu amoroso cantico entoou
De alegria, de vida e de esperança!
E o Outomno rezava a sua prece
De crepusculo e bruma . . . E logo o Sol,
Entrando pela porta, eis que aparece
Junto ao berço sagrado . . . E toda a luz
Do céu veiu com ele! E veiu a Noite . . .
Vieram as avesinhas que deixaram,

Pela primeira vez, abandonados
Os filhos pequeninos . . . E cantaram
Em louvor do Menino e da Saudade!

E Marános, alegre, contemplava
Tornar-se Vida, Amôr, Fecundidade
Sua antiga Tristeza mysteriosa!
E ao vêr a propria alma da sua Raça
Crear a Virgem Mãe d'um novo Deus,
Eis que á flôr dos seus labios esvoaça
O sorriso suprêmo da victoria!

E a Saudade, n'um doce e luminoso
Gesto de amôr, tomando novamente
O Menino nos braços, o embalava;
E sobre ele inclinava, docemente,
A fronte aureolada. E uma canção,
Que era feita de todas as cantigas,
Mais n'um murmurio brando de oração
Que em voz alta, cantava . . . E o Deus Menino,
Com os olhos abertos e espantados,
Que dão mais luz ainda do que vêm;
Luz de inocencia e graça penetrando
De alegria materna sua Mãe,
(Alegria de Mãe, flôr dedicada
Que á mais suave aragem logo treme
E se torna tão palida e assustada!
E nem as folhas bolem de mansinho,
Nem as pênnas caídas estremecem!)
—Com os olhos abertos, n'um espanto,
Tentava receber as sensações
Do mundo, o seu divino e etereo canto . . .

E aquele bom Pastôr a quem Marános
Havia anunciado o Nascimento,
Sentia, em seu espirito, surgir,
Envolto n'um astral deslumbramento,
O mistico perfil d'um novo Sêr:
Um luminoso Deus que dissipava
Seu antigo crepusculo interior,
Onde um Phantasma tragico reinava!

E o novo Deus crescia. Em volta d'elc,
Plantas daninhas, urzes e silvêdos
Morriam, por que ele era a Arvore Nova
Dominando os mais altos arvoredos!
Ele era a Arvore Nova; e a sua sombra
Purificava a terra onde crescêra;
Terra florida, sim; mas por virtude
Da sua intima e virgem Primavera!
Terra santa e liberta por essa Arvore
Divina e toda em flôr... Ó terra erguida,
Á altura espiritual da Eternidade,
Eis que outra vez a Morte foi vencida!

Alguns dias passaram. E Marános
Disse que ia partir á sua Esposa,
E que a deixava entregue ao puro amôr
D'esta leal Paisagem montanhosa.
Mas a Saudade, ouvindo taes palavras,
Chorou (é sempre triste a um sentimento
Vêr-se longe da Alma que o criára!)
E n'um interior encantamento,
Marános abraçava-a, e lhe dizia
Que tinha de partir, mas dentro em pouco,

Por uma clara noite, voltaria.

E, por entre soluços, a Saudade:

«Eu sei! eu sei a Voz que te chamou!
Voz que ilumina os pincaros da Serra
E que meu sêr antigo transformou
N'este corpo de espirito em que vivo.»

E mais serena, então lhe disse: «Parte!
Cumpre a sua vontade: é teu destino!»

E beijando-o nos labios, e tomando
Em seus braços de Imagem, o Menino,
Subiu a um alto pincaro escarpado,
D'onde ela, por mais tempo, contemplasse
O vulto de Marános bem amado.

E sósinha, de pé, sobre um rochedo,
Disse-lhe um longo adeus. E já distante,
Marános, ancioso, para traz,
Volvia o rosto triste, a cada instante . . .
E parava scismando. Mas, ao longe,
O corpo da Saudade, vago e incerto,
Perdia-se no ar que se turvava . . .

Anoitecia. A Serra era um deserto.
E Marános seguia o sèu caminho.

XVII

REVELAÇÃO FINAL

Já se fizera a noite, e a lua nova
Da sombra do horizonte já nasceu,
Com o mesmo segredo e a mesma graça
De outrora, quando, palida, empeceu,
Por entre a nevoa branca, em sitio êrmo,
A Marános, no instante mysterioso
Em que ele viu surgir para os seus olhos
A sombra de Eleonor...
Um vaporoso
Sonho pairava no ar... tudo envolvêra...
A Montanha scismava... E o Caminhante
Como que, ao lado d'ele, percebêra
Vago rumor de passos... Era Alguem.
E Marános, surprêso, de repente,
Avistou Eleonor que se tornára
Mais nitida e mais viva; e claramente
Emergia seu Vulto da penumbra.
Em confusão trazia a negra trança
Que o saudoso espirito do sol
Beijava... Ela era *Ophelia* enlouquecida,
Era a *Menina* e *Moça* e o *Rouxinol*...

E aquele Vulto mystico e sombrio,
Á luz da lua nova, caminhava.

E a sombra que fazia, era o luar
Que deante d'ele, humilde, se apagava...
E nem sequer Marános se atrevia
A falar-lhe baixinho... a voz humana
Comovida é silencio, e a luz do dia,
Sempre que se comove, faz-se noite!

E na sua fronte séria, a lua nova
Espalhava seu vago encantamento...

Que solidão! Que noite! Que silencio!
Dormia sobre os pincaros o Vento...
Era quasi sensivel o gemido
Do luar nas aréstas dos rochedos
E o perpetuo queixume indefinido
Que se exala das cousas sempre mortas.
Que silencio! Que noite! e solidão!
Dir-se-hia ouvir-se a voz do Mar!... Quem sabe
Se aos pincaros longinquos do Marão
Chega a anciedade múrmura do Mar?

Que noite! Que silencio! A Serra enorme
Em confusões distantes se turbava...

Sempre ao pé de Marános, Eleonor
Emudecida e triste caminhava.

E Marános, em grande sobresalto,
Andava, sem falar... De vez em quando
Tremia... era um rochedo a sonhar alto,
Eram as sombras palidas da Noite...
Depois, vinha um silencio mais profundo...

E por ele passavam, de fugida,
As *imagens dos sêres e das cousas*
Que mais o perturbaram n'esta vida.
E as Imagens passavam longamente . . .
E via-se Eleonor no meio d'elas
Falando estranha lingua transcendente.
Mas, ai, ninguem consegue perceber
O que dizem as almas entre si!

E Marános, o eterno e doido amante,
Sentia-se agitado e dominado
Por um alto delirio madrugante . . .
Pois n'ele, angustiado Creador
E alegre Creatura espiritual,
A morte, que é o espirito do amôr,
E a vida, que é seu corpo transitorio,
Batalhavam sem treguas, para vêr
Qual d'elas, por acaso, alcançaria
A palma da victoria!
E então Marános.
Vendo seu coração que entristecia,
Dirigiu-se a Eleonor, e assim lhe disse:

«Deusa que me acompanhas e ordenaste
Que seguisse teus passos pela noite,
E aos meus olhos humanos revelaste
A vida espiritual da Natureza,
A vida que tu vives, e que foi,
N'um momento fecundo de beleza,
Gerada em minha propria fealdade,
— Onde me levas, dize, á luz da lua,
Atravez do silencio e da Montanha?

Acaso vaes cumprir tua Promessa?
E por fim, se aproxima a hora estranha
Da suprêma e final Revelação?
Mas eu vejo teu rosto mais velado,
Como vestido em brumas e silencios . . .
E n'um infindo gesto maguado
Tu falaste ás Imagens que povôam
Os montes que em minh'alma se alevantam . . .
E soturnas visões mysteriosas
Beijam-me os olhos negros que se espantam!
E as saudades que levo da Saudade,
Perseguem-me, de perto; e bem lhes vejo
Os seus vultos de sombra e de piedade,
Á luz da lua nova . . .
Ó meu amôr,
Porque és mais triste agora do que d'antes?
Mais profundo é o silencio no teu rosto,
Mais êrma a solidão da tua fronte . . .

«Ah, para onde me leva o teu Desgosto?»

Eleonor continuava caminhando,
Extatica, saudosa e comovida,
Debaixo das estrelas espreitando
A sua doce e mystica Figura
E todos os seus passos e o caminho
Que ia seguindo, á tôa, pela Serra . . .
E a lua nova, deante de seus pés,
Punha um macio alvor na dura terra . . .
E em luminosas sêdas envolvia
Aquele brando Corpo espiritual . . .
E beijava-lhe os labios e sorria

Na transparencia triste de seus olhos
Que uma lagrima, em nevoa, enevoava . . .

Eleonor na grande solidão,
No infinito silencio, caminhava,
Com a fronte inclinada, sob o pêso
Que faz descer á terra a luz do luar . . .

Emfim, volvendo os olhos a Marános
Que o fôram, de repente, alumiar,
Lhe disse:
«Eu bem conheço o teu Desejo
O que ele tem de bruta densidade
Compôz meu esqueleto; e a sua parte
De mais pura e perfeita suavidade
É a rosa d'esta carne florescida,
Luz d'este sangue vivo que me anima . . .
E o que ele, em ti, possue de transcendente
E mistica esperança radiosa,
Fez a luz dos meus olhos e a inocente
Expressão do meu rosto que te veste
E trespassa de sonho e de ternura . . .

«Por isso, eu bem te conheço o teu Desejo
Que excede as proprias formas da Natura!
Conheço o teu Desejo . . .
Continua
A viagem nocturna pelos êrmos . . .
Antes de se esconder a luz da Lua,
Serás comigo, ouviste? no meu Reino.»

Dizendo estas palavras, Eleonor

Tornára-se mais triste e pensativa . . .
E em seus olhos voltados para os astros,
Uma lagrima eterea e fugitiva
Scintilou ao luar que, dentro d'ela,
De chimerico, vago, quasi sombra,
Reduziu-se a pequena e clara estrela:
Nucleo de fogo em seios de penumbra,
Beijo vivo fundido em luz mortal . . .

E a lagrima caiu sobre a Montanha.

E Marános, que a vira por seu mal,
Nascer, brilhar, morrer, n'um só instante,
Em fogo a recebeu no coração,
Ah, muito embora a lagrima caisse
Ali, n'aquela funda solidão
Da nocturna Montanha mysteriosa . . .

E Marános lhe diz: «Mas d'onde vem
Essa tua tristeza? Porque choras,
Ó minha doce Filha e minha Mãe?
Vêr-te sofrer é mais do que sofrer!»

E Eleonor: «Descança, que eu não sofro;
Eu vivo além de todo o sofrimento!
A lagrima que viste nos meus olhos
Brilhar ao luar, tremer á voz do vento,
Fôste tu que a choraste, não fui eu . . .
E a tristeza que vês na minha fronte,
Pertence-te sómente; a ti desceu
Da lua, que ela é o rôsto da tristeza.
Mas ainda tem, eu sei, uma outra origem

Que nunca saberás . . . Ai, dos que tocam,
Tomados de loucura e de vertigem,
A fonte d'onde as lagrimas dimanam!

«Será tua tristeza o meu segredo . . .
O Espirito jámais pronunciou
A ultima palavra . . . E d'esta fórma
Um silencio perpetuo derramou
Por sobre a Natureza indefinida . . .

«Segue meus passos, sim, n'este silencio
Que essa minha palavra nunca ouvida
Espalha pelos ceus e pelos montes . . .

«Vae seguíndo os meus passos . . .»

E as palavras
De Eleonor pairaram no profundo
Abysmo . . . etereo orvalho de harmonia . . .
Verbo de luz . . . canção de além do mundo,
Alumiando os ouvidos de Marános . . .

Figuras espectraes alevantavam
O busto negro acima do horizonte,
E vagamente, no ar, gesticulavam
Para a lua turbada, já indecisa . . .
E sobre os altos pincaros de terra,
Ha pincaros de nuvens, desenhando
Altitudes chimericas de Serra.

E como branca Nuvem entre nuvens,
Eleonor continuou a caminhar . . .

E a magua radiante do seu rôsto,
Via-se bem na sombra, era um luar.

E as *Imagens das Cousas* a seguiam . . .
Algumas mais alegres . . . do Presente;
Outras então mais tristes . . . do Passado . . .
Antiga Primavera florescente,
Um velhinho luar de lua cheia,
Perfis de Avós nascendo da penumbra,
Um ermo outeiro, um rio, amada aldeia,
Manhãs de sol, infancia, cantos de ave,
Pinhaes, ao vento gélido, carpindo . . .
Antigas creaturas que deixaram
Gravadas, dentro em nós, um gesto lindo,
Uma expressão de olhar imorredoira . . .

E entre as êrmas Lembranças, a sorrir,
Percebia-se o vulto da Esperança.
Era a Imagem das cousas que hão de vir,
A divina lembrança do Futuro.
E Marános mais calmo e pensativo,
Caminhava no meio d'esse mundo
Que nascêra perfeito, eterno e vivo
De sua imperfeição e propria morte.
Ele era o Creador comunicando
Com a sua divina Creatura;
Era a terra, n'um extasis, ouvindo
Seu verbo, todo em flôr, na selva escura;
Era a Flôr e o Perfume, n'um dialogo
De sympatia cósmica e amorosa,
Mas flôr não satisfeita d'esta vida
Efémera, carnal e dolorosa . . .

. . . . . .

E já n'um sonho vago e imaginario,
Seu corpo se afundava e diluia . . .
E logo viu faltar-lhe suavemente
O bruto e tôrvo pêso que o prendia
Á noturna paisagem da Montanha . . .
Seus olhos mal pousavam sobre os altos
E penhascosos sêrros que uma estranha,
Religiosa luz transfigurava . . .

Tão sensivel Marános se tornou,
Que sentia pousar-lhe sobre a fronte
A luz imponderavel das estrelas
E a imponderavel sombra do horizonte . . .
E as cousas de mais tôsca realidade,
Já desmaiadas, já desvanecidas,
Sumiam-se na luz do seu espirito
Como velhas lembranças esquecidas . . .
E Eleonor mais presente e mais perfeita,
Era a Imagem de carne, a Fórma pura;
Era um Marmore vivo e caminhante;
Era, em alto relevo, a Formosura!

E Marános, já quasi desprendido
Do seu antigo Reino da Materia,
Como quem julga voar enlouquecido,
Por um vento de sonho arrebatado!
E liberto das nuvens, e já proximo
Da Origem, d'onde brotam n'um fulgôr,

As estrelas que ardendo nos abrazam
Em viva sêde mystica de amôr!
—Sentia-se morrer! . . .
Assim a Noite,
Extatica, parada, ao vêr o dia,
Sente morrer n'aquelas mãos de luz,
Seu corpo de penumbra e de agonia . . .

Sentia-se morrer! . . . E em volta d'ele,
Era um adeus imenso a Natureza!

E o rôsto de Eleonor, que se vestira
De tão suave e nitida beleza,
Até ali tão presente e verdadeiro,
Dos olhos de Marános se afastava . . .
E uma fórma de sombra e nevoeiro
Seu Vulto ia tomando . . .
E então lhe disse
Marános, já prostrado sobre a terra:

«Porque foges de mim, ó Divindade,
Quando me foge a vida?
Tu que fôste
A Estrela de constante claridade,
Dirigindo meus passos pelo mundo,
Porque me foges, dize, no momento
Em que meu sêr animico e profundo
Parece que se anima com a vida
Que vae meu frio corpo abandonando? . . .»

E Eleonor, n'uma voz de sombra morta
A um sôpro de silencio tremulando,

Já prestes a apagar-se, respondeu:

«Chegou, como tu vês, o grande instante
Da sublime e final Revelação!
E não mais me verás, pois de oravante,
A minha propria vida viverás...
Viverás minha vida, o que é melhor
Que apenas contemplá-la. Eu não te fujo;
Mas antes meu Espirito de amôr
A nenhuma distancia está de ti!
Por isso, não me vês; eu já sou tu!
É minha a tua voz; em mim existe
O que fôste e has de ser...»

E então, Marános,
Caido na terra, sob a noite triste,
N'um intimo lampejo derradeiro,
Deslumbrado, julgou que não morria!
Era a imagem sagrada de Eleonor
Que, mais remota e vaga, lhe fugia...
E estes gritos saíram-lhe abafados,
Da garganta convulsa: «Ó minha alma!
Minha tristeza!»
E os echos acordados
De leve, repetiram: Minha... alma!...

Veiu o grande Silencio, sem demora,
Fechar-lhe os frios labios para sempre.
E sobre as fragas rusticas, a Aurora
Em oiro amortalhou seu corpo morto...

XVIII

A SAUDADE E A SOMBRA DE MARÁNOS

Alguns anos passaram. E a Saudade
Á ausencia de Marános mais afeita,
N'aquela montanhosa soledade
Vivia com o Filho, a quem a Terra
Seu intimo segredo ia dizendo;
A quem o luar falava n'um murmurio
Baixinho de crepusculo, escondendo
Os afastados sêrros solitarios...
A quem o sol falava, quando erguia
Seu abrazado busto além das nuvens
E acima do horizonte que prendia,
N'um circulo de bronze, o seu olhar
Desejoso e faminto de Menino.

Já sua alma, voando, se elevava
Áquele monte tragico e divino,
D'onde Tudo se avista e d'onde outrora
A Tentação do mundo apareceu
Aos olhos de Jesus...

E a Virgem Pura,
Passeando, com amôr, á luz do céu,
Enlevada no Filho estremecido,
Subia, muitas vezes, ao mais alto

Pincaro da Montanha, e olhava . . . olhava,
N'um profundo e ancioso sobresalto,
As brumas da Distancia, onde Marános
De seus olhos amantes se escondêra,
Perdendo-se na noite que descia . . .

Uma noite de calma Primavera,
Em que ha beijos esparsos na penumbra! . . .

E dentro em algum tempo, o seu Menino,
Já crescido, liberto e dominado
Pelo céu que o chamava e pelo mundo,
Disse-lhe adeus tambem. E alvoroçado
Partiu . . . Já entre os Povos ele vive,
Cumprindo o seu destino redentor;
Plantando, em cada leira, a nova planta
E dando a cada ramo a nova flôr
E uma nova esperança a cada sêr . . .
E dando, sobre tudo, ao nosso Povo
A alma que ele outrora viu morrer,
Perfeita, esclarecida e revelada . . .

Mais só ficou, então, n'aquela Serra
A Virgem da Saudade; a Gloria, a Graça,
O mystico Esplendor da nossa terra,
Sua Flôr evangelica e divina.

Unicamente os êrmos Pegureiros
A adoravam, de longe . . . as avesinhas,
Em seu louvor, cantavam . . . e os primeiros
Raios de sol toucavam-na de rosas . . .
E aureolava-lhe a fronte o luar dorido . . .

E de branduras palidas de sombra,
Tapetava-lhe o chão endurecido
A mysteriosa Noite caminheira . . .

E a Saudade, rezando pelo Filho
Em santa voz baixinha que murmura,
Olhava pela flôres da Montanha,
Para entreter assim sua ternura . . .

E solitaria e triste, a cada instante,
Sobe ao mais alto cume, e espera . . . espera
Aquele coração do amor constante,
O seu amado Esposo que já tarda . . .

E sósinha, de pé, sobre os penedos
Onde as nuvens pousavam, pelo outomno,
Ia a Noite encontrá-la meditando,
No mais sombrio e tragico abandono . . .
E ás vezes, conversavam longamente
Ácerca de Marános, pois a Noite,
Tendo na fronte palida o Crescente,
Durante o seu caminho, o acompanhára . . .

E a Noite: «Que infinita sympatia
As pequeninas luzes têm por mim!
Desmaiadas e trémulas, de dia,
Como brilham alegres, no meu seio!

«Sou a imagem da Dôr e do Mysterio!
E tudo me confia os seus segredos . . .
A minha vara estranha de condão
As aves adormece e os arvoredos;

Bate na fronte humana, e as faz sonhar!
Assisti ás Origens; dos meus olhos
Tombou a imensa lagrima do mar,
E vaguei sobre as aguas do Diluvio . . .»

E a Saudade, n'um gesto melancolico
E vago, respondia: «Eu sou aquela
Noite em que a luz das almas resplandece,
E em que desmaia e morre a luz da estrela . . .
Tu conheces a Origem; eu conheço
O Fim das cousas. Tudo quanto existe
Vem encontrar, em mim, a Vida Eterna;
Vem a mim todo o Espirito que é triste!»

E a Virgem Mãe, sentada sobre as fragas,
E a Noite conversavam . . . E em seguida,
Dirigia-se a Virgem solitaria,
Atravez dos penhascos, para a Ermida.
Ia sósinha, olhando os êrmos montes,
Sobre um chão de penumbra e de chimera,
Ouvindo a voz somnambula das fontes
Que por ela corriam, sem descanso . . .
E n'essa voz das aguas, n'essa rytmica
Alma que sobe em nuvem, a Saudade
Matava a sêde, á tarde . . .
E n'outra voz,
D'entre nevoas nascida em claridade,
Cantava, povoando a solidão
De Sombras e de Espiritos divinos:
Perfis de sonho e Vultos de emoção
Que depois lhe cantavam, na distancia . . .

E a Saudade chegava á grande altura
Do sol; ia nas azas do seu canto...
E o sol, ao vêr-lhe a mystica figura,
Em comoções de sombra, anoitecia...

Nos seus cantos, a Virgem se elevava...
Eram Anjos voando além das nuvens;
Sob os seus pés a lua já ficava,
E a estrela de alva ardia-lhe na fronte...

Depois, baixava, triste, sobre a Terra,
Nas azas do Silencio...
E novamente,
Pelos vales e pincaros da Serra,
Vagueava o luar da sua Imagem...

E a Saudade cantava! Para ouvi-la,
Vinham, de longe, espectros de arvoredos...
Vinha a sombra do Mar e vinha a Noite
Rodeada de espantos e de mêdos...
Vinha a sombra divina de seu Filho,
Para ouvi-la cantar...
E n'um sor-pôr,
Veiu tambem a sombra de Maránes,
Atrajda pelo cantico de amôr
Que a Virgem, sobre os pincaros, cantava!
E ao ver junto de si o Esposo amado,
Com que prazer, tão intimo, o beijava,
Dizendo: — «Agora és meu; só me pertences;
Vives da minha vida; és do meu Reino!»

E deixou de cantar. E em companhia

D'aquele Sêr animico e perfeito,
Inefavel, extatica, vivia . . .

Vivia, e vive, e sempre viverá!
Pois tudo, tudo, ha de passar, emfim!
O Homem, a propria Terra passará!
Ha de passar a Noite, a luz do Sol!
E tudo passará . . . Mas a Saudade
Não passará, jámais! Ha de ficar,
Porque ela é o Infinito e a Eternidade,
Sobrevivente aos mundos e ás estrelas.

1910.

INDICE

	Pag.
I — Marános e Eleonor	7
II — Marános e a Pastora	19
III — Marános, Eleonor e a Pastora . .	31
IV — Marános e a Paisagem	41
V — Chegada de Marános á Montanha .	53
VI — Marános e a Sombra do Marão . .	65
VII — Marános e a Saudade	77
VIII — Marános e o Outomno	93
IX — Marános e os Deuses	105
X — Marános, Eleonor e a Saudade . .	115
XI — Marános, a Saudade e Dom Quixote	129
XII — Anunciação	141
XIII — Os Pastores.	157
XIV — A Bôa Nova	175
XV — Marános e a Primavera.	181
XVI — O Nascimento	187
XVII — Revelação final	193
XVIII — A Saudade e a Sombra de Marános	205

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
V276M3
1920

Vasconcelos, Joaquim Pereira
Teixeira de
Maranos

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 13 002 4